S.Ireneu de Lião - CONTRAS AS HERESIAS (até Livro II - Parte A)

Por Helcion Ribeiro

A estrutura deste estudo de santo Ireneu tem, basicamente duas partes: apresentação das teorias heréticas e a refutação delas pela doutrina cristã; serão combatidas as primeiras e fortificada a segunda; demonstradas as limitações e falsidades das primeiras para enfatizar o acesso e vivência do Deus verdadeiro, comprovação e sustentação da veracidade da segunda; salientar a falácia das primeiras e indicar a segunda como fonte de vida.

Os cinco livros não são o resultado intencional do esquema original. O desenvolvimento da pesquisa de Ireneu exigiu-lhe a ampliação física dos estudos, apesar de que no I livro se afirma a intenção de inicialmente apresentar as heresias e depois refutá-las; mas já no 111 livro o autor promete tratar alguns argumentos em livros posteriores. Parece que o plano inicial foi sendo modifica- do e ampliado à medida da necessidade, mesmo que se tenha conservado a intenção primeira de duas partes (apresentar as heresias e depois os cânones da verdade). O conjunto da obra revela pois certa complexidade e freqüentes repetições - que em certo sentido tornam cansativa a leitura a um espírito cartesiano ou matemático; tal fato também se prende a intermitência com que Ireneu escreveu seu estudo em meio às atividades episcopais. Todavia, Adversus haereses, como tradicionalmente é conhecida esta obra é uma exposição convincente, sim- ples e persuasiva da doutrina da Igreja, além de ser a única fonte atual para o conhecimento dos sistemas gnósticos e a teologia da Igreja dos Padres, do final do século II.

O título e as diversas ênfases do texto dão a própria estrutura do livro:

1. Exposição do sistema gnóstico e suas variações, "segundo princípios que por si só bastariam para refutá-los" (breve resumo da doutrina da Igreja -I livro).

2. Refutação dos falsos conhecimentos:
a. com argumentos racionais, apelando às regras da fé e de acordo com a Tradição (lI livro);
b. com os ensinamentos dos apóstolos contidos na Escritura e na Tradição (lII livro);
c. com as palavras do Senhor (palavras claras e parábolas), contidas tanto no A T quanto no NT -pois que as palavras escritas no Antigo Testamento são palavras de Cristo (IV livro);
d. ainda com outras palavras do Senhor, epístolas apostólicas, especialmente de são Paulo (doutrina da ressurreição da carne e recapitulação -V livro).

O Adversus haereses - foi escrito depois do ano 180, enquanto os três primeiros livros o foram durante o pontificado do papa Eleutério (175-189) e os dois outros, durante o do papa Vítor (189-198).

O texto original era em grego e foi perdido; todavia dele foram encontradas citações nas obras de Hipólito, Eusébio de Cesaréia e, principalmente, de Epifânio (que em sua obra Panarion reproduz quase todo o I livro ou em alguns papiros. E. Ter-Minassiantz descobriu e publicou uma tradução literal em armeno do IV e V livros. Da tradução siríaca foram encontrados 33 fragmentos.

A tradução latina - segundo autores como H. Jordan e A. Souter - teria sido feita na África Setentrional, entre 370 e 420; H. Koch afirma ter sido já utilizada tal tradução por Cipriano, antes pois de 250; W. Sanday diz que ela já existiria pelo ano 200. É certo que santo Agostinho conheceu o texto latino, tendo-o utilizado à farta; também o conheceu Tertuliano.

Este longo e apologético estudo é a mais antiga discussão sobre as heresias de que se tem memória. Ele teve aceitação muito grande e sucesso tal que conseguiu estabelecer bases mortais para o gnosticismo e critérios para o fazer teológico.

Com a perda de influência dos santos Padres, a partir do século IV, santo Ireneu foi caindo também no esqueci- mento; a Idade Média o ignorou, somente no século XVI é que foi redescoberto através de uma edição parcial Adversus haereses, em 1526, por Erasmo -que chamava com carinho o seu autor de "meu Ireneu".

O texto latino antigo foi retraduzido e recebeu maior elegância; em 1710, o beneditino Massuet introduziu os subtítulos e a divisão em números atualmente em uso, uma vez que o autor apenas subdividiu sua obra em cinco livros.

O desenvolvimento e a própria exposição do livro não mantêm uma evolução constante; muitas vezes é prolixo, cheio de digressões e repetições -o que, por um lado, o torna um pouco cansativo, e por outro cheio de paixão apostólica. Santo Ireneu não foi especulativo, nem erudito nem homem de ciências; era homem de fé e da Igreja, bispo e, em sentido largo, "homem apostólico", isto é: que viveu no e do ambiente apostólico.

Um caráter prático é o objetivo desta obra: defender o "depósito da fé" contra os heréticos (sobretudo gnósticos), e expor com clareza aos fiéis o "cânon imutável da verdade". Nem preocupação científica, nem artística, mas como ele mesmo dizia: "Tu não procurarás junto a nós -que vivemos entre os celtas, e que usamos costumeiramente a bárbara língua deles - nem a arte da palavra -que nunca aprendemos -, nem o vigor do estilo -que não procuramos; mas o que, de forma simples, clara e pura, foi escrito para ti com amor, tu com amor o acolherás, e desenvolverás por ti mesmo, pois que és um dos mais capazes entre nós -a quem te demos, por assim dizer, o germen e os princípios" (Adv. haer., I, Introdução, 3).

Contra as Heresias - Livro I - Prólogo

Por Floro de Lião pelo ano 860

Tradução: Lourenço Costa

Fonte: Coleção Patrística Ed. Paulus Volume IV

Existem cinco razões, que a nosso modo de ver, evidenciam não ser supérflua a estafante atividade de transcrever este livro. Primeira, porque é raríssimo, pois caído o silêncio sobre as heresias, destruídas em nossos dias com insólita violência, quase ninguém mais se anima a manuseá-Io. Segunda, que o autor é antigo, próximo aos tempos apostólicos e por isso digno de fé. Terceira, que tudo quanto escreveu a propósito dos heréticos não reco-lheu só

por ouvir dizer ou por fama, mas ouviu ensinar em grande parte pela viva voz de tais mestres e com os próprios olhos viu praticar, pois lhes era coevo, ou seja, contemporâneo e natural daqueles lugares. Quarta, sobre as heresias daquele tempo, nenhum outro discutiu com maior profundidade e clareza. Quinta, é necessário sobre-tudo restabelecer a ciência das armas da Igreja militante -descuidadas em tempos de paz -porque diminuindo os defensores a tirania vai se enfurecendo tanto mais aguda- mente quanto é livre em fazê-Io impunemente.

Contra as Heresias - Livro I - Introdução

Por Santo Ireneu de Lião (Bispo)

Tradução: Lourenço Costa

Fonte: Coleção Patrística, Volume 4, Ed. Paulus.

INTRODUÇÃO

1. Alguns, ao rejeitar a verdade, apresentam discursos mentirosos e genealogias sem fim, as quais favorecem mais as discussões do que a construção do edifício de Deus que se realiza na fé(l) -no dizer do Apóstolo -e, por súbdola aparência de verdade, seduzem a mente dos inexpertos e escravizam-nos, falsificando as palavras do Senhor, tornando-se maus intérpretes do que foi corretamente expresso. Sob pretexto de gnose afastam muitos daquele que criou e pôs em ordem este universo, como se pudessem apresentar alguma coisa mais elevada e maior daquele Deus que fez o céu e a terra e tudo o que eles encerram(2). Ardilosamente, pela arte das palavras, induzem os mais simples a pesquisas e omitindo até as aparências da verdade, levam à ruína, tornando-os ímpios e blasfemos contra o seu Criador, os que são incapazes de discernir o falso do verdadeiro.

2. O erro, com efeito, não se mostra tal como ele é para não ficar evidente quando se descobre. Adornando-se fraudu- lentamente de plausibilidade, apresenta-se diante dos mais ignorantes, justamente por esta aparência exterior, -é até ridículo dizê-Io -como mais verdadeiro do que a própria verdade. Como foi dito, acerca disso, por alguém superior a nós: uma pedra preciosa, a esmeralda, que tem grande valor aos olhos de muitos, perde o seu valor diante (de artística falsificação de vidro até não se achar alguém conhecedor que a examine e desmascare a fraude. Quem poderá facilmente detectar a mistura de cobre e prata a não ser o experto? Ora, nós não queremos que por nossa culpa alguns sejam raptados como ovelhas pelos lobos, enganados pelas peles de ovelhas com que se camuflam. Esses, de quem o Senhor nos ordenou nos guardar, esses, que falam como nós, mas pensam diferentemente de nós. Eis por que, depois de ter lido os comentários dos discípu-los de Valentim -como eles se denominam -depois de manifestar-te, meu caríssimo amigo,(3) os prodigiosos e profundos mistérios, que nem todos entendem, porque não renunciaram ao intelecto, para que tu, informado acerca destas doutrinas, as dês a conhecer aos que estão contigo e os leves a tomar cuidado diante do abismo de irracionalidade e de blasfêmia contra Deus. À medida de nossa capacidade mostrar-te-emos, com poucas e claras palavras, a doutrina dos que, neste momento, ensinam de maneira diferente da nossa; quero dizer de Ptolomeu e dos que lhe estão à volta, cuja doutrina é como que a flor da escola de

Valentim. Com nossas medíocres possibilidades, fornecere- mos os meios para refutá-las, mostrando que o que dizem é absurdo, inconsistente e oposto à verdade. Não acostumados a escrever, não tendo aprendido a arte de falar, mas solicitados pela caridade que nos urge a manifestar a ti e a todos os que estão contigo os ensinamentos deles, que foram mantidos secretos, e que agora, pela graça de Deus, se tornam manifestos, pois nada há de encoberto que não venha a ser descoberto, nem de oculto que não venha a ser conhecido.(4)

3. Não procures em nós, que vivemos entre os celtas, e que na maior parte do tempo usamos uma língua bárbara, nem a arte da palavra, que nunca aprendemos, nem a habilidade do escritor em que nunca nos exercitamos, nem a elegância da expressão, nem a arte de convencer, que desconhecemos. Mas, na verdade, na simplicidade e na candura aceitarás com amor o que com amor foi escrito e desenvolvê-lo-ás por tua conta, visto que és muito mais capaz do que nós. Depois de o receber de nós como semente e princípio, fá-lo-ás frutificar abundantemente pela grande capacidade do teu intelecto e o que por nós foi dito com poucas palavras e insuficientemente te demos a conhecer, apresentá-lo-ás com vigor aos que estão contigo. E assim ao responder ao teu desejo, já antigo, de conhecer as doutrinas deles, não somente nos esforçamos para to manifestar, mas também para fornecer-te os meios para demonstrar a sua falsidade. Assim tu também esforçar-te-ás por ajudar os outros, conforme a graça que te foi concedida pelo Senhor, de forma que os homens já não se deixem induzir ao erro pela doutrina capciosa deles. Eis, então, essa doutrina.

(1) lTm 1,4.
(2) Ex 20,11; 81145; At 4,24; 14,15.
(3)Ignora-se quem seja este amigo a quem Ireneu dedica sua obra.
(4)Mt 10,26.

Contra as Heresias - Livro I - Parte I (A)

Por Santo Ireneu de Lião (Bispo)

Tradução: Lourenço Costa

Fonte: Coleção Patrística, Volume 4, Ed. Paulus.

PRIMEIRA PARTE

SISTEMA FUNDAMENTAL

A. O PLEROMA E OS EÕES QUE O COMPÕEM

1,1. Eles dizem que existia, nas alturas, invisíveis e inenarráveis, um Eão perfeito, anterior a tudo, que cha- mam Protoprincípio, Protopai e Abismo. Incompreensível e invisível, eterno e ingênito que se manteve em profundo repouso e tranqüilidade durante uma infinidade de séculos. Junto a ele estava Enóia, que chamam também Graça e Silêncio. Ora, um dia, este Abismo teve o pensamento de emitir, dele mesmo, um Princípio de todas as coisas; essa emissão, de que teve o pensamento, depositou-a como semente no seio de sua

companheira, o Silêncio. Ao receber esta semente, ela engravidou e gerou o Nous, semelhante e igual ao que o tinha emitido e é o único capaz de entender a grandeza do Pai. Este Nous é também chamado Unigênito, Pai e Princípio de todas as coisas. Juntamente com ele foi gerada a Verdade e esta seria a primitiva e fundamental Tétrada pitagórica que chamam também Raiz de todas as coisas. Ela seria composta pelo Abismo e o Silêncio, o Nous e a Verdade. O Unigênito, tendo aprendido o modo como foi gerado, procriou, por sua vez, o Logos e Zoé, Pai de todos os que viriam após ele, Princípio e formação de todo o Pleroma. Por sua vez, foram gerados pelo Logos e Zoé, segundo a sizígia, o Homem e a Igreja. Esta seria a Ogdôada funda- mental, Raíz e substância de todas as coisas, que por eles é chamada com quatro nomes: Abismo, Nous, Logos e Homem. Cada um deles é masculino e feminino, da seguinte forma: inicialmente o Protopai se uniu, segundo a sizígia, à sua Enóia, que eles chamam também Graça e Silêncio; depois o Unigênito, também chamado Nous, uniu-se à Verdade; depois o Logos, à Zoé; por fim, o Homem, à Igreja.

1,2. Estes Eões, produzidos para a glória do Pai, queren- do, por sua vez, glorificar o Pai com algo de si mesmos, fizeram emissões em sizígia. O Logos e Zoé geraram, depois do Homem e da Igreja, outros dez Eões, cujos nomes dizem ser estes: Abissal e Confusão, Aguératos e União, Autoproduto e Satisfação, Imóvel e Mistura, Unigênito e Felicidade: estes são os dez Eões que dizem derivar do Logos e Zoé. Por sua vez, também o Homem com a Igreja produziu doze Eões aos quais atribuem estes nomes: Consolador e Fé, Paterno e Esperança, Materno e Caridade, Eterno e Compreensão, Eclesiástico e Bem- aventurança, Desejado e Sofia.

1,3. Esta é a teoria errada deles a respeito dos 30 Eões impronunciáveis e não conhecíveis. Segundo eles, este é o Pleroma invisível e espiritual, com a sua tríplice divisão em Ogdôada, Década e Duodécada; e por isso dizem que o Salvador-pois recusam dar-lhe o nome de Senhor-não fez nada publicamente durante 30 anos, para significar o mistério destes Eões. E também dizem que na parábola dos operários enviados a trabalhar na vinha se indicam com toda clareza estes 30 Eões(1). De fato, alguns são enviados na primeira hora, outros na terceira, outros na sexta, outros na nona e outros na undécima hora. Soma- das, essas horas diversas dão o total 30: 1+3+6+9+11=30. Pelo número de horas são indicados os Eões, que são os grandes, os admiráveis, os mistérios escondidos que eles próprios frutificam, monstrando assim como também puderam adaptar e acomodar à sua imaginação outras - coisas ditas nas Escrituras.

2,1. Dizem também que o seu Protopai é conhecido somente pelo que nasceu dele, o Unigênito, isto é, o Nous, que é invisível e incompreensível para todos os outros Eões. Se- gundo eles, o Nous era o único a deleitar-se em ver o Pai e a exultar ao contemplar a sua grandeza sem medida. Ele pensava também em participar aos outros Eões a grandeza do Pai, quer enquanto grande e extenso, quer também enquanto era sem princípio, incompreensível e invisível. Mas, pela vontade do Pai, o Silêncio o deteve nesta vontade de levar todos os Eões à compreensão e ao desejo de indagar sobre o seu Protopai. E, da mesma forma, todos os outros Eões desejavam secretamente ver o gerador de sua semente e contemplar aquela que é a sua Raiz sem princípio.

"Paixão" de Sofia

2,2. Mas o último e mais novo Eão da Duodécada, gerado pelo Homem e a Igreja, isto é, Sofia, excitou-se grandemente e sofreu a paixão mesmo sem o abraço do cônjuge, o Desejado; essa paixão, nascida ao redor do Nous e da Verdade, propagou-se neste Eão, isto é, Sofia, que foi alterada, com aparência de amor, mas, na realidade, de temerariedade, porque não se comunicara ao Pai perfeito da mesma forma que ao Nous. A paixão consistia na procura do Pai: queria -dizem -compreender a sua grandeza e como não lhe fosse possível pelo fato de prender-se ao impossível, entrou em grande angústia por causa da grandeza do Abismo, da imperscrutabilidade do Pai e do amor por ele. Lançando-se sempre para a frente, seria finalmente absorvida pela doçura do Pai e dissolvida na substância universal se não tivesse encontrado o Poder que consolida e guarda os Eões fora da grandeza inefável. A esta grandeza dão o nome de Limite: segurado por ela e consolidado, quando, com dificuldade, voltou a si e já convencido de que o Pai é incompreensível, abandonou a primitiva Entímesejuntamente com a paixão por que fora tomado por causa do assombro e da admiração.

2,3. Alguns deles transformam esta paixão e retorno de Sofia em mito: querendo fazer uma coisa impossível e incompreensível gerou uma substância amorfa, da forma que era possível a uma mulher. Examinando-a, primeiramente entristeceu-se por causa do fruto incompleto do parto, em seguida teve medo de que ele perecesse, e por fim, como que fora de si e apavorada, isto é, confusa, procurava a causa disso e como poderia esconder o que tinha nascido dela. Submersa por estas angústias, tomou o caminho de volta e procurou recorrer ao Pai. Depois de curto espaço perdeu as forças e elevou suas súplicas ao Pai e com ela rezaram também os outros Eões, especialmente o Nous. Dizem que é este o início primevo da substância material: a ignorância, a tristeza, o medo e o assombro.

2,4. Além desses Eões, o Pai gera por meio do Unigênito, sem esposa e sexo, à sua imagem, o acima citado Limite. Às vezes, porém, dizem que o Pai tem o Silêncio como cônjuge, outras, que não há nele distinção de sexo. O Limite é chamado também Cruz, Redentor, Emancipador, Delimitador e Guia. E é justamente por meio do Limite- dizem eles -que Sofia foi purificada e reintegrada na sizígia. Porque, quando foi separada de Entímese com a paixão que a tinha atingido, continuou a ficar dentro do Pleroma; mas a sua Entímese com paixão própria, separada, crucificada, expulsa dele pelo Limite, dizem que seria uma substância pneumática, com impulso natural de Eão, porém sem forma nem substância, por que não as recebeu. Eis por que este parto seria um fruto fraco e feminino.
Cristo e o Espírito Santo

2,5. Depois que esta Entímese foi afastada do Pleroma dos Eões e que sua Mãe foi reintegrada na sizígia, o Unigênito, pela vontade do Pai, emitiu outro par, a fim de que nenhum outro Eão sofresse a mesma paixão: estes são o Cristo e o Espírito Santo que completariam os Eões (2).Com efeito, o Cristo ensinou-lhes a natureza da sizígia e os tornou capazes e idôneos a conhecer e entender o Ingênito e proclamou no meio deles o conhecimento do Pai, que é incompreensível e inatingível, que ninguém pode ver nem entender a não ser por meio do Unigênito.

E a causa da permanência eterna dos Eões é o que há de incompreensível no Pai, e a causa de seu nascimento e formação é o que há de compreensível nele, porque ele é Filho. São estas as coisas que o Cristo, agora gerado, operou neles.

2,6. O Espírito ensinou a todos do mesmo modo a dar graças e introduziu-os no verdadeiro repouso. Por isso - dizem eles -os Eões foram constituídos todos iguais, da mesma igualdade e forma de pensamento e todos se tornaram Nous, Logos, Homem e Cristo, e semelhan- temente, os Eões femininos se tornaram todos Verdade, Vida, Espírito e Igreja. Estabilizados e gozando de repou- so perfeito, os Eões -afirmam eles -cantaram com grande alegria um hino ao Protopai, comunicador da grande alegria. Por este benefício, numa única vontade e pensamento de todo o Pleroma dos Eões, com o consenti- mento do Cristo e do Espírito, cada um deles trouxe e pôs em comum o que tinha de mais excelente e belo; e por uma harmoniosa composição e cuidadosa união fizeram, em honra e glória do Abismo, uma emissão de beleza perfeita e astro do Pleroma, fruto perfeito, Jesus, que também se chama Salvador e Cristo e Logos, nomes que derivam do Pai, e o Tudo, porque produzido por todos. E com ele e em sua honra e dos Eões, foram emitidos, para a sua guarda, os Anjos, da sua mesma natureza.
Argumentos escriturísticos

3,1. Esta é a condição dentro do Pleroma: a sua produção e o infortúnio do Eão sujeito à paixão e quase perdido e a queda na matéria múltipla por causa do desejo do Pai e a consolidação na luta por obra de Limite, Cruz, Redentor, Emancipador e Guia; o nascimento, posterior ao dos Eões, do Primeiro Cristo e do Espírito Santo, emitido pelo Pai em seguida ao seu arrependimento; e a formação do segundo Cristo, que chamam também de Salvador, pela cotização comum. Porém estas coisas não foram ditas explicitamente porque nem todos entendem a sua gnose, mas foi indicado, em mistérios, pelo Salvador, por meio das parábolas, àqueles que podem entender. Assim os 30 Eões foram indicados, como já dissemos, pelos 30 anos em que o Salvador não fez nada em público e também pela parábola dos operários da vinha. Dizem também que Paulo nomeia muitas vezes e abertamente os Eões e conserva a sua ordem quando diz: "por todas as gerações dos séculos dos séculos" (3). Também nós, quando dizemos, no seguimento da Eucaristia, nos séculos dos séculos, fazemos alusão aos Eões. E todas as vezes que se encontram as palavras século ou séculos dizem que se referem aos Eões.

3,2. A emissão da Duodécada dos Eões é indicada pelo fato de que o Senhor disputou com os doutores da lei aos doze anos e pela eleição dos apóstolos: de fato elegeu doze apóstolos (4). Os outros dezoito Eões seriam indicados nisto, como eles dizem: depois da ressurreição dos mortos o Senhor passou 18 meses com os apóstolos. E também as primeiras duas letras de seu nome,jota (= 10) e eta (= 8) significam claramente os 18 Eões. E também que os 10 Eões seriam indicados do mesmo modo pelo jota com que o seu nome inicia. É por isso que o Salvador teria dito que não será omitido nem un só i, uma só vírgula da lei, sem que tudo seja realizado" (5).

3,3. A paixão do décimo segundo Eão é significada, dizem eles, pela apostasia de Judas, que era o décimo segundo apóstolo, e pelo fato de que o Senhor padeceu a sua paixão depois do décimo segundo mês, pois, para eles, teria pregado somente durante um ano, depois do batismo. E que isso seria também claramente significado pela mu- lher que sofria

perda de sangue. Doente durante 12 anos, foi curada pela vinda do Senhor, quando tocou a orla da veste, e que foi por isso que o Salvador disse: Quem me tocou? para indicar aos discípulos que tinha acontecido um mistério entre os Eões, a cura de Eão enfermo. Por meio daquela que sofreu doze anos significava-se aquele Poder, porque, como dizem, a sua natureza difunde-se e expande-se ao infinito. E se não tivesse tocado a veste do Filho, isto é, da Verdade da primeira Tétrada, significada pela orla da veste, se dissolveria em toda a substância. Mas parou e repousou da paixão pelo Poder saído do Filho. Dizem que esse Poder é o Limite que a curou e afastou dela a paixão.

3,4. Que o Salvador seja o tudo saído de todos os Eões eles o vêem indicado pelas palavra: todo masculino que abre o útero. Sendo o Tudo, abriu o seio da Entímese, Eão tomado pela paixão quando foi afastado do Pleroma. E também chamam a esta de segunda Ogdôada, da qual falaremos mais adiante. O próprio Paulo, dizem, teria falado claramente disso quando disse: "tudo em todos, e mais": "porque tudo é nele e dele vem tudo", e ainda: "nele habita toda a plenitude da divindade" (6). As palavras: em Cristo encab,eçar todas as coisas, como também todas as outras semelhantes, interpretam-nas eles neste sentido.

3,5. Quanto pois ao Limite, que chamam com muitíssimos nomes, dizem que exerce duas atividades: a de constituir e a de dividir. Enquanto constitui e consolida é a Cruz, enquanto divide e delimita é o Limite. Dizem que o Salvador indicou estas operações deste modo: primeiro a de constituir, com aquelas palavras: "quem não carrega a sua cruz e não me segue, não pode ser meu discípulo", e, ainda: "toma a cruz e segue-me"; e a de dividir, com as palavras: não vim trazer a paz, mas a espada" (7). João- dizem eles -quis dizer o mesmo quando falava: "a pá está na sua mão: limpará a sua eira e recolherá seu trigo nos celeiros: mas quanto a palha, queimá-Ia-á num fogo inextinguível" (8).Com isto indicar-se-ia a ação do Limite: a joeira é interpretada como sendo a Cruz que consome todos os elementos hílicos, como o fogo cosome a palha; purifica os redimidos como a joeira o trigo. Dizem que o apóstolo Paulo se refere a esta cruz com estas palavras: "a linguagem da cruz é loucura para aqueles que se perdem, mas para aqueles que se salvam é Poder de Deus", e ainda, "quanto a mim não aconteça gloriar-me se não na cruz de nosso Senhor Jesus Cristo, por quem o mundo está crucificado para mim e para o mundo" (9).

3,6. Eis o que dizem de seu Pleroma e da formação dos Eões, querendo adaptar as belas palavras da Escritura às "suas más interpretações. E não só nos Evangelhos e nos ecritos apostólicos procuram suas interpretações extravagantes e exegeses adaptadas, mas também na Lei e nos Profetas, onde se acham muitas parábolas e alegorias que podem ser mal interpretadas por causa da multiplicidade dos sentidos, adaptando artificiosamente a sua ambigüi- dade às suas fantasias, levando assim longe da verdade os que não conservam uma fé inabalável no único Deus Pai todo-poderoso e em Jesus Cristo seu único Filho.

(1) Cf. Lc 3,33; Mt 20,1-7
(2) Cristo e o Espírito Santo fonnam um casal (um sizígia) porque o espírito, em língua semita, é considerado um ser feminino.
(3) Ef3,21.
(4) Lc 2,42-46; Mt 10,2; Lc 6,13.
(5)Mt 5,18.

(6) CI3,11; Rm 11,36; CI2,9.
(7) Lc 14,17; Mc 10,21; Mt 10,34.
(8) Mt 3,2; Lc 3,17.
(9) 1Cor 1,18; G16,14.

Contra as Heresias - Livro I - Parte I (B-I)

Por Santo Ireneu de Lião (Bispo)

Tradução: Lourenço Costa

Fonte: Coleção Patrística, Volume 4, Ed. Paulus.

B. FORA DO PLEROMA

Acamot, origem da matéria

4,1. Sobre o que aconteceu fora do Pleroma dizem o seguinte. A Entímese daquela Sofia superior, que tam- bém chamam Acamot, afastada do Pleroma superior por motivo da Paixão, excitava-se, angustiada, nos lugares da escuridão e do vazio; e era necessário, porque ela fora excluída da luz e do Pleroma e era sem forma nem figura, como um aborto, por não ter recebido nenhuma. O Cristo superior teve piedade dela e estendido na cruz, pelo seu poder, deu forma a Acamot, mas somente segundo a substância e não segundo a gnose. Feito isso, retirou-se, arrastando consigo o seu poder e abandonando Acamot a fim de que ela, ao sentir toda a paixão por causa da separação do Pleroma, desejasse as coisas melhores, trazendo consigo um pouco de fragrância de imortalidade que o Cristo e o Espírito Santo lhe deixaram. Por isso ela também tem dois nomes: Sofia, do nome de seu Pai que se chama Sofia, e Espírito Santo, do nome daquele Espírito que estava ao lado de Cristo. Recebida a forma, feita sábia e logo esvaziada pelo Logos, isto é, Cristo, que estava invisivelmente junto a ela, foi à procura da luz que a tinha abandonado, mas não lhe foi possível alcançá-la, porque o Limite lho impedia. Então o Limite, ao forçá-la a não ir adiante, teria dito: lao, e assim teve origem -dizem -o nome lao. Como não pudesse ultrapassar o Limite, sendo tomada pela paixão e deixada só, fora do Pleroma, sucum- biu aos múltiplos e vários elementos desta paixão; entristeceu-se por não ter atingido a luz, teve medo de que também perderia a vida da mesma forma que perdeu a luz, e, além do mais, angustiou-se porque tudo isso ficaria ignorado. Diferentemente da sua Mãe, o primeiro Eão, Sofia não teve variação nas paixões, mas contradição. Sobreveio-lhe então outro desejo apaixonado, o de voltar àquele que a tinha vivificado.

4,2. Esta foi a origem e a essência da matéria -afirmam eles -de que é feito este mundo: da conversão tiveram origem todas as almas do mundo; e do Demiurgo, bem como do temor e da tristeza tudo o resto. Das lágrimas de Acamot originaram-se todas as substância úmidas, do sorriso as lúcidas, e da tristeza e do temor os elementos corpóreos do mundo. De fato, às vezes chorava e estava triste -como dizem -por ter sido abandonada sozinha nas trevas e no vazio; às vezes, quando se lembrava da luz que a tinha abandonado, acalmava-se e ria; às vezes voltava-lhe o temor, outras vezes estava fora de si pela angústia.

Refutação breve e irônica

4,3. E então? Tudo isto é um grande espetáculo e fantasia daqueles que, pomposamente e cada um à sua maneira, explicam de qual paixão e de qual elemento teve origem a substância. Assim consigo entender por que não querem ensinar estas coisas a todos, em público, mas somente àqueles que podem dar lautas gratificações para conhecer tão grandes mistérios. Não falam de modo semelhante àqueles de quem nosso Senhor disse: "de graça recebestes, de graça dai",14 mas são apresentados mistérios seletos, prodigiosos, profundos, descobertos à custa de grandes fadigas por estes enganadores. Quem não daria tudo o que possui para aprender que os mares, as fontes, os rios e todas as substâncias úmidas se originaram das lágrimas da Entímese do Eão tomado de paixão, a luz, do seu sorriso, os elementos corporais do mundo, do seu temor e inquietação?

4,4. Quero, eu também, contribuir com alguma coisa para a sua frutificação. Como, de fato, eu vejo que há água doce como a das fontes, dos rios, da chuva e outras, e que a do mar é salgada devo pensar que nem todas podem originar- se das suas lá~imas, porque as lágrimas são, por natureza, salgadas. E evidente, portanto, que as águas salgadas derivam das lágrimas. Mas eu penso que provavelmente ela se encontrou numa grande angústia e inquietação que a fizera suar. Por isso, seguindo seus argumentos, deve- se supor que as fontes, os rios e todas as outras águas doces se originaram de seus suores, porque não se pode pensar que a mesma e idêntica natureza das lágrimas possa produzir ora água doce, ora água salgada; é muito mais provável que algumas venham das lágrimas e outras dos suores. E como no mundo também há águas quentes e amargas é necessário explicar de que modo ou de qual membro elas saíram. Estes frutos estão completamente de acordo com seus argumentos.

Origem do homem: três gêneros

4,5. Dizem que a Mãe deles, depois de ter passado por todas estas paixões e de ter saído dela às duras penas, começou a suplicar a luz que a abandonara, isto é, Cristo. Ele tinha voltado ao Pleroma e, ao que parece, não tendo a coragem de descer pela segunda vez, enviou a ela o Consolador, isto é, o Salvador, a quem o Pai -e os Eões fizeram o mesmo - "deu todo poder e submeteu todas as coisas, para que nele fossem criadas todas as coisas, as visíveis e as invisíveis, os Tronos, as Potestades e os Principados". (1) Então foram enviados a ela, juntamen~ com os Anjos, seus companheiros da mesma idade. Dizen que Acamot, logo depois de lhes fazer reverência, primei ramente se cobriu com um véu, em sinal de respeito, ma: depois, quando ela e toda a sua frutificação o viram correu-lhe ao encontro e desta sua visão recebeu un poder. Ele formou -a com a formação segundo a gnose e I curou de suas paixões, separando-a delas, porém sem tirá Ias, porque não era possível fazê-Ias desaparecer com4 aquelas da primeira Sofia, porque já eram poderosas I intensas. Ele, portanto, as separou, depois misturou-as e fê-las coagular e as tranformou de paixão incorporal en matéria incorporal; em seguida, produziu nelas as proprie dades e a natureza a fim de poderem formar combinaçõe: e corpos. A partir disso formaram-se duas substâncias, a substância má, derivada das paixões, e a passível di conversão. Por causa disso tudo eles dizem que o Salvado fez, virtualmente, obra de Demiurgo. Quanto a Acamot liberta da paixão, concebeu na alegria, à visão das Luze: que estavam com o Salvador, isto é, dos Anjos que a acom panhavam. Eles ensinam que, engravidada à vista

deles gerou frutos à imagem desses Anjos, num parto pneumá tico semelhante ao dos companheiros do Salvador.

5,1. Segundo eles, existiam três elementos: o primeir4 proveniente da paixão, e era a matéria; o segundo, da conversão, e era o psíquico; enfim o terceiro, gerado po Acamot, e era o pneumático. Então Acamot se dedicou à formação desses elementos. Todavia ela não podia forma: o elemento penumático por ser da mesma substância que ela. Então dedicou-se à formação da substância prove niente da sua conversão, isto é, a psíquica, e produziu, po: fora. os ensinamentos recebidos do Salvador. Antes de tudo, da substância psíquica, ela formou o Deus, o Pai e o Salvador e Rei de todos os que lhe eram consubstanciais, isto é, os psíquicos, que chamam a direita e depois aqueles que derivam da paixão e da matéria, que chamam a esquerda. Afirmam que formou todas as coisas posterio- res movida secretamente pela Mãe, por isso chamam-na de Pai-Mãe, Sem-Pai, Demiurgo e Pai; Pai dos da direita, isto é, os psíquicos, Demiurgo dos da esquerda, isto é, os hílicos e Rei de todos. Esta Entímese, querendo fazer todas as coisas em honra dos Eões, fê-las à imagem deles, ou melhor, o Salvador é que as fez por meio dela. Ela também manteve incógnita ao Demiurgo a imagem do Pai invisível; e por sua vez, o Demiurgo ofereceu a imagem do Filho Unigênito corno os Arcanjos e os Anjos, feitos pelo Demiurgo, oferecem a imagem dos outros Eões.

5,2. Dizem que o Demiurgo se tornou Pai e Deus dos seres exteriores ao Pleroma, visto que era o Autor de todos os seres psíquicos e hílicos. Com efeito, ele separou urna da outra estas duas substâncias confusas e de incorporais fê- las corporais; fez os seres celestes e terrestres e tornou-se Demiurgo dos psíquicos e dos hílicos, dos da direita e dos da esquerda, dos leves e dos pesados, dos que vão para o alto e dos que vão para baixo. Fez sete céus sobre os quais -dizem -está o Demiurgo. É por isso que o chamam Hebdômada e a Mãe Acamot denominam Ogdôada, porque conserva o número da primitiva e primária Ogdôada do Pleroma. Segundo eles os sete céus são de natureza inteli- gente: supõem que sejam Anjos e o próprio Demiurgo um Anjo semelhante a um Deus, assim corno o paraíso situado sobre o terceiro céu é, pela sua virtude, o quarto Arcanjo e que Adão recebeu dele alguma coisa quando esteve ali.

5,3. Asseguram que o Demiurgo julgava ter produzido tud.o isso de si mesmo, mas que fora por obra de Acamot que fez o céu sem conhecer o Céu, que plasmou o homem sem conhecer o Homem, fez aparecer a terra sem conhecer a Terra, e assim com todas as coisas, ignorando os modelos dos seres que fazia. Ignorando até a própria Mãe, imagi- nava ser ele todas as coisas. Dizem eles que a causa desta opinião foi a própria Mãe, que o queria elevar a Cabeça e Príncipe da sua substância e Senhor de toda a obra da criação. Eles chamam também a esta Mãe Ogdôada, Sabedoria, Terra, Jerusalém, Espírito Santo e Senhor, de gênero masculino. Ele ocupa o lugar de Intermediário, acima do Demiurgo, mas abaixo e fora do Pleroma, até a consumação final.

5,4. Na opinião deles, a substância hílica seria composta por três paixões: temor, tristeza e angústia. Em primeiro lugar, do medo e da conversão tiveram existência os seres psíquicos; da conversão se originou o Demiurgo, ao passo que do medo vem o restante da substância psíquica, corno as almas dos animais mudos e dos homens. É por isso que o Demiurgo, incapaz de conhecer as coisas pneumáticas, pensou ser o único Deus e pelos profetas disse:

Eu sou Deus e não há nenhum outro fora de mim. Em segundo lugar ensinam que as coisas espirituais más foram feitas pela tristeza; daqui se originaram o diabo, que chamam também de Senhor do mundo, os demônios e toda a substância pneumática do mal. Mas, afirmam, enquanto o Demiurgo é o filho psíquico da Mãe deles, o Senhor do mundo é criatura do Demiurgo e entende as coisas que estão acima dele porque é espírito do mal, ao passo que o Demiurgo as desconhece, por ser de natureza psíquica. A Mãe deles se encontra no epiurânio, isto é, na Hebdômada, e o Senhor do mundo, neste nosso mundo. Em terceiro lugar, da emoção e da angústia, coisas menos racionais, foram feitos os elementos corporais do mundo; a imobilidade da emoção produziu a terra; a agitação da angústia produziu a água; a consternação da dor produziu o ar; e o fogo está inserido neles todos como morte e corrup- ção, assim como a ignorância está escondida nas três paixões.

5,5. Tendo o Demiurgo feito o mundo, do lodo fez também o homem; não tomou essa terra seca, mas substância invisível, matéria inconsistente e fluida e, declaram eles, soprou nela o psíquico. E este homem é feito à imagem e semelhança: quanto à imagem é hílico, próximo a Deus sem lhe ser consubstancial; quanto à semelhança é psí- quico, motivo pelo qual a sua substância é chamada espírito de vida, por derivar do espírito. Por fim, dizem, foi revestido com túnica de pele; a acreditar neles, este seria o elemento carnal, perceptível aos sentidos.

5,6. Dizem que a geração da Mãe deles, Acamot, que se realizou ao contemplar os Anjos que estão à volta do Salvador, consubstancial à Mãe, portanto pneumática, ficou desconhecida ao Demiurgo, e sem que ele o soubesse, foi depositada secretamente nele a semente para que por ele fosse lançada na alma que dele procederia, assim como no corpo hílico: desta forma, portado numa gestação nestes elementos, como num seio, ficasse apto a crescer e pronto para a recepção do Logos perfeito. Assim, portanto -como dizem eles -o Demiurgo não se apercebeu do homem pneumático semeado por Sofia no interior do seu próprio sopro por um poder e uma providência inexprimíveis. Assim como ignorou a Mãe também ignorou a semente dela. Dizem ainda que esta semente é a Igreja, figura da Igreja superna. É este o homem que pretendem existir neles: aquele que recebeu a alma do Demiurgo, o corpo do lodo, a carne da matéria e o homem pneumático da Mãe Acamot.

(1) Mt 11,27; Cl 1,16

Contra as Heresias - Livro I - Parte I (B-II)

Por Santo Ireneu de Lião (Bispo)

Tradução: Lourenço Costa

Fonte: Coleção Patrística, Volume 4, Ed. Paulus.

A predestinação e as obras

6,1. Há portanto -asseveram eles - três elementos: o hílico, que também chamam da esquerda, que há de perecer inelutavelmente por não ser capaz de receber nenhum sopro de incorruptibilidade; o psíquico, que também chamam da direita, médio entre pneumático e

hílico, que seria reduzido naquele para o qual se inclinará; e o pneumático, enviado para que unido ao psíquico, por essa união, recebesse aqui em baixo a sua. formação. Este elemento pneumático, segundo eles, é o sal e a luz do mundo. O psíquico, de fato, precisava também de ensinamentos sensíveis e por esta razão -afirmam -foi formado o mundo e o Salvador veio ajudar este psíquico, dotado de livre arbítrio, para salvá-lo. Porque -dizem- tomou as primícias do que devia salvar: de Acamot tomou o elemento pneumático, do Demiurgo foi revestido do Cristo psíquico, e finalmente, por causa da economia, foi revestido de corpo feito de substância psíquica, mas organizado com arte inefável para se tornar visível, palpável, passsível. De substância hílica não tomou absolutamente nada, pois a matéria não é capaz de salvação. A consumação final acontecerá quando será perfeitamente formado pela gnose todo o elemento pneumático, isto é, os homens pneumáticos que possuem o conhecimento perfeito de Deus e foram iniciados nos mistérios de Acamot. Afirmam que eles são estes homens.

6,2. Os homens psíquicos são educados com ensinamentos psíquicos, confirmados pelas obras e a fé simples e dizem que estes homens somos nós que pertencemos à Igreja e que por isso nos é indispensável boa conduta, de outro modo é impossível a salvação. Eles, porém, se salvam não pelas obras, e sim por serem pneumáticos por natureza. Como o que deriva do lodo não pode receber a salvação por não ter a capacidade receptiva dela, assim o elemento pneumático, que pretendem ser eles, está na impossibilidade absoluta de se corromper, sejam quais forem as obras que praticarem. Como o ouro lançado na lama não, perde o brilho e conserva a sua natureza sem que a lama o prejudique em nada, assim, dizem eles, podem estar misturados com qualquer obra hílica que não sofrerão dano nenhum, nem perderão sua substância pneumática.

6,3. Por isso, entre eles, os perfeitos praticam sem escrúpulos todas aquelas obras proibidas das quais as Escrituras afirmam: quem pratica essas obras não herdará o reino de Deus. Comem indiferentemente as carnes sacrificadas aos ídolos porque pensam não ser inqüinados por elas e em toda festa pagã são os primeiros a misturar-se aos festejos dos ídolos, nem se abstém de espetáculos sanguinários, odiosos a Deus e aos homens. Alguns, ao submeter-se insaciavelmente aos prazeres da carne, dizem que aos carnais são dadas coisas carnais e aos espirituais coisas espirituais. Alguns deles corrompem i secretamente as mulheres que aprendem deles esta doutrina, como muitas, seduzidas por eles e que depois se converteram à Igreja de Deus, confessaram juntamente com outro erro também este. E outros, publicamente e sem se envergonharem, casaram, tirando dos seus maridos qualquer mulher por eles amada. Outros ainda, inicialmente muito corretos, fingindo habitar como irmãos, foram desmascarados pelo passar do tempo, quando se via 'que a irmã tinha engravidado por causa dos irmãos.

6,4. E além de cometer muitas outras ações vergonhosas e irreverentes, tacham-nos de simplórios e ignorantes, a nós, que pelo temor de Deus, procuramos não pecar sequer por pensamentos e palavras; e exaltam-se a si mesmos com o nome de perfeitos e sementes de eleição. Nós, segundo eles, recebemos em uso a graça e por isso ela nos será tirada, eles, porém, a possuem como propriedade descida do alto da sizígia inominável e inefável e por isso lhes será acrescida. Este é o motivo pelo qual é absolutamente necessário que meditem sempre o mistério da sizígia. Eles convenceram os simplórios dizendo-lhes: quem está no mundo e não ama a esposa até possuí-la não é da Verdade e não passará à Verdade. Quem,

porém, é do mundo e se une à sua esposa não passará à Verdade por tê-lo feito na concupiscência. Por isso, nós, que eles chamam de psíquicos e estamos no mundo, precisamos da continência e das boas obras para chegar, graças a elas, ao lugar do Intermediário; eles porém, que se autodefinem pneumáticos e perfeitos, não precisam de nada disso, porque não são as obras que introduzem no Pleroma, e sim a semente enviada pequenina do alto e aqui levada à perfeição.

7,1. Quando toda a semente atingir a perfeição, a Mãe deles, Acamot, passará do lugar do Intermediário para entrar no Pleroma e receberá como esposo o Salvador, proveniente de todos os Eões, de modo que se formará a sizígia do Salvador e Sofia-Acamot. Eles são o Esposo e a Esposa e o quarto nupcial será todo o Pleroma. Então os pneumáticos, despojados das suas almas e tornados espíritos intelectuais, estarão, incompreensível e invisivelmente, dentro do Pleroma para serem dados como esposas aos Anjos companheiros do Salvador. O Demiurgo também passará para o lugar da sua Mãe Sofia, isto é ao Intermediário e também as almas dos justos encontrarão repouso no lugar Intermediário, porque nada de psíquico pode entrar no Pleroma. Quando isso se realizar, o fogo latente no mundo se atiçará e, envolvendo-o, consumirá toda a matéria e consumido com ela passará para o nada. Eles asseguram que o Demiurgo não sabia nada de tudo isso antes da vinda do Salvador.

7,2. Há daqueles que dizem também que ele gerou um Cristo, filho seu, mas psíquico e que falou disso pelos profetas. É ele que passou por Maria como a água passa por tubo, é ele sobre o qual desceu, no batismo, em forma de pomba, o Salvador que está no Pleroma, proveniente de todos os Eões, é nele que foi depositada a semente pneumática de Acamot. Portanto, nosso Senhor seria composto, ao que dizem, por quatro elementos, conservando o tipo da Tétrada primigênia e primordial: o pneumático, proveniente de Acamot; o psíquico, do Demiurgo; o econômico, organizado com arte inefável; e o Salvador que era a pomba que desceu sobre ele. Ele permaneceu sempre impassível e, portanto, quando o Cristo foi entregue a Pila tos, lhe foi tirado o Espírito, depositado nele. Assim, da mesma forma, não sofreu a semente derivada da Mãe, dizem eles, por ser ela também impassível e por ser pneumática e invisível até para o próprio Demiurgo. Segundo eles, quem sofreu, no mistério, foi o Cristo psíquico e o econômico: por meio dele, a Mãe manifestava a figura do Cristo do alto, aquele que se estendeu na cruz e que deu a Acamot uma forma substancial. Com efeito, dizem, as coisas daqui de baixo são o tipo daquelas do alto.

7,3. Afirmam eles que as almas que possuíam a semente de Acamot eram melhores do que as outras e, por isso mesmo, mais amadas pelo Demiurgo, ignorando ele o motivo, e por pensar que elas assim o fossem por ser produzidas por ele. Por isso as distribuiu entre profetas, sacerdotes e reis. Muitas palavras, pensam eles, foram proferidas por esta semente, por meio dos profetas, por ser de natureza superior; também pretendem que a Mãe disse muitas das que se referem às coisas do alto e que outras o foram pelo Demiurgo e pelas almas derivadas dele. Separam assim as profecias, afirmando que parte delas foram pronunciadas pela Mãe, parte pela semente e parte pelo Demiurgo. Jesus, por sua vez, disse alguma coisa da parte do Salvador, outras da Mãe e outras do Demiurgo, como indicaremos ao longo de nossa exposição.

7,4. O Demiurgo, ignorando as coisas do mundo superior a ele, estava admirado pelas palavras em questão; mas não fazia nenhum caso delas, atribuindo-lhes ora uma causa ora outra; quer o espírito profético, que opera onde lhe apraz, quer o homem, quer uma mistura de elementos inferiores. Assim ficou na ignorância até o advento do Salvador, mas com a sua vinda, o Demiurgo aprendeu dele todas as coisas - dizem eles -e se aproximou dele exultando com todas as forças. Ele seria o centurião do evangelho que disse ao Salvador: "também eu tenho às minhas ordens soldados e servos que cumprem o que eu mandar". (16) Ele levará à perfeição o governo do mundo no tempo preestabelecido, sobretudo pela diligência e os cuidados da Igreja e também pelo conhecimento do prêmio que lhe está preparado, isto é, a passagem ao lugar da Mãe.

7,5. Distinguem três espécies de homens: pneumáticos, psíquicos e terrenos, como foram Caim, Abel e Set e, a partir deles, querem estabelecer a existência de três naturezas, não nos indivíduos, mas no conjunto do gênero humano. O terreno acabará na corrupção; o psíquico, se escolher o melhor, repousará no Intermediário, mas, se escolher o pior, acabará com os seus semelhantes; os pneumáticos, porém, que Acamot desde então e até agora coloca como semente nas almas justas, são aqui educados, desenvolvidos, por serem emitidos bem pequenos, e depois, feitos dignos de perfeição, serão dados em casamento aos Anjos que acompanham o Salvador, enquanto suas almas serão necessariamente refrigeradas no Intermediário com o Demiurgo e eternamente. Dizem também que as próprias almas se subdividem em duas categorias: as boas por natureza e as más por natureza; são boas as que foram feitas capazes de receber a semente, são más as que, por natureza, nunca a poderão receber.

Notas

(16) Mt 8,9; Lc 7,8.

Contra as Heresias - Livro I - Parte I (B-III)

Por Santo Ireneu de Lião (Bispo)

Tradução: Lourenço Costa

Fonte: Coleção Patrística, Volume 4, Ed. Paulus.

Textos escriturísticos

8,1. Esta é, portanto, a teoria deles, que nem os profetas pregaram, nem o Senhor ensinou, nem os apóstolos transmitiram e pela qual se gloriam de ter conhecimentos melhores e mais abundantes do que os outros. Lêem coisas que não foram escritas e, como se costuma dizer, trançando cordas com areia, procuram acrescentar às suas palavras outras dignas de fé, como as parábolas do Senhor ou os oráculos dos profetas ou as palavras dos apóstolos, para que as suas fantasias não se apresentem sem fundamento. Descuidam a ordem e o texto das Escrituras e enquanto lhes é possível dissolvem os membros da verdade. Transferem,

transformam e fazendo de uma coisa outra seduzem a muitos com as palavras do Senhor atribuídas indevidamente a fantasias inventadas. É como se a um autêntico retrato do rei, realizado cuidadosamente em rico mosaico por hábil artista, alguém desmanchas-se a figura de homem e fizesse com as pedras deslocadas e mal dispostas a figura de cão ou de raposa e depois dissesse e confirmasse que aquela era a autêntica imagem do rei feita pelo hábil artista. Mostrando aquelas mesmas pedras que, bem dispostas pelo primeiro artista apresentavam a imagem do rei e mal dispostas pelo segundo artista transformavam-na em figura de cão, pelo brilho das pedras enganam os simples que não conhecem o aspecto do rei e os convencem que a ridícula imagem da raposa é o autêntico retrato do rei. Assim, costurando fábulas de velhinhas e tomando daqui e dali palavras, sentenças e parábolas, procuram adaptar as palavras de Deus às suas fábulas. Já falamos do que aplicam aos que estão dentro do Pleroma.

8,2. Eis agora o que eles tentam encontrar nas Escrituras acerca dos que estão fora do Pleroma. Dizem que o Senhor veio nestes últimos tempos do mundo para sofrer a fim de mostrar a paixão do último Eão e, pelo fim dele, manifestar o fim da produção dos Eões. A menina de doze anos, filha do chefe da sinagoga, sobre a qual o Senhor se curvou ressuscitando-a dos mortos era, contam eles, o tipo de Acamot, à qual o seu Cristo, debruçando-se, deu forma e a levou a sentir a Luz que a tinha abandonado. Dizem que o Salvador se mostrou a Acamot quando se encontrava fora do Pleroma, como um aborto, e que a afirmação disso se encontra nas palavras de Paulo da primeira carta aos Coríntios: "Em último lugar, apareceu também a mim, como a um abortivo". À vinda do Salvador e de seus companheiros coetâneos a Acamot se referiria na mesma carta ao escrever: "a mulher deve trazer sobre a cabeça o sinal de sua dependência por causa dos Anjos".(17) E que quando o Salvador veio a ela, Acamot se cobriu com um véu, por reverência, Moisés o deu a entender quando cobriu a sua face com um véu. As paixões por ela experimentadas foram indicadas pelo Senhor quando na cruz disse: "Deus meu, Deus meu, por que me abandonaste?"(18) querendo indicar que Sofia foi abandonada pela Luz e impedida pelo Limite de lançar-se para o lugar de antes; foi significa da a tristeza quando disse: "minha alma é oprimida pela tristeza"; seu temor, dizendo: "meu Pai, se é possível, que passe de mim este cálice"; (19) a angústia, ao dizer: Não sei o que direi.

8,3. O Senhor, ensinam eles, também teria indicado as três raças de homens desta forma: a hílica quando respondeu àquele que lhe disse: Eu te seguirei, ele respondeu: "O Filho do Homem não tem onde pousar a cabeça". A psíquica, quando respondeu àquele que lhe dizia: "Eu te seguirei, Senhor, mas permite-me primeiro que me vá despedir dos que estão em minha casa", ele respondeu: "Quem põe a mão no arado e olha para trás não é apto para o reino de Deus". Este seria, como dizem, do Intermediário e aquele outro que confessava ter cumprido grande parte da sua justiça e depois não quis seguir o Salvador, vencido pela riqueza que o impedia de tornar-se perfeito, seria da raça psíquica. A pneumática, por sua vez, teria indicado quando diz: "Deixa que os mortos enterrem os seus mortos, quanto a ti, vai anunciar o reino de Deus"; e ao publicano Zaqueu: "Desce depressa, pois hoje devo ficar em tua casa".(20) Estes homens -dizem eles -pertenciam à raça pneumática. Também a parábola do fermento que a mulher escondeu em três medidas de farinha se refere, segundo eles, às três raças. A mulher é Sofia, as três medidas de farinha são as três raças de homens, pneumáticos, psíquicos e terrenos e o fermento é o próprio Salvador. Também Paulo teria falado claramente de homens terre- nos, psíquicos e pneumáticos. Num lugar ele

diz: "Qual foi o homem terrestre, tais são também os terrestres"; noutro: "O homem psíquico não aceita o que vem do Espírito", e noutro ainda: "O homem espiritual julga a respeito de tudo". A frase: "O homem psíquico não aceita o que vem do Espírito" (21) é uma referência -segundo eles- ao Demiurgo que por ser psíquico não conheceu a Mãe, que é pneumática, nem a sua semente, nem os Eões do Pleroma. Paulo afirma ainda que o Salvador assumiu as primícias daqueles que salvaria: "E se as primícias são santas a massa também o será,"(22) entendendo como primícias o elemento pneumático e como massa a nós, isto é a Igreja psíquica de quem assumiu a substância e que faz crescer em si por ser ele o fermento.

8,4. Quanto a Acamot, que se degradou fora do Pleroma, que recebeu a forma de Cristo, que foi procurada pelo Salvador, dizem que é isso que o Salvador entendia quando declarou que viera procurar a ovelha desgarrada. Essa ovelha seria a Mãe deles da qual derivou a Igreja daqui, o extravio dessa ovelha é a permanência fora do Pleroma com todas as paixões das quais foi formada a matéria. A mulher que varre a casa e encontra a dracma dizem que é a Sofia do alto que perdeu a sua Entímese e que, mais tarde, a reencontrou quando foram purificadas todas as coisas pelo advento do Salvador, porque ela deve ser reconduzida ao Pleroma. Simeão, que tornou o Cristo em seus braços e bendisse a Deus, dizendo: "Agora, soberano Senhor, podes despedir em paz o teu servo, segundo a tua palavra",(23) é a figura do Demiurgo que à vinda do Salvador ficou' sabendo de sua mudança de lugar e agradeceu ao Abismo. Quanto à profetisa Ana, de quem no evangelho se diz ter vivido sete anos com seu marido e ter ficado viúva pelo resto da vida, até que viu o Salvador, o reconheceu e falou dele a todos, ela -dizem eles - manifestamente significa Acamot que após de ter visto por pouco tempo o Salvador com seus coetâneos, ficou depois pelo tempo todo no Intermediário à espera da volta dele, para que a reconduzisse à sua sizígia. O Salvador indicou também o seu nome dizendo: Sofia é justificada por todos os seus filhos; e Paulo: "Nós falamos de Sofia aos perfeitos". Dizem que Paulo também falou das sizígias que há no Pleroma quando manifestou uma delas ao escrever sobre o casamento nesta vida: "é grande este mistério: refiro-me à relação entre Cristo e a Igreja".(24)

8,5. Ensinam que também João, o discípulo do Senhor, lembrou a primeira Ogdôada e o dizem com as seguintes expressões: João, o discípulo do Senhor, querendo expor a origem de todas as coisas, isto é, como o Pai tudo produziu, propõe por primeiro Princípio gerado por Deus, aquele que ainda agora chamam Filho e Deus Unigênito no qual o Pai produziu, em germe, todas as coisas. Dele, diz João, foi produzido o Logos e nele toda a substância dos Eões, à qual depois o Logos deu a forma. Justamente porque fala da primeira origem ele expõe corretamente a doutrina do Princípio, isto é, de Deus e do Logos. Ele diz: No Princípio era o Logos e o Logos estava com Deus e o Logos era Deus. "No Princípio ele estava com Deus".(25) Antes de tudo distingue os três: Deus, Princípio e Logos, depois une-os novamente para indicar a procriação de cada um, isto é, do Filho e do Logos, e a sua união entre si e com o Pai. O Princípio está de fato no Pai e do Pai; e no Princípio e do Princípio, o Logos. Disse, portanto, corretamente: "No Princípio era o Logos", de fato estava no Logos, e "o Logos estava com Deus", assim como estava o Princípio, e o Logos era Deus, por conseqüência, porque o que nasceu de Deus é Deus. "No Princípio ele estava com Deus" indica a ordem da emissão. "Tudo foi feito por meio dele e sem ele nada foi feito";(26) de fato, o Logos foi a causa da formação e do nascimento de todos os Eões que vieram depois dele. O que foi feito nele era a vida, ele diz, para manifestar uma sizígia; de

fato, "todas as coisas", diz, "foram feitas por meio dele", mas a Vida estava nele. Portanto esta que está nele, lhe é mais íntima do que aquela feita por seu meio: ela lhe está unida e frutifica por ele. De fato, João continua: "E a Vida era a Luz dos Homens".(27) Aqui ao dizer "Homens", indica com este nome a "Igreja", para sublinhar com o único nome a comunhão da sizígia. De Logos e Vida, com efeito, derivam o Homem e a Igreja. João chama a Vida de Luz dos Homens porque foram ilumina- dos por ela, isto é formados e manifestados. E' o mesmo que diz Paulo: "É Luz tudo o que é manifesto",(28) porque a Vida manifestou e gerou o Homem e a Igreja e por isso é chamada a sua Luz. João, portanto, com estas palavras, indica claramente, entre outras coisas, a segunda Tétrada: Logos e Vida, Homem e Igreja. Mas indica também a primeira Tétrada. Falando do Salvador e dizendo que todas as coisas fora do Pleroma foram formadas por ele, diz também que ele é fruto de todo o Pleroma. De fato, ele o chama de Luz que brilhou nas trevas e não foi reconhecido por elas porque, mesmo organizando todos os produtos da paixão, permaneceu desconhecido delas. João chama ainda este Salvador de Filho, Verdade, Vida e Logos feito carne, do qual vimos a glória, diz ele, e a sua glória era como aquela do Unigênito, aquela que lhe foi dada pelo Pai, cheio de Graça e de Verdade. Eis as palavras de João: "E o Logos se fez carne e habitou entre nós e nós vimos a sua glória, glória que ele tem junto ao Pai, como Filho único, cheio de graça e de verdade".(29) É, portanto, com exatidão que João falou da primeira Ogdôada, Mãe de todos os Eões com os nomes de Pai e Graça, Unigênito e Verdade, Logos e Vida, Homem e Igreja. E Ptolomeu diz também assim.

Notas

(17) É a partir de santo Ireneu que a expressão "escrituras" passa a designar tecnicamente tanto o Novo quando o Antigo Testamento. Até então o uso se restringia ao AT. Ao mesmo tempo, ireneu insistirá na unidade dos dois Testamentos (cf. também II,28.3; III,12.11).
(18) 1Cor 15,8.
(19) 1Cor 11,10.
(20) Mt27,46.
(21) Mt 26,38-39.
(22) Mt 8,19-20.22; Lc 9,57-58; 9,60-61; 19,5.
(23) 1Cor 15,48; 2,14-15.
(24) Rm 11,16.
(25) Lc 2,29.
(26) 1Cor2,6; Ef5,32.
(27) Jo 1,1-2.
(28) Jo 1,3.
(29) Jo 1,3-4.

Contra as Heresias - Livro I - Parte I (B-IV)

Por Santo Ireneu de Lião (Bispo)

Tradução: Lourenço Costa

Fonte: Santo Ireneu de Lião (Bispo)

Breve refutação

9,1. Vês portanto, amigo caríssimo, as invenções a que põem mãos para seduzir a si mesmos, malversando as Escrituras e os esforços que fazem para dar consistência a seus fantasmas. Foi justamente por isso que transcrevi as suas próprias expressões para que possas julgar por ti mesmo a esperteza de seus artifícios e a malícia do erro. Antes de mais nada, se João tivesse o propósito de indicar a Ogdôada do alto respeitaria a ordem das emissões. E se, como dizem, a primeira Tétrada é a mais venerável a teria posto com os primeiros nomes e depois faria seguir a segunda, para indicar, pela seqüência dos nomes, a ordem da Ogdôada e não mencionaria no final a primeira Tétrada, depois de um intervalo tão grande como se se tivesse esquecido e a seguir se lembrado improvisamente dela. E se quisesse indicar as sizígias não deixaria de nomear a Igreja; ou se contentaria, nas outras sizígias, de dar o nome dos Eões masculinos, podendo ser subentendidos os femininos, para guardar perfeitamente a unidade; ou então, ao elencar as outras sizígias devia indicar a consorte do Homem e não deixar adivinhar o nome dela.

9,2. É clara a arbitrariedade da exegese deles. João proclama um único Deus todo poderoso e um só Unigênito, Jesus Cristo, por meio do qual foram feitas todas as coisas; dele, diz que é o Verbo de Deus, o Filho único, a origem de todas as coisas, a verdadeira Luz que ilumina todos os homens, o criador do cosmos, aquele que veio para o que era seu, se fez homem e habitou entre nós. Eles, porém, falsificando o texto com exegese capciosa, dizem que pela emissão, outro é o Unigênito, que também chamam de Princípio, outro o Salvador, outro o Logos, filho do Unigênito, outro, finalmente, o Cristo, produzido para corrigir o Pleroma. Torcendo toda palavra da Escritura,'" desviando-a de seu verdadeiro significado, usando nomes de forma arbitrária, adaptando-as às suas teorias de tal forma que em tudo isso João sequer lembra nosso Senhor Jesus Cristo. Ao nomear o Pai e a Graça, o Unigênito e a Verdade, o Logos e a Vida, o Homem e a Igreja, segundo a sua hipótese, falou da primeira Ogdôada, na qual não há Jesus nem Cristo, o mestre de João. Que não fale da sizígias deles, mas de nosso Senhor Jesus Cristo que ele conhece como o Verbo de Deus, o manifestou o próprio Apóstolo. Voltando àquele de quem disse mais acima estar no princípio, isto é, o Verbo, acrescenta: "E o Verbo se fez homem e habitou entre nós". Ora, segundo a teoria deles não é o Verbo que se fez carne, porque nunca saiu do Pleroma, mas o Salvador que foi produzido por todos os Eões e é posterior ao Verbo.

9,3. Aprendei portanto, ó insensatos, que Jesus, que sofreu por nós, que habitou entre nós é ele próprio o Verbo de Deus. Se outro Eão se fizesse homem pela nossa
salvação deveríamos admitir que o Apóstolo falava de outro. Mas se o Verbo do Pai que desceu é o mesmo que subiu, único Filho do único Deus, que se encarnou em favor dos homens, segundo o beneplácito do Pai, então João não fala de Outro nem da Ogdôada, mas do Senhor Jesus Cristo.(30) De fato, segundo eles e falando com propriedade, o Logos não se fez homem, mas o Salvador se revestiu de um corpo psíquico derivado da econômia com inenarrável providência, para ser visível e palpável. A carne é a matéria antiga, plasmada da terra por Deus para Adão, e João indicou que é verdadeiramente esta que se tornou o Verbo de Deus. Com isso dissolve-se a sua primeira e fundamental Ogdôada. Uma vez demonstrado que o Logos, o Unigênito, a Vida, a Luz, o Salvador, o Cristo, o Filho de Deus que se encarnou por nós são uma única e idêntica coisa, desfaz-se a composição da

Ogdôada e desfeita esta, cai por terra toda a sua teoria, este sonho fantástico, em defesa da qual retorcem as Escrituras.

9,4. Depois de reunir frases e nomes espalhados aqui e acolá eles os transformam, como dissemos, de um sentido natural a um que não é o seu, fazendo como aqueles que se propõem um argumento e depois procuram encontrá-lo nos versos de Homero, levando os inexpertos a acreditar que Homero compôs os versos precisamente sobre aquela teoria que eles inventaram e, por causa da seqüência bem ordenada dos versos, muitos se perguntam se Homero não seria efetivamente o autor daqueles versos. É como se alguém descrevesse com versos homéricos a missão de Hércules enviado por Euristeu para amarrar o cão infernal. Nada nos impede de usar um exemplo como este, porque nos dois casos a argumentação é a mesma:

Tendo assim ele falado, foi afastado de casa, chorando Hércules, nobre, habituado a façanhas para sempre famosas,
Por este Euristeu, nascido de Stenelos, raça Perseida Para tirar do Érebo, o cão cruel do Hades.
Ele vai como leão montanhês, confiando nas grandes suas forças
Celermente, através da cidade, acompanhado por todos os amigos.
As moças solteiras, os jovens e os velhos desafortunados. Sem parar, com choro convulso, como aqueles que vão para a morte.
E Hermes ia com eles e a de olhos cerúleos Atena:
Seu coração lhe dizia a pena que o irmão padecia.

Qual a pessoa simples que não se impressionaria com estes versos e duvidaria que Homero os tenha composto assim como são para falar daquele mito? Mas quem conhece os textos de Homero reconheceria os seus versos, mas não o assunto tratado, porque sabe que alguns deles falam de Ulisses, outros de Hércules, outros de Príamo e outros de Menelau e Agamenon. Se os inserisse cada um no exato lugar da obra de que foram tirados, faria desaparecer o argumento em questão. Assim quem possui a indefectível Regra da verdade aprendida no batismo, reconhecerá os nomes, as expressões, as parábolas que são das Escrituras, mas não a teoria blasfema deles. Reconhecerá as pedras do mosaico, mas na figura da raposa não verá a imagem do rei. Recolocando cada uma das palavras no seu lugar, ajustadas ao corpo da verdade, desvendará e ...mostrará a inconsistências das suas fantasias.
9,5. Faltando a esta comédia a solução com a qual alguém explique o seu discurso destrutivo pensamos ser necessário mostrar primeiro em que os autores desta comédia discrepam entre si, inspirados, como são, por diversos espíritos do erro. E daqui pode-se entender, mesmo antes de demonstrá-lo, que a Igreja anuncia a verdade segura e que eles propõem um amontoado de erros.

Regra da fé (31)

10,1. Com efeito, a Igreja espalhada pelo mundo inteiro até os confins da terra recebeu dos apóstolos e seus discípulos a fé em um só Deus, Pai onipotente, que fez o céu e a terra, o mar e tudo quanto nele existe; em um só Jesus Cristo, Filho de Deus, encarnado para nossa salvação; e no Espírito santo que, pelos profetas, anunCIOU a economia de Deus; e a vinda,

o nascimento pela Virgem, a paixão, a ressurreição dos mortos, a ascensão ao céu, em seu corpo, de Jesus Cristo, dileto Senhor nosso; e a sua vinda dos céus na glória do Pai, para recapitular todas as coisas e ressuscitar toda carne do gênero humano; a fim de que, segundo o beneplácito do Pai invisível, diante do Cristo Jesus, nosso Senhor, Deus, Salvador e Rei, todo joelho se dobre nos céus, na terra e nos infernos e toda língua o confesse; e execute ojustojuízo de todos: enviando para o fogo eterno os espíritos do mal, os anjos prevaricadores e apóstatas, assim como os homens ímpios, injustos, iníquos e blasfemadores; e para dar em prêmio a vida incorruptível e a glória eterna aos justos, aos santos e àqueles que guardaram os seus mandamentos e perseveraram no seu amor, alguns desde o início, outros, depois de sua conversão.

10,2. Tendo, portanto, recebido esta pregação e esta fé, como dissemos acima, a Igreja, mesmo espalhada por todo o mundo, as guarda com cuidado, como se morasse numa só casa, e crê do mesmo modo, como se possuíse uma só alma e um só coração; unanimemente as prega, ensina e entrega, como se possuísse uma só boca.
Assim, embora sendo sejam diferentes as línguas, o conteúdo da tradição é um só e idêntico. As Igrejas fundadas na ermania não crêem e não ensinam de modo diferente, nem as da Ibéria, nem as dos celtas, nem as do Oriente, nem as do Egito, nem as da Líbia, nem as estabelecidas no centro do mundo;(32) mas como o sol, criatura de Deus, é em todo o mundo um só e o mesmo, assim a luz da pregacão da verdade brilha em todo lugar e ilumina todos os homens que querem chegar ao conhecimento da verdade. E nem aquele que tem maior capacidade em falar, dentre os que presidem às Igrejas, dirá algo diferente, porque ninguém está acima do Mestre; nem quem tem dificuldade em expressar-se inferioriza a Tradição. Sendo a fé uma só e a mesma, nem aquele que pode dizer muito sobre ela a amplia, nem aquele que pode falar menos a diminui.

10,3. A exposição feita com sabedoria maior ou menor, não quer dizer que se muda a doutrina ou que se pense noutro Deus além daquele que é o Criador, Autor e Nutrício deste universo, como se ele não bastasse, ou noutro Cristo, ou noutro Filho único. Trata-se simplesmente: de indicar a maneira com que cada um procura explicar a doutrina contida nas parábolas, mostrando a sua concordância com a doutrina da verdade e de expor a maneira com que se realizou o desígnio salvífico de Deus; de mostrar que Deus usou de longanimidade, quer diante da apostasia dos anjos rebeldes, quer diante da desobediência dos homens; de dar a conhecer por que o mesmo e único Deus fez algumas coisas temporais e outra eternas, por que fez os seres celestes e terrestres. A razão pela qual, sendo invisível, se manifestou aos profetas, não de uma só forma, mas de diversas; de indicar por que fez várias Alianças com a humanidade e as características de cada uma; "por que Deus incluiu todos na incredulidade para ter misericórdia de todos";(33) trata-se de publicar numa ação de graças que o Verbo de Deus se fez homem e sofreu e anunciar por que a vinda do Filho de Deus se deu nos últimos tempos e não no início; de mostrar o que está nas Escrituras sobre o fim e as realidades futuras e de não calar que Deus fez das "nacões que não tinham esperança, co-herdeiras, concorporais e co-participantes dos santos";(34) de proclamar que "esta carne mortal se revestirá de imortalidade e esta carne curruptível, de incorruptibilidade";(35) de proclamar como "este que não era povo se tornou povo, e a que não era amada se tornou amada"; e como "os filhos da que era estéril se tornaram mais numerosos do que os da casada".(36) É em casos como estes e semelhantes que o Apóstolo exclama: "Ó abismo da riqueza, da sabedoria e da ciência de Deus! Como são inscrutáveis

seus juízos e impenetráveis os seus cami- nhos"!(37) Não se trata, portanto, de imaginar erradamente acima do Criador e Demiurgo uma Mãe para este e para aqueles, que seria a Entímese de um Eão degradado; e de chegar a tal excesso de blasfêmia e, mentindo, imaginar novamente acima dela o Pleroma que abrangeria ora os 30 Eões ora multidões inumeráveis deles. Pois assim se exprimem estes mestres que não têm nada de ciência divina, essa que a verdadeira Igreja possui numa só e única fé, e pelo mundo inteiro, como dissemos acima.

Notas

(30) Ef 5,13.
(31) Eis as linhas fundamentais do "Símbolo da fé" usado na Igreja de Lião, no tempo de Ireneu.
(32) Este "centro do mundo" para alguns intérpretes seria a palestina; para outros, a Itália; outros ainda o localizam em Roma.
(33) Jo 1,14.
(34) Rm 11,32.
(35) Ef 3,6
(36) 1Cor 15,54
(37) Os 2,5; Rm 9,25; Is 54,1; Gl 4,27; Rm 11,33

Contra as Heresias - Livro I - Parte II

Por Santo Ireneu de Lião (Bispo)

Tradução: Lourenço Costa

Fonte: Coleção Patrística, Volume 4, Ed. Paulus.

SEGUNDA PARTE

VARIANTES AO SISTEMA FUNDAMENTAL

Valentim

11,1. Vejamos agora as inconstantes doutrinas deles. São duas ou três, e como falam de forma diferente sobre as mesmas coisas e, servindo-se de nomes iguais, indicam objetos diferentes. Valentim é o primeiro a adaptar as doutrinas tiradas da heresia gnóstica ao caráter próprio da sua escola que fixou assim: há uma Díada inefável, um dos elementos chama-se Inexprimível, o outro Silêncio. Esta Díada emitiu outra Díada, um elemento dela chama- se Pai e o outro Verdade. Esta Tétrada frutificou o Logos e a Vida, o Homem e a Igreja: eis então formada a primeira Ogdôada. Do Logos e da Vida emanaram dez Potências: uma delas se afastou, foi degradada e fez o restante da obra da fabricação. Valentim estabelece depois dois Limites, um entre o Pleroma e o Abismo que separa os Eões gerados do Pai ingênito e o outro que divide a sua Mãe do Pleroma. O Cristo não foi produzido pelos Eões que estão no Pleroma, mas pela Mãe que estava fora dele e se

lembrava das realidades superiores, mas não sem alguma sombra. Sendo o Cristo masculino, tirou de si mesmo esta sombra e voltou para o Pleroma. A Mãe, então, deixada na sombra e esvaziada da substância pneumática, gerou outro filho, o Demiurgo, onipotente sobre todas as coisas submetidas a ele. E diz, de forma semelhante àquela dos que nós chama- remos gnósticos, que junto com ele, foi também gerado um Arconte da esquerda. Quanto a Jesus, ele o faz derivar o- ra do Eão que se separou da Mãe e se reuniu com os outros, isto é, Desejado; ora daquele que voltou ao Pleroma, isto é, Cristo; ora do Homem e da Igreja. Diz que o Espírito Santo foi emitido pela Verdade para julgar e fecundar os Eões, entrando invisivelmente neles e por seu meio os Eões produziram frutos de verdade. Isto é o que ensina Valentim.

Secundo

11,2. Outro, chamado Secundo, ensina que a primeira Ogdôada abrange uma Tétrada da direita e uma da esquerda, uma é a Luz, outra as Trevas. A Potência que se afastou e foi degradada, diz que não deriva dos 30 Eões, mas de seus frutos.

Um anônimo

11;3. Outro ilustre mestre deles, dotado de gnose mais sublime e profunda, expõe assim a primeira Tétrada: existe, antes de todas as coisas, um Pró-princípio pró- ininteligível, inexprimível e inominável que chamo Unicidade. Com ele está urna Potência que chamo Unida- de. Estas, Unicidade e Unidade, que são urna coisa só, emitiram, sem emitir, um Princípio inteligível, ingênito e invisível, ao qual dou o nome de Mônada. Com esta Mônada está urna Potência da mesma substância, que chamo Um. Estas Potências, isto é, Unicidade e Unidade, Mônada e Um emitiram os restantes Eões.

Ironia

11,4. Ha! he! ah! ah! Valem estas exclamações trágicas diante desta audácia em inventar nomes e aplicá-los despudoradamente a esta mentirosa invenção. Com efei- to, quando diz: Existe antes de todas as coisas um Pró- princípio pró-ininteligível que chamo Unicidade e com ele está urna Potência que chamo Unidade, mostra claramente que são ficção todas as palavras que pronunciou e que deu a estas ficções nomes que ninguém antes dele lhes deu. Se não tivesse esta ousadia, segundo ele, ainda hoje a verdade estaria sem nome. Por isso, nada impede que outro qualquer, ao tratar deste assunto, use estes nomes: Existe certo Pró-princípio soberano pró-esvaziado-de- inteligibilidade, pró-esvaziado-de -substância e Potência pró-pró-dotada-de-esfericidade, que chamo Abóbora. Junto com esta Abóbora coexiste urna Potência que chamo Super-vacuidade. A Abóbora e a Super- Vacuidade, sendo um só, emitiram sem emitir um Fruto visível de qualquer lugar, comestível e saboroso, ao qual dou o nome de Pepino. Junto com este Pepino existe uma Potência da mesma substância, que chamo Melão. Estas Potências, isto é, Abóbora e Super-vacuidade, Pepino e Melão emiti- ram a multidão restante dos Melões delirantes de Valentim. Com efeito, se é necessário ajustar a fala comum à primeira Tétrada e se cada um escolhe os nomes que quer, o que impede usar estes nomes muito mais inteligíveis, usuais e conhecidos de todos?

Outros anônimos

11,5. Outros deles, ainda, deram estes nomes à primeira e primitiva Ogdôada: ao primeiro elemento Proto-princípio, ao segundo Ininteligível, ao terceiro Inexprimível e ao quarto Invisível. Inicialmente, do primeiro Proto-princípio derivou o primeiro Princípio, que ocupa o quinto lugar; a seguir, do Ininteligível derivou o segundo, o Incompreensível que ocupa o sexto lugar; depois, do Inexprimível derivou o terceiro, o Inefável, que ocupa o sétimo lugar; e do Invisível derivou o quarto, o Ingênito, que ocupa o oitavo lugar. E assim se completou a primeira Ogdôada. Estas Potências viriam antes do Abismo e do Silêncio. Eles dizem isso para se mostrarem mais perfeitos do que os perfeitos e mais gnósticos do que os gnósticos. E alguém justamente poderia dizer isso a eles: "Pobres Melões, sofistas desprezíveis que sequer homens são"! Acerca do próprio Abismo há também entre eles várias opiniões: alguns dizem que não tem sizígia porque não é nem masculino nem feminino, nem absolutamente nada; ou- tros dizem-no masculino e feminino ao mesmo tempo, e lhe atribuem natureza hermafrodita; outros ainda lhe atribuem o Silêncio como esposa, para formar assim a primeira sizígia.

Escola de Ptolomeu

12,1. Os mais instruídos dos discípulos de Ptolomeu dizem que o Abismo tem duas esposas que chamam Disposições, isto é, Pensamento e Vontade. Como primeira coisa pensou o que devia emitir e depois o quis. Por isso, destas duas Disposições ou Potências, isto é, Pensamento e Vontade, misturadas e unidas, por assim dizer, uma à outra houve a emissão do Unigênito e da Verdade. Eles são o tipo e a imagem visível das duas Disposições invisíveis do Pai. O Unigênito reproduz a Vontade e a Verdade o Pensamento; por isso o masculino, princípio gerante é imagem da Vontade e o feminino, princípio passivo, é imagem de Pensamento. A Vontade se tornou como que o poder do Pensamento: desde sempre ele pensava na emissão, mas era incapaz de fazê-lo sozinho. Quando sobreveio o poder da Vontade emitiu o que tinha pensado.

12,2. Não te parece, meu caro amigo, que esta gente concebeu em seu espírito mais o Júpiter de Homero, todo preocupado por que não consegue pegar no sono, pensando como haveria de fazer para honrar Aquiles e fazer perecer uma multidão de gregos, do que no Senhor de todas as coisas? O qual ao pensar as coisas as realizou e quando as quer, ao mesmo tempo as pensa: pensando quer e querendo pensa, porque é todo Pensamento, todo Vontade, todo Intelecto, todo Luz, todo Olho e Ouvido, todo Fonte de todos os bens.

12,3. Os que são tidos como os mais sábios dentre os sábios deles dizem que a primeira Ogdôada não foi emitida gradativamente, Eão após Eão, mas ao mesmo tempo, como unidade, pelo Protoprincípio e seu Pensamento. Dizem isso como quem assistiu ao parto deles como obstetras. Segundo eles, não foram o Logos e a Vida que emitiram o Homem e a Igreja, mas foram o Homem e a Igreja que emitiram o Logos e a Vida, da forma seguinte: quando o Protoprincípio pensou em emitir algo, isso recebeu o nome de Pai e, depois da emissão, sendo isso veraz, recebeu o nome de Verdade. Quando se quis manifestar, isso recebeu o nome de Homem e quando emitiu aqueles que tinha pensado anteriormente, a

eles deu o nome de Igreja. O Homem pronunciou o Logos, que é o Filho primogênito, e ao Logos seguiu-se a Vida: assim foi completada a primeira Ogdôada.

12,4. Surgem depois, entre eles, bastante controvérsias acerca do Salvador. Alguns dizem que ele foi emitido por todos os Eões, motivo pelo qual se chama Beneplácito. Com efeito, todo o Pleroma teve o prazer de glorificar o Pai por meio dele. Outros o fazem derivar só dos dez Eões emitidos pelo Logos e pela Vida e por isso ele conserva o nome de Logos e Vida, que era o dos pais. Alguns o fazem derivar dos doze Eões emitidos pelo Homem e a Igreja e é por isso que ele proclama a si mesmo Filho do Homem, como descendente deste Homem. Outros fazem-no derivar do Cristo e do Espírito Santo, criados para consolidar o Pleroma e por isso ele se chama Cristo, do nome do Pai que o emitiu. Alguns dizem que é o próprio Pró-pai de todas as coisas, o Pró-princípio, o Pró-ininteligível, que se chama Homem: este é o grande mistério escondido, isto é, a Potência que está acima de tudo e tudo abrange e se chama Homem e é por isso que o Salvador se chama Filho do Homem.

Contra as Heresias - Livro I - Parte II (A)

Por Santo Ireneu de Lião (Bispo)

Tradução: Lourenço Costa

Fonte: Coleção Patrística, Volume 4, Ed. Paulus.

A. COMPORTAMENTO IMORAL

Doutrina de Marcos

13,1. Outro, entre eles, que se gaba de corrigir o mestre, chamado Marcos, espertíssimo na arte mágica com a qual seduzia muitos homens e não poucas mulheres, atraindo- os a si omo ao gnóstico e perfeito por excelência, e como detentor da Potência suprema provinda de lugares invisí- veis e indescritíveis, é como que o verdadeiro precursor do Anticristo. Misturando os jogos de Anaxilau com as malícias dos assim chamados magos se faz passar por milagreiro aos olhos daqueles que nunca possuíram discernimento ou então o perderam.

13,2. Fingindo consagrar no cálice uma bebida misturada com vinho e pronunciando longas invocações, a faz aparecer de cor púrpura ou vermelha. Assim, pode-se pensar que a Graça, por causa da sua invocação, depositou naquele cálice o seu sangue, vindo das regiões supernas. Os que assistem desejam provar da bebida para que se derrame também neles a Graça invocada por este mágico. Depois, apresentando aquela mistura de bebida às mulheres ordena que elas dêem graças. na sua presença. Feito isto, pega num cálice muito maior do que aquele sobre o qual a extraviada deu graças e transferindo a bebida do cálice menor, sobre o qual foi feita a eucaristia, para aquele bem maior que ele de antemão preparara, pronuncia estas palavras: Aquela que está antes de todas as coisas, impensável e inexprimível Graça, encha a tua pessoa interior, multiplique em ti a sua gnose, semeando o grão de mos- tarda em terra boa. Aquela infeliz, fora de si de estupor ante estas palavras, julga prodígio o fato de o cálice maior ser enchido pelo menor até derramar. Com esta e outras mágicas semelhantes seduziu e atraiu muitos a segui-lo.

13,3. Ele dá a entender que teria um demônio como assistente que o faz profetizar, a ele e a todas aquelas mulheres que julgar dignas de participar da sua Graça. Dedica-se de modo especial às mulheres, e entre elas, especialmente às mais nobres, intelectuais e ricas, cujas vestes são enfeitadas de púrpura, que lisonjeia, procurando atraí-Ia com estas palavras: Quero que participes da minha Graça, porque o Pai de todos vê sempre o teu Anjo diante dele. Mas o lugar da tua grandeza está em nós, por isso devemos formar uma coisa só. Recebe primeiramente de mim e por meu intermédio a Graça. Prepara-te como esposa que espera pelo esposo para seres o que eu sou e eu seja o que tu és. Dá lugar na tua cama nupcial à semente da Luz. Recebe de mim o Esposo, dá-lhe lugar em ti, toma- o e sejas tomada por ele. Eis que a Graça desce em ti: abre a boca e profetiza. A mulher responde: Eu nunca profetizei, nem sei profetizar. Então ele repete algumas invocações que arrebatam a infeliz seduzida e diz: Abre a boca, dize qualquer coisa e profetizarás. E aquela, excitada por estas palavras e sentindo ferver na alma a ilusão de começar a profetizar e o coração pulsar mais forte do que de costume, anima-se e se põe a profetizar todas as tolices que lhe vêm à cabeça, sem sentido e sem hesitar ,justamente por ser inflamada por espírito vazio. Alguém, melhor do que nós, disse a propósito dessa gente: audaciosa e impudente é a alma aqueci da por vãos vapores. A partir deste momento ela julga ser profetisa e agradece a Marcos que a tornou participante da sua Graça e procura recompensá-lo não somente doando-lhe os seus bens (é daqui que vêm as grandes riquezas deste homem) mas também o seu corpo, desejando unir-se em tudo a ele para formar com ele o Uno.

13,4. Ora, algumas mulheres mais fiéis, tendo o temor de Deus, não se deixaram enganar, quando tentou seduzi-las como as outras; ordenando-lhes que profetizassem, romperam, com insultos e maldições, com este demente que fingia comunicar o espírito divino. Elas sabiam perfeita mente que o poder de profetizar não é o mágico Marcos que o dá aos homens, e sim Deus que confere do alto a graça e o dom divino da profecia e os homens que o recebem falam onde e como ele quer e não quando Marcos o ordena. Quem manda é maior e mais poderoso de quem é manda- do, porque aquele governa e este obedece. Se um Marcos qualquer ou outro dão ordens, como costuma fazer nos seus jantares, toda essa gente brincando de oráculos, ordenando uns aos outros profetizarem coisas que são do seu desejo, então aquele que manda deve ser maior e mais poderoso do que o Espírito profético, mesmo sendo homem, o que é impossível. Mas os espíritos que recebem ordens deles, que falam quando eles querem, são terrenos e fracos, temerários e irreverentes, são enviados por Satanás para seduzir e arruinar aos que não sabem guardar firmemente a fé que receberam no princípio através da Igreja.

13,5. Este mesmo Marcos serve-se ainda de filtros e poções para violentar também os corpos, se não de todas estas mulheres, pelo menos de algumas. Muitíssimas vezes, depois de se terem convertido à Igreja de Deus, elas confessaram que foram violentadas por ele e que, tomadas violentamente pela paixão, o amaram intensamente. A um diácono nosso que vive na Ásia e o acolheu em sua casa, aconteceu desgraça semelhante. A esposa dele, mulher bonita, foi corrompida na mente e no corpo por este m8gico e o seguiu por bastante tempo, até que os irmãos, com grandes esforços, a converteram. Ela passou o resto de seus dias na penitência, chorando e lamentando a corrupção sofrida por este mágico.

13,6. Alguns dos seus discípulos, perambulando pelos mesmos lugares, seduziram e corromperam muitas mulheres, autodenominando-se perfeitos como se ninguém
pudesse comparar-se à grandeza de sua gnose, nem Paulo, nem Pedro, nem outro apóstolo, porque eles teriam conhecimento superior ao de todos e somente eles assimilaram a grandeza do conhecimento da Potência inefável. Eles estariam na altura, acima de toda Potência, por isso podem fazer livremente qualquer coisa, sem que nada os atemorize minimamente, e graças à redenção tornam-se incompreensíveis e invisíveis para o Juiz. E se por acaso ele os surpreendesse, apresentar-se-iam munidos da redenção e se defenderiam com estas palavras: Ó Assistente de Deus e do místico Silêncio, anterior aos Eões, que contemplas aqueles que sempre vêem o rosto de Deus, e que, tendo-te como guia e acompanhante, recebem a forma do alto; formas que a Mulher com grande ousadia, levada por uma inspiração, nos conferiu, por causa da bondade do Pró-pai, como imagens daquelas Potências que ela tinha presentes, como que em sonho: eis que o Juiz está próximo, eis que o arauto te ordena que me defendas. Tu que conheces as razões de nós dois, apresenta a defesa ao Juiz, como se fôssemos um. Ao ouvir isso, logo a Mãe lhes impõe o homérico capacete do Hades para fazê-los desaparecer da vista do Juiz, e os introduz na câmara nupcial e os restitui ao cônjuge deles.

13,7. Com este modo de agir e falar seduziram muitas mulheres também na nossa região do Ródano e elas ficaram marcadas na consciência de tal forma que algumas fizeram penitência pública, outras, que não tinham coragem para isso, retiraram-se na solidão, desesperando da vida de Deus. Enquanto umas se afastaram completa- mente, outras hesitaram e provaram o que diz o provérbio, não estando nem dentro nem fora, e ficaram com o fruto da semente dos filhos da gnose.

Contra as Heresias - Livro I - Parte II (B)

Por Santo Ireneu de Lião (Bispo)

Tradução: Lourenço Costa

Fonte: Coleção Patrística, Volume 4, Ed. Paulus.

B. DOUTRINAS SOBRE A PRIMEIRA TÉTRADA

14,1. Este Marcos, portanto, dizendo que só ele, por ser Unigênito, é o seio e o receptáculo do Silêncio Colabarso, afirma que emitiu desta forma a semente nele depositada: a Tétrada que está acima de tudo, desceu a ele dos lugares invisíveis e inefáveis, na forma de mulher, porque, diz ele, o mundo não podia suportar o elemento masculino dela, mostrou-se-lhe assim como era, e manifestou somente a ele a origem de todas as coisas que nunca tinha revelado a ninguém, quer fosse deus quer homem. E lhe disse: Quando, no princípio, o Pai que não tem pai, que é inconcebível e sem substância, que não é masculino nem feminino, quis que o inefável dele pudesse ser expresso e o que é invisível se tornasse visível, abriu a boca e proferiu o Verbo, semelhante a ele. Este Verbo se postou a seu lado e mostrou-lhe o que era: a forma do invisível que se manifestava. A enunciação do nome se deu assim: disse a primeira parte do nome, composta por quatro letras; acrescentou a segunda, também de quatro letras; depois disse a terceira, de dez letras e, por fim, a seguinte, de doze letras.

A enunciação do nome completo é formada por trinta letras e quatro sílabas. Cada um destes elementos tem as suas letras, o seu caráter, sua pronúncia, seus traços e suas imagens e nenhum deles percebe a forma total de que não é senão um elemento. E não somente isso eles não sabem, mas cada um ignora a enunciação do seu vizinho. E quando pronunciam o seu nome acreditam exprimir o Tudo. Cada um deles, que é uma parte do Todo, diz o seu nome como se fosse o do Todo e não para de proferi-lo até que chegue à última letra da última sílaba. Então, diz ele, acontecerá a reintegração universal, quando todos chegarem à uma só letra e a um único som; e o símbolo da exclamação é o Amém que juntos dizemos.
Estes são os sons que formam o Eão sem substância e ingênito; eles são as formas que Deus chamou de Anjos e vêem sem interrupção o rosto do Pai.

14,2. Aos elementos comuns e exprimíveis deu o nome de Eões, Lógoi, Raízes, Sementes, Pleromas, Frutos. Tudo o que lhes é próprio e característico é abrangido no nome Igreja. A última letra do último destes elementos emitiu a sua voz e este som gerou elementos próprios à imagem dos elementos do Tudo. Por eles foram dispostas as coisas presentes e criadas as antecedentes. A própria letra cujo som seguia ao som anterior foi novamente recolhida pela sua sílaba, para que o Tudo permanecesse completo; mas o som ficou embaixo, como lançado fora. O próprio elemen to do qual caiu a letra com a sua enunciação consiste de outras trinta; cada uma destas contém em si outras trinta que formam o nome da letra. Por sua vez as outras letras são designadas com o nome de outras letras, e estas de outras, assim até o infinito. Por um exemplo compreende- rás com maior clareza o que quero dizer: o elemento "delta" é composto por cinco letras, isto é, delta, épsilon, lambda, tau e alta e estas são escritas com outras letras, e assim a seguir. Ora, se com a letra delta considerada na sua integridade se vai ao infinito, pois uma letra gera sempre outra e se sucedem umas às outras, quanto maior do que este elemento é o mar de todas as letras! E se uma só letra é assim infinita, pensa por um momento no abismo de todo o nome das letras de que consta, segundo o Silêncio de Marcos, o Pró-pai. Por isso o Pai, cônscio da sua incompreensibilidade, concedeu aos elementos chamados Eões, proferir cada um a sua própria enunciação, na impossibilidade de um só enunciar o Tudo.

14,3. Depois de lhe ter exposto estas coisas, a Tétrada disse: quero mostrar-te a própria Verdade. Eu a fiz descer dos mundos superiores para que a vejas nua e admires a sua beleza, a ouças falar e admires a sua sabedoria. Olha a sua cabeça, no alto, primeiramente, o alta e ômega; o pescoço, beta e psi; os ombros e as mãos, gama e qui,. o peito, delta e /i,' o tronco, épsilon e ípsilon; o ventre, zeta e tau,. as genitália, eta e sigma,. os fêmures, teta e ro,. os joelhos, iota e Fi,. as pernas, capa e ómicron,. os tornozelos, lambda e csi os pés, mi e ni. (38) Este é o corpo daquela Verdade, segundo o mago, este o aspecto do elemento, o caráter da letra. A este elemento dá o nome de Homem e diz que é o princípio de todo o Logos, fonte de toda voz, expressão de todo o Inefável, a boca do taciturno Silêncio. Eis o corpo dela. Tu, porém, elevando mais ao alto a inteligência de tua mente, escuta da boca da Verdade o Verbo gerador de si mesmo e doador do Pai.

14,4. Tendo dito isto, a Verdade olhou para Marcos e abrindo a boca disse uma palavra; a palavra se tornou nome, e o nome que conhecemos e pronunciamos é este: Jesus Cristo. Mal acabara de o pronunciar, calou-se. Marcos pensava que ela diria mais alguma coisa, mas a Tétrada, aproximando-se, disse-lhe: Consideraste como insignificante a palavra que escutaste da boca da Verdade. Não é o nome que conheces e julgavas possuir. Tu pos- suis

o som dele, mas ignoras o seu poder. Jesus é nome insigne, composto de seis letras (em grego), conhecido de todos os chamados. Mas o nome que tem entre os Eões do Pleroma, sendo composto de muitas partes, é de outra espécie, de outro tipo e é conhecido só por aqueles que são da mesma raça e cujas Grandezas estão sempre diante dele.

14,5. Deves entender que as vinte e quatro letras que usais são o símbolo das três Potências que compreendem o número total dos elementos do alto. As nove letras mudas são o símbolo do Pai e da Verdade, porque são áfonas, isto é, inexprimíveis e inefáveis. As oito semivogais são o símbolo do Logos e Zoé e estão no meio, entre as mudas e as vogais, e recebem a emanação das que lhes estão acima e a elevação das de baixo. As sete vogais são o símbolo de Homem e de Igreja, porque a Voz formou todas as coisas passando pelo Homem. De fato foi o som da Voz que lhes deu a forma. O Logos e Zoé têm, portanto, o número 8, o Homem e a Igreja o 7; o Pai e a Verdade o 9. Como a soma era menor e incompleta, aquele que estava junto ao Pai desceu, enviado lá de onde se separara, para corrigir o defeito das coisas e para que a unidade do Pleroma, possuindo a igualdade, frutificasse em todos e produzisse uma Potência que deriva de todos. Assim o número sete recebeu o valor de oito e ficaram três Lugares semelhantes, pelo número, às Ogdôadas que vindo três vezes sobre si mesmas apresentam o número vinte e quatro. Os três elementos que, segundo Marcos, estão em sizígia com as três Potências, portanto seis, donde derivaram vinte e quatro letras, que multiplicadas por quatro, número da inefável Tétrada, produzem o mesmo número: elas pertencem ao Inefável, mas são revestidas das três Potências à semelhança do Invisível. Imagens das Imagens destes elementos são as nossas letras duplas, que somadas, em virtude da analogia, às outras vinte e quatro dão o número trinta.

14,6. O fruto deste cálculo e desta economia, diz ele, apareceu na imagem simbólica naquele que, depois de seis dias, subiu em quarto lugar ao monte, tornou-se sexto, desceu e foi retido na Hebdômada, mesmo sendo Ogdôada perfeita e tendo em si o número de todos os elementos. A pomba, que é alfa e ômega, indicou o mesmo número quando da sua descida no batismo: seu número é 801. Por isso Moisés disse que o homem foi criado no sexto dia e também a economia. Sabendo o intelecto perfeito que o número seis tem o poder de criação e regeneração, mani- festou aos filhos da luz a regeneração que se cumpriu por meio do número que se refere a ele. Daqui Marcos conclui que as letras duplas têm aquele número insigne: com efeito, somado aos 24 elementos perfaz o número de 30 letras.

14,7. E teve como ajudante a Grandeza dos sete números, como diz o Silêncio de Marcos, para manifestar os frutos do pensamento concebido por ele. Por este número especial, diz ele, deves entender o que ele simboliza, o qual, como que dividido em três partes, ficou fora e no próprio poder e sabedoria, mediante a sua emissão animou este mundo das sete Potências, à imitação da potência da Hebdômada e deu aquela que parece a alma a este universo visível. Serve-se ele também desta obra feita como que espontaneamente por ele enquanto as outras coisas servem à Entímese da Mãe, sendo imitações de coisas inimitáveis. O primeiro Céu ecoa o alfa, o seguinte o épsilon, o terceiro o eta, o quarto, intermédio entre os sete, narra a potência do iota, o quinto o ómicron, o sexto o úpsilon, o sétimo e quarto a partir do mediano, ecoa a última letra, o ômega, como o Silêncio de Marcos que se exprime com muita loquacidade mas sem dizer nada de verdadeiro.(39) Tais Potências juntas, diz ele, e abraçadas umas às outras cantam e glorificam a glória que as

emitiu e o canto triunfal eleva-se ao Pró-pai. O eco desta glorificação, trazido à terra, torna-se, segundo ele, o plasmador e gerador do que está na terra.

14,8. Alega como argumento que a alma dos recém- nascidos, ao sair do seio materno, emite o som de cada um destes elementos. Assim como as sete Potências, afirma, glorificam o Logos também a alma dos recém-nascidos, chorando e vagindo, glorificam a Marcos. Por isso Davi disse: "Da boca dos lactentes e infantes preparaste o louvor", e ainda: "Os céus narram a glória de Deus".(40) Por isso a alma que estava nas dores e nas contrariedades quando é libertada delas diz: oh (ômega), em sinal de louvor para que a alma do alto reconheça a sua parente e lhe envie a sua ajuda.

14,9. Desta maneira delirou acerca da totalidade do nome composto de trinta letras; do Abismo que aumenta com suas letras; do corpo da Verdade que tem doze membros, cada um composto de duas letras; da voz que emitiu sem emiti-Ia; da explicação do nome que não foi dito; da alma do mundo e do homem, naquilo que são imagens da economia. A seguir falaremos do modo com que a Tétrada deles revelou, a partir dos nomes, a igualdade da potência, para que nada te fique oculto, ó caríssimo, de tudo o que dizem e chegou até nós, como nos pediste repetidas vezes.

Notas

(38) 0 critério utilizado é o alfabeto grego onde vão se conbinando as letras: primeira e última, segunda e penúltima, terceira e antipenúltima e assim progressivamente.

(39) Curiosa ironia: o Silêncio fala e fala muito, mas nada diz de verdadeiro; é um falante vazio.

(40) Sl 8,3; 19,1

Contra as Heresias - Livro I - Parte II (C)

Por Santo Ireneu de Lião (Bispo)

Tradução: Lourenço Costa

Fonte: Coleção Patrística, Volume 4, Ed. Paulus.

C. PROLIFERAÇÃO DO SILÊNCIO

15,1. É assim que seu muitíssimo sábio Silêncio anuncia a geração dos vinte e quatro elementos: com a Unicidade estava a Unidade e delas houve duas emissões, como já dissemos, isto é, a Mônada e o Um que, duplicando-se, ficaram quatro, pois duas vezes dois dá quatro. Em seguida, dois e quatro, somados, formam o número seis. Estes seis multiplicados por quatro geram as vinte e quatro formas. Os nomes santíssimos da primeira Tétrada, inteligíveis mas inefáveis são conhecidos somente pelo Filho e o Pai sabe de que natureza são. Os outros pronunciados por ele com gravidade, respeito e fé são estes:

Inefável e Silêncio, Pai e Verdade. O número total desta Tétrada é de vinte e quatro letras: Inefável (Arretós) tem 7, Silêncio (Sighé) 5, Pai (Patér) 5, e Verdade (Alétheia) 7; somando-se duas vezes cinco e duas vezes sete dão o total de vinte e quatro. Da mesma forma a segunda Tétrada, Logos e Zoé, Homem (Ánthropos) e Igreja (Ekklesía) têm o mesmo número de elementos. O nome exprimível do Salvador (Jesoús) é de seis letras, o inexprimível de vinte e quatro. Os nomes Filho e Cristo (Yiós Creistós) têm doze letras, mas o que é inexprimível de Cristo tem trinta letras. Por isso Marcos diz que ele é alfa e ômega para indicar a pomba, ave que tem este número.

15,2. Jesus tem, diz ele, esta origem inefável. Da Mãe de todas as coisas, isto é, da primeira Tétrada teve origem, como filha, a segunda e se formou a Ogdôada da qual derivou uma Década e assim se formou o número dezoito. Ora, a Ogdôada multiplicada por dez produziu o número oitenta, multiplicada outra vez por dez deu oitocentos, de forma que o número total das letras que se forma dos produtos das Ogdôadas pelas Décadas é oito, oitenta e oitocentos (888), isto é, Jesus. Jesus, conforme os números correspondentes às letras gregas, dá como total 888. Eis claramente, segundo eles, a origem supraceleste de Jesus. Por isso o alfabeto grego tem oito unidades, oito dezenas, oito centenas que indicam o número 888, isto é Jesus, que se compõe de todos os números e é chamado alfa e ômega, que significam a sua origem de todos. E ainda desta maneira: somando-se progressivamente os números da primeira Tétrada, aparece o número 10; de fato 1+2+3+4=10. Este número, representado pelo iota, ele o identifica com Jesus. Diz também que Cristo (Creistós) tem oito letras e que por meio delas é indicada a primeira Ogdôada que, combinada com o número 10, produziu o número 888. Diz-se ainda, acrescenta ele, Filho Cristo e temos a Duodécada: Yiós tem quatro letras e Creistós oito, que somadas mostram a grandeza da Duodécada. Antes que o número insigne deste Nome, isto é Jesus, apareces- se aos filhos, os homens encontravam-se em grande ignorância e erro, mas quando foi manifestado o nome com seis letras, revestido de carne para descer até a sensibilidade do homem, tendo em si mesmo o seis e o vinte e quatro, então os que o conheceram deixaram de ser ignorantes e passaram da morte à vida, porque este nome se tornou para eles o caminho que os conduziria ao Pai da Verdade. O Pai de todas as coisas, com efeito, decidiu eliminar a ignorância e destruir a morte. Ora, a eliminação da ignorância era a gnose do Pai. Por isso foi escolhido o homem estabelecido na sua vontade à imagem da Potência do alto.

15,3. Da Tétrada originaram-se os Eões e nela estavam o Homem e a Igreja, o Logos e a Zoé. Destes, portanto, foram emitidas Potências que geraram aquele Jesus que apareceu sobre a terra. Gabriel assumiu o lugar do Logos, o Espírito Santo o da Zoé, o Poder do Altíssimo o do Homem e a Virgem o da Igreja. Assim, segundo ele, o homem econômico foi gerado por meio de Maria, e passando pelo seio dela, o Pai de todos o elegeu por meio do Logos para que fosse conhecido por ele. Vindo à água, desceu sobre ele, na forma de pomba, Aquele que subiu ao alto e completou o número doze. Nele estava a semente daque- les que foram semeados com ele e com ele desceram e subiram. Chamou semente do Pai à potência que desceu porque tinha nela o Pai, o Filho e a potência indizível do Silêncio conhecida por meio deles e todos os Eões. Este seria o Espírito que falou pela boca de Jesus, que se declarou Filho do homem e revelou o Pai, que desceu sobre Jesus e se uniu a ele. Destruiu a morte, diz Marcos, aquele que foi constituído pela economia Salvador Jesus e Cristo Jesus fez conhecer seu Pai. Jesus é o nome daquele que foi constituído homem pela economia e posto como semelhança e forma daquele Homem que devia descer

nele. Quando o recebeu, recebeu também o próprio Homem e o próprio Lagos, o Pai, o Inefável, o Silêncio, a Verdade, a Igreja e a Zoé.

15,4. Tudo isso supera os ais e os ai de mim! e todas as exclamações trágicas e interjeições de dor. Quem não desprezaria este poeta e artífice de mentiras ao ver, por obra de Marcos, a Verdade transformada em ídolo e mar- cada pelas letras do alfabeto? Tanto recentemente como desde as origens, ontem ou antes, como se costuma dizer, os gregos afirmam que no início receberam de Cadmos 16 letras do alfabeto e que depois, com o passar do tempo, eles mesmos inventaram, quer as aspiradas, quer as duplas e que recentemente, por último, Palámedes acrescentou as longas. Ora, antes de isso acontecer entre os gregos, não podia existir a Verdade. Porque és tu, Marcos, que o dizes, seu corpo é posterior ao tempo de Cadmos e seus antecessores, posterior ao daqueles que acrescentaram as outras letras, posterior também a ti: com efeito somente tu rebaixaste a ídolo a Verdade anunciada por ti.

15,5. Haverá quem possa admitir o teu Silêncio tão loquaz, que nomeia o Eão inefável, que expõe o invisível, que perscruta o imperscrutável? Como podes dizer que abriu a boca quem não tem corpo nem forma e que pronunciou um verbo semelhante a qualquer vivente, invisível na forma, de trinta letras e quatro sílabas? Será, portanto, semelhante ao Logos o Pai de todas as coisas, que tu dizes ser composto de trinta letras e quatro sílabas? Quem poderá entender como teu esquema e teus números; que ora são trinta, ora vinte e quatro, ora somente seis, abrangem o Criador, o Demiurgo, o Autor do Verbo de Deus, quando o reduzes a quatro sílabas e trinta letras? Quando rebaixas o Senhor de todas as coisas, aquele que firmou os céus, ao número 888, como fizeste com as duas letras extremas do alfabeto? Quando divides até o Pai que contém tudo e nada o pode conter, em Tétrada, Ogdôada, Década e Duodécada, e servindo-te de multiplicações falas do Pai que, como tu dizes, é o inexprimível e o inconcebível? Quando, para aquele que dizes sem corpo e sem substância crias uma matéria e substância com muitas letras geradas umas das outras, tornando-te falso Dédalo e artífice incompetente da Potência mais sublime? Quando divides a substância, que afirmas indivisível, em letras mudas, vogais e semivogais e atribuis ao Pai e à sua Entímese, dentre todas as letras, as mudas? As tuas mentiras levaram todos aqueles que acreditam em ti às maiores blasfêmias e à impiedade máxima.

15,6. Portanto aplicam-se justamente à tua temeraridade as invectivas que o velho Arauto da Verdade, inspirado do alto, dirigia-te nestes versos:

Artífice de ídolos és, Marcos, ilusionista
experto na árte mágica e na astrologia;
com eles confirmas erros de doutrina
apresentando prodígios aos que são enganados por ti, obras daquela Potência apóstata
que teu pai Satanás te concede
fazer pelo demoníaco poder de Azael, que tem em ti o precursor da funesta maldade contra Deus.

Estas as palavras do ancião que amava a Deus. Quanto a nós, tentaremos expor-te brevemente a longa seqüela de mistérios e tornar manifesto o que esteve escondido por muito tempo: poderão assim mais facilmente ser detestadas e condenadas por todos.

Contra as Heresias - Livro I - Parte II (D , E)

Por Santo Ireneu de Lião (Bispo)

Tradução: Lourenço Costa

Fonte: Coleção Patrística, Volume 4, Ed. Paulus.

D. OS NÚMEROS, SUBSTÂNCIA DAS COISAS

16,1. Juntando a geração dos Eões, o desgarramento e o reencontro da ovelha, eles, que reduzem tudo a números, ousam afirmar misticamente que tudo consta de mônada e díada. Somados sucessivamente os números de um a quatro geram a Década: 1+2+3+4 produzem o número dos dez Eões. Por sua vez, a Díada, a partir dela e progredindo até o número insigne, 2+4+6, mostra a Duodécada. Nova- mente somando da díada até dez aparece o número trinta em que estão contidas a Ogdôada, a Década e a Duodécada. À Duodécada, que tem como final o número insigne e por causa dele, dão o nome de paixão. Tendo acontecido uma queda no número doze, a ovelha que saiu, perdeu-se, porque a deserção se deu a partir da Duodécada. Do mesmo modo é oráculo deles que uma Potência se separou da Duodécada e perdeu-se, e seria a mulher que perdeu a dracma, acendeu a lucerna e a encontrou.(41) Assim os números que restaram, o nove da dracma e o onze da ovelha, multiplicados entre si deram noventa e nove que é o resultado de 9xll. Eis por que a palavra Amém tem este número.
41Cf. Lc 15,8-11.

16,2. Não quero deixar de referir-te também outras intepretações deles para que possas contemplar, de todos os lados, os seus frutos. A letra eta, contando o número insigne (sigma = 6) seria a oitava por estar no oitavo lugar, a partir do alfa; em seguida, somando os números destas letras, tirando o sigma (1+2+3+4+5+6+7+8-6=30) obtém como resultado trinta. Com efeito, somando-se todos os números do alfa ao eta, tirando o número insigne, encontra-se o trinta. Até a letra épsilon o valor das letras é quinze; acrescentando-se sete dá vinte e dois; acrescentando-se oito completa-se a admirável Triacôntada. Com isso querem provar que a Ogdôada é a Mãe dos trinta Eões. Visto que o número trinta é composto pelas três potências (8,10,12) somadas, multiplica-se por três e dá noventa. O três multiplicado por si mesmo produz o nove. Assim a Ogdôada gerou o número noventa e nove. E porque o décimo segundo Eão, afastando-se, deixou lá em cima os onze, a forma das letras foi disposta conveniente- mente para formar a figura do Logos. A décima primeira letra é o lambda, que é o número trinta, e foi disposta à imagem da economia do alto: porque somando progressivamente o valor numérico das letras, do alfa ao lambda, exceptuando-se o número insigne, tem-se o número no- venta e nove. Que o lambda, décimo primeiro na ordem, tenha descido à procura do seu semelhante para completar o número doze, o tenha encontrado e ficado completo, fica evidente pela própria forma da letra. O lambda procurou o seu semelhante, o encontrou, o atraiu a si e completou o décimo segundo lugar, sendo a letra M composta por dois lambdas. Este é o motivo por que fogem, pela gnose, do lugar do número noventa e nove, que é o da deficiência, tipo da mão esquerda, e perseguem a unidade, que somada a noventa e nove os fará passar para a mão direita.

16,3. Bem sei que ao ler estas coisas, ó caríssimo, haverás de rir às gargalhadas, tamanha a presunção e a loucura dessa gente. Dignos de compaixão são os que tratam coisa tão sagrada, a grandeza do Poder verdadeiramente inefável, e as economias de Deus, servindo-se do alfabeto e de números tão frios e artificiais. Verdadeiramente condenam-se a si mesmos quantos se separam da Igreja para aderir a tais patranhas. Paulo manda que os "evitemos depois da primeira e segunda advertência"; João, o discípulo do Senhor, lhes amplia a condenação, proibindo nos até de os cumprimentar, porque "quem lhes diz bom-dia participa de suas obras iníquas". E com razão: "Não há salvação para os ímpios, diz o Senhor".(42) São de impiedade que supera toda impiedade os que afirmam que o Criador do céu e da terra, o único Deus onipotente, sobre o qual não há outro Deus, provém de degradação derivante de uma primeira, e segundo eles, já de uma terceira degradação. Rejeitando e condenando convenientemente esta doutrina devemos fugir alhures, longe deles e quanto mais afirmam e se comprazem nestas invenções tanto mais nos devemos convencer de que estão possuídos pelos maus espíritos da Ogdôada. São como aqueles que caíram em paixão frenética e quanto mais riem e agem pensando estar bem, até mais ainda do que se estivessem bem, tanto mais estão doentes. A mesma coisa acontece a eles: quanto mais julgam saber e se estragam os nervos tendendo a coisas superiores às suas forças, tanto mais avançam na loucura. O espírito imundo da ignorância saiu e os encontrou ocupados, não em Deus, mas em questões mundanas. Então tomou consigo outros sete espíritos piores do que ele, enfatuou-lhes a sabedoria, fazendo-os acreditar que podiam entender o que está acima de Deus, e conveniente- mente dispostos, na sua mente, para a fecundação, depositou neles a Ogdôada da ignorância dos espíritos perversos.

E. A CRIAÇÃO DO MUNDO

17,1. Quero expor-te ainda como, segundo eles, foi feita a criação, à imagem das coisas invisíveis, pelo Demiurgo, sem que ele o soubesse, graças à intervenção da Mãe. Em primeiro lugar, dizem, foram produzidos os quatro ele- mentos: fogo, água, terra e ar, à imagem da Tétrada superior. As operações respectivas que lhes pertencem, isto é, calor e frio, úmido e seco, representam fielmente a Ogdôada. Derivadas dela enumeram as dez potências, a saber: sete corpos esféricos que chamam céus; depois, em volta deles, uma esfera a que chamam oitavo céu; e depois, o sol e a lua. Estes corpos, que são dez, dizem que são imagem da Década invisível emitida pelo Logos e Zoé. A Duodécada seria indicada pelo círculo chamado Zodíaco. Os doze signos, dizem, representam manifestamente a Duodécada, filha do Homem e da Igreja, e foram pintados como que por uma sombra. E o céu supremo que com sua mole se opõe à rotação velocíssima do universo e com seu peso trava-lhe a velocidade, faz com que o giro de um signo a outro se cumpra no intervalo de trinta anos, é imagem, dizem, do Limite que contém dentro e si a Mãe deles, que tem o número trinta. Também a Lua que dá a sua volta ao céu em trinta dias, com este número de dias indica os trinta Eões. E o Sol, que gira em círculo e cumpre a sua apocatástase em doze meses, manifesta por meio deles a Duodécada. Também os dias, que têm a medida de doze horas, são a figura da invisível Duodécada. Até as horas, que são um dozeavo do dia, são compostas de trinta partes para representar a Triacôntada. O círculo do Zodíaco é subdividido em 360 partes e cada signo tem 30: assim no círculo vêem conservada a imagem da conjunção do 12 com o 30. A própria terra, dizem, dividida em 12 zonas nas quais recebe sucessivamente, a prumo, um poder peculiar do céu, gerando prole

semelhante à potência que exerce seu in- fluxo, seria figura claríssima da Duodécada e seus filhos.

17,2. Além disso, dizem que o Demiurgo, querendo imitar a infinitude, a eternidade, a ilimitabilidade e a intem- poralidade da Ogdôada e não tendo o poder de reproduzir a estabilidade e perpetuidade dela, por ser ele fruto de uma degradação, reduziu esta eternidade em períodos e tempos numerosíssimos, pensando imitar a infinidade dela com a multiplicidade dos tempos. Então, dizem, ao se afastar dele a Verdade, sobreveio a mentira; por isso a sua obra será destruída quando se completarem os tempos.

Nota

(42) Mt 3,10; 2Jo 11; Is 48,22.

Contra as Heresias - Livro I - PARTE II (F: a,b)

Por Santo Ireneu de Lião (Bispo)

Tradução: Lourenço Costa

Fonte: Coleção Patrística, Volume 4, Ed. Paulus.

F. ARGUMENTOS ESCRITURÍSTICOS

a) Acerca do Pleroma

18,1. E ao mesmo tempo que afirmam estas coisas acerca da criação, cada um deles encontra, dentro de suas possibilidades, sempre algo de novo, porque entre eles é perfei- to somente quem é fecundo das maiores mentiras. Mas é necessário também indicar os argumentos arranjados, que tiram dos profetas, para ter argumentos contra eles. Moisés, dizem, começando a descrever a obra da criação, indica logo desde o início a Mãe de todas as coisas quando diz: No princípio Deus fez o céu e a terra. Ao nomear estes quatro: Deus, o princípio, o céu e a terra, descreveu, a seu ver, a Tétrada; ao dizer: A terra era invisível e ainda não organizada, manifestaria o aspecto invisível e escondido dele. Teria depois falado da segunda Tétrada, derivada da primeira, assim eles dizem, ao nomear o abismo e as trevas, as águas nelas contidas e o Espírito que pairava sobre as águas. Teria depois lembrado a Década falando da luz, do dia, da noite, do firmamento, da tarde, da manhã, do seco, do mar, da erva e, em décimo lugar, das árvores: com os dez nomes teria indicado os dez Eões. Da mesma forma teria indicado a potência da Duodécada ao nomear o sol e a lua, as estrelas e as estações, os anos, os cetáceos, os peixes, as serpentes, as aves, os quadrúpedes, os animais e, acima de tudo isso, em décimo segundo lugar, o homem. Assim ensinam eles, o Espírito falou da Triacôntada por meio de Moisés. Também o homem, feito à imagem da Potência do alto, possui dentro de si uma potência que deriva da única fonte. Ela seria situada na região do cérebro e dela derivariam quatro potências, à imagem da Tétrada do alto, chamadas, a primeira, visão; a segunda, audição; a terceira, olfato; a quarta, paladar. A Ogdôada seria representada no homem porque tem duas orelhas e dois olhos, duas narinas e um paladar para o amargo e outro para o doce. O homem, na sua totalidade

formaria a imagem da Triacôntada deste modo: nos dedos das mãos traz a Década; o corpo, dividido em doze partes, a Duodécada; de fato, eles dividem o corpo do homem da mesma da forma que o da Verdade, de que falamos acima; quanto à Ogdôada, que é inefável e invisível, é imaginada escondida nas vísceras.

18,2. Dizem ainda que o sol, o luminar maior, foi feito no quarto dia para indicar o número da Tétrada. As cortinas do tabernáculo feito por Moisés, que eram de bisso, púrpura violeta, escarlate e carmesim, segundo eles, apresenta- riam a mesma imagem. O peitoral do sacerdote, enfeitado com quatro séries de pedras preciosas, simbolizaria a Tétrada. Afinal, tudo o que nas Escrituras indica o número quatro dizem que foi escrito para indicar a Tétrada. A Ogdôada, indicada pelo fato de que o homem foi criado no oitavo dia; às vezes, dizem que foi criado no sexto dia, outras no oitavo ou então que no sexto dia teria sido criado o homem terreno e no oitavo o homem carnal, porque eles distinguem estas duas coisas. Alguns pensam que uma coisa é o homem macho e fêmea, criado à imagem e semelhança de Deus, que seria o homem pneumático, e outra coisa o homem tirado da terra.

18,3. A economia da arca do dilúvio, na qual oito homens foram salvos, afirmam que indica manifestamente a Ogdôada salvífica. A mesma coisa indicaria Davi, oitavo entre os irmãos, como também a circuncisão que se fazia no oitavo dia indicaria a circuncisão da Ogdôada superna. E tudo o que na Escritura indica o número oito dizem que atualiza o mistério da Ogdôada. A Década seria significada nos dez povos que Deus prometeu dar em poder a Abraão; e igualmente, pela economia de Sara que, depois de dez anos, lhe entregou a sua serva Agar para que pudesse ter dela um filho. O servo de Abraão, enviado a Rebeca, que junto ao poço lhe dá os braçaletes de ouro que pesavam dez siclos, e os irmãos dela que o retém por dez dias e Jeroboão que recebeu os dez cetros, os dez átrios do tabernáculo, as colunas de dez côvados e os dez filhos de Jacó, enviados a primeira vez ao Egito para comprar trigo e os dez apóstolos aos quais apareceu o Senhor ressuscitado, quando Tomé não estava presente; todos representariam a Década invisível.

18,4. A Duodécada, na qual se produziu o mistério da paixão da degradação, da qual, segundo eles, foram formadas as coisas visíveis, encontra-se em todo lugar com sinais claros e manifestos. Por exemplo: os doze filhos de Jacó, dos quais se originaram as doze tribos, o peitoral com suas várias partes, as doze pedras preciosas e os doze guizos, as doze pedras que Moisés levantou no monte, as doze pedras que Josué pôs no rio e as outras na outra margem, os doze homens que transportavam a arca, as doze pedras que Elias usou para o sacrifício do bezerro, o I número dos apóstolos, tudo o que se refere ao número doze dizem que representa a Duodécada. A unidade de todos os Eões que eles chamam de Triacôntada é indicada pela arca de Noé alta trinta côvados, por Samuel que faz sentar Saul no primeiro lugar entre os trinta convidados, por Davi que se esconde por trinta dias no campo e pelos trinta homens que entraram com ele na caverna, e pelo comprimento do santo tabernáculo que era de trinta côvados. E tudo o que encontram equivalente a este número dizem que quer indicar a Triacôntada.

b) Acerca do dualismo teístico

19,1. Pareceu-me necessário acrescentar a isso tudo também o que tentam convencer acerca do Pró-pai, pretensamente desconhecido por todos antes da vinda do Cristo, escolhendo

textos da Escritura para demonstrar como nosso Senhor anunciou outro Pai diferente deste criador do universo, que com blasfêmia ímpia, como já lembramos, dizem ser fruto da degradação. E citam as palavras do profeta Isaías: "Israel não me conheceu e o povo não me entendeu"; e o que se lê em Oséias: "Não há quem entenda nem procure a Deus", todos se desviaram e ao mesmo tempo se corromperam, como indicativo do desconhecimento do Abismo invisível. E a que foi dita por Moisés: "Ninguém verá a Deus e viverá"(43) indica a mesma 'coisa.

19,2. Dizem que os profetas viram o Demiurgo, e o que foi escrito: ninguém verá a Deus e viverá se refere à Grandeza invisível, não conhecida por ninguém. Que ninguém verá a Deus se refira ao Pai invisível, criador de todas as coisas, é evidente para todos nós; que, porém, não se refere a este Abismo inventado por eles, mas ao Demiurgo, que se identifica com o Deus invisível, será demonstrado no evolver do discurso. Daniel significaria a mesma coisa ao pedir ao Anjo a solução da parábola, porque ele a ignorava. O Anjo, escondendo-lhe o grande mistério do Abismo, lhe diz: "Retira-te, Daniel, estas são palavras de sentido recôndito até que os inteligentes as entendam e os puros sejam purificados".(44) E eles se gabam de ser os puros e os inteligentes.

20,1. Além disso apresentam interminável multidão de escritos apócrifos e falsos que eles mesmos compuseram para causar impressão aos simples e aos que não conhecem as letras da verdade. Para reforçar isso acrescentam também aquela fábula segundo a qual quando o Senhor era ainda menino e aprendia a ler, o mestre lhe disse, como de costume: Dize a e ele respondeu a; depois o mestre pediu-lhe que dissesse be, e o Senhor respondeu-lhe: Dize-me primeiro o que é a e então eu te direi o que é be. E interpretam que somente ele conhece o Incognoscível, que indicou na letra a.

20,2. Retorcem também algumas frases do Evangelho para que possam ter este sentido. Por exemplo, com a resposta que o Senhor, aos doze anos, deu à sua mãe: "Não sabias que me devo ocupar nas coisas de meu Pai?"(45) anunciava-lhe, segundo eles, o Pai que não conheciam. Por isso enviou os discípulos às doze tribos para anunciar o Deus desconhecido. A quem lhe disse: Bom mestre, respondeu confessando aquele que é verdadeiramente bom: "Por que me chamas bom? Somente um é bom, o Pai nos céus".(46) Os céus de que se fala são os Eões. Por isso não respondeu aos que lhe perguntaram: Com que poder fazes isso?, mas os confundiu com a pergunta que, por sua vez, fez a eles; não respondendo -eles explicam -mostrou o caráter inexprimível do Pai. Mas quando disse: "Desejei muitas vezes escutar umas palavras como estas, mas não encontrei um sequer que mas dissesse",(47) manifestou por meio deste um aquele que é o único verdadeiro Deus que não conheciam. Da mesma forma ainda, quando avizinhando-se a Jerusalém, chorou sobre ela e disse: "Se tu conhecesses hoje o que é para a paz, mas te está escondi- do",48 com estas palavras: te está escondido, indicou o mistério escondido de Abismo. Ainda, quando diz: "Vinde a mim vós todos que estais fatigados e carregados e aprendei de mim",49 teria anunciado o Pai da Verdade. Prometeu, com efeito, ensinar-lhes o que não sabiam.

20,3. Como prova de tudo o que precede e como última palavra de seu sistema alegam estas palavras: "Eu te louvo, Pai, Senhor do céu e da terra, porque ocultaste estas coisas aos sábios e aos prudentes e as revelaste aos pequeninos. Sim, Pai, porque assim foi do teu

agrado. Todas as coisas me foram entregue pelo Pai e ninguém conhece o Pai senão o Filho, nem o Filho senão o Pai e aquele a quem o Filho o revelar".5o Com isso seria indicado claramente que antes da vinda do Senhor ninguém conhecia expressamente o Pai da Verdade, e também afirmam que o Autor e Criador do mundo sempre foi conhecido por todos, ao passo que o Senhor falaria aqui do Pai que ninguém conhece e que eles anunciam.

Notas

(43) Is 1,3; Os 4,1; 8113,2-3; Rm 3,11-12; Ex 33,20.
(44) Dn 12,9-10.
(45) Lc 2,49.
(46) Mt 19,17.
(47) Ágrafo: passagem não escrita nos Evangelhos. Nem por isso deve ser tida como falsa, dado que para lreneu, a tradição oral precede a tradição escrita.
(48) Lc 19,42.
(49) Mt 11,28-29.
(50) Mt 11,25-27.

Contra as Heresias - Livro I - PARTE II (F: c,d)

Por Santo Ireneu de Lião (Bispo)

Tradução: Lourenço Costa

Fonte: Coleção Patrística, Volume 4, Ed. Paulus.

c) Teoria da redenção

21,1. É conveniente que a sua versão da tradição seja invisível e incompreensível, por ser a mãe dos incompreensíveis e invisíveis. E sendo instável não pode ser descrita de forma clara e unânime, uma vez por todas: de fato, cada um deles transmite-a como quer e há tantas redenções quantos são os mestres desta doutrina misteriosa. Que esta estirpe tenha sido enviada por Satanás para a negação do batismo da regeneração em Deus e a destruição de toda a fé o exporemos e refutaremos no lugar mais oportuno.

21,2. Dizem que esta redenção é necessária para os que receberam a gnose perfeita para serem regenerados na Potência suprema, pois do contrário é impossível entrar no Pleroma, porque, segundo eles, é esta que conduz à profundidade do Abismo. O batismo de Jesus, quando se manifestou, era para a remissão dos pecados, mas a redenção para a perfeição foi-lhe concedida pelo Cristo que desceu sobre ele; o batismo era psíquico, mas a redenção, pneumática. Com efeito o batismo que João pregava era para a remissão dos pecados, mas a redenção para a perfeição foi realizada pelo Cristo. E é isto que ele quer dizer com as palavras: "Há outro batismo com que devo ser batizado e me lanço ardentemente para ele".(51) Ainda, o Senhor apresentou esta redenção aos filhos de Zebedeu quando a mãe deles lhe pediu que os mandasse sentar à sua direita e à esquerda no reino, ao dizer: "Podeis

ser batizados com o batismo com que eu devo ser batizado?(52) Dizem que também Paulo indicou claramente e muitíssimas vezes a redenção que está em Cristo Jesus; redenção que eles ensinam com tanta variedade e divergência.

21,3. Alguns deles imaginam um quarto nupcial e cumprem um rito místico acompanhado de invocações sobre os iniciados e afirmam que o que fazem são núpcias espirituais à semelhança das sizígias do alto. Outros os levam junto à água e ao batizá-los dizem: Em nome do Pai, desconhecido por todos, na Verdade, Mãe de todos, naquele que desceu sobre Jesus, para a união e redenção e comunicação das Potências. Outros usam palavras hebraicas para causar admiração e medo nos iniciados: Basyma cabasa eanaa irraumista diarbada caeota bafobor camelanthi, que significam: Invoco o que está acima de toda Potência do Pai, que se chama Luz, Espírito e Vida porque reinaste no corpo. Outros ainda anunciam a redenção assim: O nome oculto a toda Divindade, Domina- ção e Verdade que Jesus Nazareno assumiu nas zonas da luz, Cristo Senhor que vive pelo Espírito Santo, para a redenção dos Anjos, nome da restauração: Messia ufar magno in seenchaldia mosomeda eaacha faronepseha Iesu Nazarene: que se traduz: Não divido o Espírito, o coração e a misericordiosa e supraceleste Potência de Cristo: possa fruir do teu nome, Salvador da Verdade. Estas as palavras que pronunciam os consagrantes. O consagrado responde: Sou conformado e redimido e res- gato a minha alma deste Eão e de todos que estão nele no nome de Iao, que resgatou a sua alma para a redenção no Cristo vivente. Os presentes dizem: Paz para todos sobre os quais repousa este nome. Depois disto ungem o iniciado com bálsamo; dizem que este ungüento é figura do perfume derramado sobre todas as coisas.

21,4. Alguns deles dizem que é supérfluo levar à água e então misturam óleo e água e pronunciando algumas palavras semelhantes àquelas que referimos acima, derramam a mistura sobre a cabeça dos iniciandos. Nisto consistiria a redenção. Eles também ungem com bálsamo. Outros, recusando tudo isto, dizem que não se deve realizar com criaturas visíveis e corruptíveis o mistério da Potência invisível e inefável e representar com coisas sensíveis e corpóreas as inconcebíveis até pela mente, incorpóreas e insensíveis. A redenção perfeita é o conhecimento da grandeza inefável; as coisas que derivam da ignorância, da degradação e da paixão, todo o conjunto da ignorância é dissolvido pela gnose. Ela não é somática porque o corpo é corruptível, nem psíquica porque a alma deriva da degradação e é somente a morada do pneumático e para ele basta o conhecimento do universo: esta é a verdadeira redenção.

21,5. Outros redimem os moribundos na hora da agonia derramando sobre a cabeça deles óleo e água ou ungüento misturado com água, com as invocações de que falamos acima para que se tornem impossíveis de agarrar e invisíveis aos Principados e Potestades, e o homem superior suba aos espaços invisíveis enquanto o corpo é deixado ao universo criado e a alma entregue ao Demiurgo. E ordenam-lhes que, depois de mortos, ao chegar junto das Potências digam estas palavras: Eu sou filho do Pai, do Pai preexistente, filho no Preexistente. Vim para ver todas as coisas que são minhas e que me são estranhas; na verdade, não completamente, porque pertencem a Acamot, a Mulher que as fez para si e me deu a estirpe do Preexistente, e estou de volta para aquilo que era meu de onde eu vim. Dizendo isto, deverá esgueirar-se e fugir das Potências. E ao chegar aos companheiros do Demiurgo deverá dizer-lhes: Eu sou vaso precioso, mais precioso do que a Mulher que vos

gerou. Se vossa Mãe ignora a sua origem eu conheço a mim mesmo e sei de onde eu sou e invoco a incorruptível Sofia que está no Pai, Mãe de vossa Mãe, que não tem Pai nem cônjuge macho; Mulher nascida de Mulher, vos criou não conhecendo a Mãe dela, imaginando estar sozinha: eu invoco a Mãe dela. Ao escutar estas palavras, os companheiros do Demiurgo se perturbarão violentamente e se irritarão com a sua origem e a raça da Mãe deles: e o iniciado irá para o que é seu, atirando fora os liames, isto é, a alma. Isto é o que chegou até nós acerca da regeneração, mas devido às diferenças que há entre eles na doutrina e no ensinamento, e também ao fato de que os mais recentes se esforçam por frutificar a cada dia algo de novo que ninguém tenha pensado, resta difícil transcrever as opiniões de todos.

d) Referência à Regra da fé

22,1. Nós porém nos mantemos firmes na regra da Verdade, isto é, que existe um só Deus onipotente que tudo criou pelo seu Verbo, plasmou e fez que o que não existe passasse a existir, como diz a Escritura: "Pela palavra do Senhor os céus foram feitos e pelo sopro de sua boca toda a potência deles".(53) E ainda: "Tudo foi feito por meio dele e sem ele nada foi feito".(54) Do tudo nada é excetuado; o Pai fez por seu intermédio tudo, as coisas visíveis e as invisíveis, as sensíveis e as inteligíveis, as temporais para uma verdadeira economia, as eternas e imortais, não por meio de Anjos, nem de Potências distintas de sua mente, porque Deus não precisa de ninguém, mas pelo Verbo e pelo seu Espírito fez tudo, ordenou, governa e dá o ser a tudo. Ele fez o universo e o mundo é parte dele, ele criou o homem, ele é o Deus de Abraão, o Deus de Isaac, o Deus de Jacó, sobre o qual não há outro Deus, não há Princípio, não há Potência, não há Pleroma; ele é o Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, como demonstraremos. Guardando firmemente esta regra da Verdade, ainda que eles digam muitas e diferentes coisas, ser-nos-á fácil demonstrar que desviaram da verdade. Quase todas as heresias reconhe- cem um só Deus, mas subvertem perversamente este conceito, mal agradecidos para com o Criador, assim como o são os pagãos com sua idolatria. Desprezam a obra de Deus rejeitando a sua própria salvação, tornando-se acusadores renhidos de si mesmos e falsas testemunhas. Ressuscitarão na carne, contra sua vontade, para reconhecer o poder daquele que os ressuscita dos mortos, mas não serão incluídos entre os justos por causa da incredulidade (55).

22,2. Visto que a detectação e a refutação de todas as heresias é variada e multiforme e é nossa intenção responder a todos eles, nas peculiaridades próprias, julgamos necessário dar-te a conhecer primeiro a fonte e a raiz, porque, ao conhecer o Abismo mais sublime, saibas de que árvore procedem estes frutos.
Simão, o mago

23,1. Simão, samaritano, é o mago de quem Lucas, discí- pulo e seguidor dos apóstolos, diz: "Havia, há tempo, na cidade, um homem chamado Simão que praticava a magia e excitava os habitantes da Samaria dizendo ser grande personagem e todos, do maior ao menor, o escutavam e diziam: este é a Potência de Deus, chamada grande. Apegavam-se a ele porque por muito tempo os fascinava com as suas mágicas".(56) Este Simão fingiu abraçar a fé, pensando que também os apóstolos realizassem curas por meio da magia e não pelo poder de Deus e que eles tornassem cheios do Espírito Santo os que criam em Deus, por meio da imposição das mãos e de Jesus Cristo que eles anunciavam. Imaginando ser

por causa de urna sabedoria mágica maior ainda que eles faziam estas coisas; ofereceu dinheiro aos apóstolos a fim de ter ele também o poder de daro Espírito Santo a quem quisesse, mas ouviu de Pedro: "O teu dinheiro pereça contigo, pois julgaste poder comprar com dinheiro o dom de Deus! Não terás parte nem herança neste mistério, porque o teu coração não é reto diante de Deus. Eu te vejo na amargura do fel e nos laços da iniqüidade".(57) Ainda menos acreditou em Deus e pôs- se a rivalizar invejosamente com os apóstolos para se tornar, ele também, célebre. Por este motivo aprofundou em todas as artes mágicas a ponto que granjeou a admiração de muitos homens. Viveu nos tempos do imperador Cláudio, e até se diz que, por motivo da magia, foi honrado por ele com uma estátua. Este mago foi honrado por muitos como um deus e ensinou que ele era aquele que se manifestou como Filho entre os hebreus, que desceu na Samaria como Pai e que veio entre os outros povos como Espírito Santo; que era a Potência mais sublime, isto é, o Pai que está acima de todas as coisas e aceitava qualquer título que os homens lhe quisessem conferir.

23,2. Simão, samaritano, do qual se originaram todas as heresias, apresenta para a seita esta teoria: tendo com- prado em Tiro, cidade da Fenícia, Helena, uma prostituta, levou-a consigo nas suas idas e vindas e dizia que ela era o seu primeiro Pensamento, a Mãe de todas as coisas, e que no princípio teve a idéia de criar os Anjos e Arcanjos por meio dele. Essa Enóia saída dele com o conhecimento da vontade do Pai, desceu às regiões inferiores e gerou os Anjos e as Potências pelos quais, afirma ele, foi feito este mundo. Mas depois de os ter gerado, eles, por inveja, a mantiveram prisioneira, porque não queriam ser julgados filhos de alguém insignificante. Eles, porém, ignoravam completamente quem era o Pai deles. Enóia, portanto, ficou retida pelos Anjos e pelas Potências que ela tinha emitido e sofreu toda espécie de afrontas para que não subisse de volta ao Pai dela até que foi encerrada num corpo humano. Durante séculos transmigrou, como um vaso se derrama noutro, em corpos de mulheres. Entre outras, ela foi aquela Helena por cuja causa aconteceu a guerra de Tróia, e assim se entende porque Estesícoro, que falou mal dela nos seus versos, ficou cego e em seguida recobrou a vista por ter-se arrependido e escrito as assim chamadas palinódias em que a exaltava. Na sua transmigração de corpo em corpo, desde o início, sempre sofreu afrontas e ultimamente se estabeleceu num prostríbulo; ela seria a ovelha desgarrada.
23,3. É por isso que ele veio antes de todos para recuperá- la e libertá-la dos laços e trazer aos homens a salvação por meio do conhecimento dele. Os anjos, por sua vez, governavam maio mundo e cada um desejava a primazia, por isso ele veio para pôr as coisas em ordem. Desceu disfarçado, semelhante aos Principados, às Potências e aos Anjos, e pareceu homem entre os homens sem ser homem, e se acreditou que sofreu na Judéia sem sofrer realmente. Com efeito, não há obras boas por natureza, mas somente por convenção, como dispuseram os Anjos criadores, para manter escravos os homens por meio destes preceitos. Por isso Simão prometeu subtrair o mundo e libertar os seus seguidores da dominação dos criadores do mundo.

23,4. Os sacerdotes deles, místicos, vivem libidinosamente e praticam magias cada qual como pode; servem-se de exorcismos e encantamentos e exercitam-se fervidamente em filtros e feitiços, espiritismo, hipnotismo e em tudo o que diz respeito à magia. Têm uma imagem de Simão, na aparência de Júpiter, e de Helena, na de Minerva e adoram-nas. E também são chamados simonianos, nome que lhes vem de Simão, o iniciador da mais ímpia

doutrina, e é deles que se origina, com nome falso, a gnose, como se pode deduzir das afirmações deles.

Menandro

23,5. Sucessor de Simão foi Menandro, samaritano de origem, que também atingiu o nível mais alto da magia. Este diz que a primeira Potência não é conhecida por ninguém e que ele é o Salvador enviado dos lugares invisíveis para a salvação dos homens. Diz que o mundo foi feito pelos Anjos e da mesma forma que Simão, afirma que foram emitidos por Enóia e que pela ciência da magia que ensinava, conferiu o poder de vencer os próprios Anjos, criadores do mundo. Os seus discípulos, pelo batismo no seu nome, recebem a ressurreição e já não podem morrer, mas permanecem para sempre jovens e imortais.

Saturnino e Basílides

24,1. Saturnino de Antioquia, nas proximidades de Dafne, e Basílides, retomando a doutrina destes homens como ponto de partida, ensinaram, um na Síria e o outro em Alexandria, doutrinas diversas. Saturnino, como Menandro, prega um único Pai, não conhecido por ninguém, que fez os Anjos, os Arcanjos, as Potências e as Potestades. Sete destes Anjos fizeram o mundo e tudo o que há nele. Também o homem é criatura dos Anjos: quando apareceu do alto, vinda da Potência suprema, uma figura luminosa que eles não conseguiram reter porque ela logo voltou às alturas, animaram-se uns aos outros dizendo: Façamos o homem à imagem e semelhança dela. Mas a criatura que foi feita não se podia levantar por causa da fraqueza dos Anjos e se arrastava como verme. Então a Potência do alto teve compaixão dele, porque tinha sido feito à sua imagem, e lançou uma fagulha de vida que fez o homem levantar, articular-se e viver. Depois da morte esta fagulha de vida retorna aos da mesma natureza e o restante se dissolve naquilo de que foi tirado.

24,2. O Salvador, afirmam eles, não é gerado, não tem corpo nem figura e só aparentemente foi visto como homem. O Deus dos hebreus era um dos Anjos e porque o Pai quis destruir todos os Arcontes, o Cristo veio para destruir o Deus dos hebreus e salvar os que acreditassem nele: e somente estes têm a fagulha de vida. Com efeito, e ele foi o primeiro a dizê-lo, foram feitas duas espécies de homens pelos Anjos, os bons e os maus. Visto que os demônios ajudavam os maus, o Salvador veio para derrotar os demônios e os homens maus e salvar os bons. Casar e procriar é diabólico e muitos dos seus discípulos se abstêm de comer carne e com aparente abstinência enganam a muitos. Quanto às profecias, algumas foram proferidas por estes Anjos criadores do mundo, outras por Satanás, que Saturnino apresenta como adversário dos criadores do mundo e especialmente do Deus dos hebreus.

24,3. Basílides, para mostrar que encontrou algo de mais profundo e verossímil estende ao infinito o desenvolvi- mento da sua doutrina. Segundo ele, Nous nasceu do Pai ingênito; dele nasceu o Logos; de Logos, a Prudência; desta, Sofia e Potência. De Sofia e de Potência nasceram as Virtudes, os Principados e os Anjos que chama primei- ros e que fizeram o primeiro céu. Em seguida, outros derivados destes, fizeram outro céu semelhante ao primeiro. De forma semelhante outros derivados dos precedentes e antitipos dos que estão acima deles, fizeram terceiro céu. Desta terceira série deriva a quarta e assim a seguir e do

Iilesmo modo, assegura, uma após outra toda a série de Anjos e Principados até formarem 365 céus. Por isso o ano tem tantos dias quantos são os céus.

24,4. Os Anjos que ocupam o céu inferior, o que nós vemos, fizeram todas as coisas do mundo, dividindo entre si a terra e os povos que se encontram nela. O chefe de todos eles é aquele que passa por Deus dos hebreus. Este quis submeter aos seus homens, isto é, os hebreus, as outras nações. Então as outras Potestades insurgiram-se e com- bateram este povo, e por este motivo também os outros povos combateram o dele. Então o Pai ingênito e inefável ao ver a derrota de seu povo enviou o seu primogênito Nous, aquele que se chama Cristo, para libertar os que creram nele do poder dos criadores do mundo. E ele, como homem, apareceu na terra às nações deles e fez milagres. Na realidade, não foi ele quem sofreu a paixão, mas o tal Simão de Cirene que, obrigado, carregou a cruz no lugar do Cristo e foi crucificado, quer por ignorância, quer por engano, porque, por transformação, recebeu o aspecto de Jesus enquanto Jesus tomava o aspecto de Simão e estando ali fazia zombarias deles. Sendo, com efeito, uma Potência incorpórea e Nous do Pai ingênito, ele se transfigurou como quis e subiu àquele que o tinha enviado, zombando daqueles que não o podiam segurar porque era invisível. Aqueles que sabem estas coisas são libertados dos Principados criadores do mundo; é preciso reconhecer não aquele que foi crucificado, mas aquele que, enviado pelo Pai para destruir com esta economia a obra dos criadores do mundo, assumiu a forma de homem, pareceu crucificado e se chamava Jesus. Por isso, se alguém confessa o crucificado, diz ele, é ainda escravo e submetido ao poder dos que criaram os corpos, mas quem o renega é libertado destes e conhece a economia do Pai ingênito.

24,5. A salvação é somente para a alma, o corpo é corruptível por natureza. As profecias foram proferidas pelos Principados que fizeram o mundo, e a Lei foi emitida, por autoridade própria, pelo chefe deles, aquele que tirou o povo do Egito. Não se importam com as carnes oferecidas aos ídolos, pois não têm nada de especial e usam-nas sem escrúpulos; também são indiferentes quanto às outras coisas que usam e a toda espécie de libertinagem. Tama sua alma forte e pura se lembrava do que tinha visto na esfera do Pai ingênito. Por isso foi-lhe dada pelo Pai a força que lhe permitiu escapar aos criadores do mundo e assim, passando por todos completamente livre subiu junto a ele. E o mesmo se dá com aqueles que têm disposições semelhantes. Dizem que a alma de Jesus, educada nos costumes dos hebreus, os desprezava e por isso recebeu o poder de destruir nos homens as paixões que lhe foram impostas como castigo.

25,2. A alma que à semelhança de Jesus sabe desprezar os Arcontes criadores do mundo também recebe o poder de fazer as mesmas coisas. Assim se encheram de tamanha soberba que alguns se dizem iguais a Jesus, outros, sob certo aspecto, mais fortes ainda do que ele, e outros ainda superiores aos discípulos, por exemplo, Pedro, Paulo e os outros apóstolos, que não perdem em nada para Jesus. Sendo as suas almas originárias da mesma esfera e tendo igualmente menosprezado os criadores do mundo foram julgadas dignas do mesmo poder e voltaram para o mesmo lugar. Se alguém despreza mais do que ele as coisas deste mundo pode ser superior a ele.

25,3. Eles também se servem da magia, de encantamentos, filtros, feitiços, espiritismo, hipnotismo e outros truques, afirmando não somente terem o poder de mandar nos

Principados e Criadores deste mundo, mas também em todas as coisas contidas nele. Eles também foram enviados aos povos por Satanás para a injúria do nome divino da Igreja, de forma que os homens, ouvindo tanta diferença entre um e outro e pensando que nós somos todos iguais a eles, desviem a sua atenção da mensagem da verdade e vendo as ações deles desprezem a todos nós que não participamos na doutrina, nem nos costumes, nem na conduta deles. Eles, para encobrir a licenciosidade e a doutrina ímpia servem-se do Nome como de véu para encobrir a malícia, mas o juízo sobre eles será justo e receberão de Deus o justo pagamento pelas suas ações.

25,4. Chegaram a tamanha impudência de afirmar que lhes é permitido fazer as coisas mais irreverentes e ímpias, porque, dizem, as coisas são boas.ou más segundo a opinião dos homens. Além disso, as almas, pelas passagens sucessivas nos corpos, devem experimentar todo tipo de vida e todas as ações, a menos que alguém faça tudo numa só vez e numa só passagem, estas coisas que não somente nos são proibidas de dizer ou de experimentar, mas até de pensar e de acreditar que possam acontecer com alguém que vive nas mesmas cidades onde nós estamos. Portanto, como dizem os escritos deles, é preciso que as almas, feitas todas as experiências da vida, ao sair dos corpos, não lhes falte nenhuma, porque, se por acaso faltar alguma coisa à liberdade deles, serão obrigados a voltar em outro corpo. Eis por que, dizem, Jesus contou esta parábola: "Enquanto estás a caminho com teu adversário procura libertar-te dele para que não te entregue ao juiz e o juiz ao guarda e te tranque na prisão; na verdade, eu te digo, não sairás de lá sem ter pago até o último centavo".(58) O adversário, dizem, é um dos Anjos que estão no mundo, aquele que se chama Diabo, e que foi criado para conduzir deste mundo para o Arconte as almas dos que pereceram. Este, que chamam o primeiro entre os criadores do mundo, entrega as almas a outro Anjo que o serve, para que as prenda noutros corpos; os corpos, dizem eles, são a prisão. E a frase: Não sairás de lá sem ter pago até o último centavo, eles a entendem no sentido de que ninguém se livra do poder dos Anjos que criaram o mundo se, passando de um corpo para o outro, não tiver praticado tudo o que se faz neste mundo. Quando não sobrar mais nenhuma destas coisas, então a alma, tornada livre, se elevará ao Deus que está acima dos Anjos criadores do mundo. Assim todas as almas chegam à salvação, quer que, previdentes, se lancem a todo tipo de ações já na primeira vinda, quer, mandadas, passem de corpo em corpo, pratiquem nessas vidas e consecutivamente todas estas ações, e assim, pagando as suas dívidas, sejam libertadas para sempre da obrigação de voltar a um corpo.

25,5. Que estas ações ímpias, injustas e proibidas sejam praticadas por eles eu não teria acreditado, mas está escrito nos seus livros e assim ensinam. Dizem que Jesus falou reservada e secretamente aos discípulos e aos após- tolos, mandando que eles trasmitissem esta doutrina somente aos que julgassem dignos e acreditassem neles. O que salva é a fé e a caridade; tudo o resto é indiferente. Na opinião dos homens, algumas coisas são boas, outras más, porém nada é mau por natureza.

25,6. Alguns deles marcam a fogo os discípulos atrás do lóbulo da orelha direita. Foi assim que Marcelina, seguidora desta seita, que foi a Roma nos tempos de Aniceto, arruinou a muitos. Eles se chamam gnósticos. Possuem umas imagens, algumas pintadas outras feitas de mate- riais diversos e dizem que reproduzem o Cristo e foram feitas por Pilatos quando Jesus estava com os homens. Coroam-nas e expõem-nas junto com aquelas de filósofos

profanos, a saber, de Pitágoras, Platão, Aristóteles e outros e lhes prestam homenagem assim como fazem os pagãos.

Notas

(51) Lc 12,50. 52Mt 20,22.

(53) S1 33,6.
(54) Jo 1,3.
(55) Aqui estão, outra vez, os elementos fundamentais professados no "Símbolo da fé" de Ireneu, alguns dos quais depois farão parte do "Símbolo niceno-constantinopolitano", ainda hoje proclamado nas celebrações dominicais.
(56) At 8,9-11.
(57) At 8,20-23
(58) 1,c 12,58-59; Mt 5,25-26.

Contra as Heresias - Livro I - PARTE II (F: dII e Conclusão)

Por Santo Ireneu de Lião (Bispo)

Tradução: Lourenço Costa

Fonte: Coleção Patrística, Volume 4, Ed. Paulus.

Cerinto

26,1. Cerinto, asiático, ensina que o mundo não foi feito pelo primeiro Deus, mas por uma Potência distinta e bem afastada da Potência que está acima de todas as coisas, que não conhecia o Deus que está acima de tudo. Jesus, segundo Cerinto, não nasceu da Virgem, porque isto lhe parecia impossível, mas foi filho de José e de Maria de maneira semelhante à dos outros homens e sobressaiu entre todos pela santidade, prudência e sabedoria. Depois do batismo desceu sobre ele, daquela Potência que está acima de todas as coisas, o Cristo, na forma de pomba, e desde então começou a anunciar o Pai incógnito e a fazer milagres. Finalmente o Cristo saiu de Jesus, voltou para Q alto e Jesus sofreu e ressuscitou, enquanto o Cristo permanecia impassível, porque era pneumático.

Ebionitas e nicolaítas

26,2. Os assim chamados ebionitas admitem que o mundo foi criado por Deus, mas acerca do Senhor pensam da mesma forma que Cerinto e Carpócrates. Utilizam somente o evangelho segundo Mateus e rejeitam o apóstolo Paulo como apóstata da Lei. Procuram interpretar as profecias de maneira bastante curiosa; praticam a circuncisão e continuam a observar a Lei e os costumes hebraicos da vida e até adoram Jerusalém como se fosse a casa de Deus.

26,3. Os nicolaítas tiveram por mestre Nicolau, um dos sete primeiros diáconos ordenados pelos apóstolos. Vivem desordenadamente. São plenamente caracterizados no Apocalipse

de João, porquanto ensinam que a fornicação e o comer carne oferecida aos ídolos são coisas indiferentes. Por isso é que está escrito acerca deles: "Tens isso em teu favor que odeias as obras dos nicolaítas, que eu também odeio".(59)

Cerdão

27,1. Um Cerdão qualquer tomou como ponto de partida a doutrina da seita de Simão que se estabeleceu em Roma nos tempos de Higino, nono bispo na sucessão dos apóstolos; ensinou que o Deus anunciado pela Lei e os profetas não é o Pai de nosso Senhor Jesus Cristo: o primeiro é conhecido, o segundo é incognoscível, um justo, o outro bom.

Marcião

27,2. Sucedeu-lhe Marcião, originário do Ponto, ampliou a doutrina, blasfemando espudoradamente o Deus da Lei e dos profetas, chamando-o autor do mal, desejoso de guerras, inconstante nos sentimentos e em contradição consigo mesmo. Quanto a Jesus, enviado pelo Pai que está acima do Deus criador do mundo, veio à Judéia no tempo em que era governador Pôncio Pilatos, procurador de Tibério César, manifestou-se como homem aos judeus e aboliu os profetas, a Lei e as obras todas do Deus criador, que eles chamam Cosmocrátor. Além disso, Marcião mutilou o evangelho segundo Lucas, eliminando tudo o que se refere à geração do Senhor e expungindo muitas passagens dos ensinamentos do Senhor nas quais este reconhece abertamente como seu Pai o criador do universo. Fez crer aos seus discípulos ser ele mais verídico do que os apóstolos que transmitiram o evangelho, entregando- lhes nas mãos não o evangelho, mas uma parte do evangelho. Da mesma forma mutila as cartas do apóstolo Paulo eliminando todos os textos em que se afirma claramente que o Deus que criou o mundo é o Pai de nosso Senhor Jesus Cristo e também as passagens onde o Apóstolo lembra as profecias que prenunciavam a vinda do Senhor.

27,3. Marcião diz que se salvam somente as almas que aprenderem a sua doutrina; os corpos não podem participar da salvação, porque foram tirados da terra. Às blasfêmias contra Deus acrescenta, como verdadeiro porta-voz do diabo que fala tudo o que é contrário à verdade, que Caim e os seus semelhantes, os sodomitas, os egípcios e seus semelhantes, e todos os pagãos que praticaram toda espécie de maldades foram salvos pelo Senhor quando desceu aos infernos e levou consigo ao seu reino os que acorreram a ele. Porém, segundo a serpente que falou em Marcião, Abel, Henoc, Noé e os outro justos, os patriarcas descendentes de Abraão com todos os profetas e os que agradaram a Deus não compartilharam da salvação. Com efeito, diz ele, sabendo todos eles que Deus estava sempre a tentá-los, pensaram também naquele momento numa nova tentação e não foram ao encontro de Jesus e não acreditaram no seu anúncio: deste modo as suas almas permaneceram nos infernos.

27,4. A este que foi o único a ter a ousadia de mutilar abertamente as Escrituras e de ultrajar a Deus despudoradamente mais do que os outros responderemos à parte, com base nos seus escritos, e com a ajuda de Deus o refutaremos usando as palavras do Senhor e do Apóstolo que conservou e que usa. Agora devemos lembrar-nos dele para que saibas que todos os que adulteram de alguma forma a verdade e lesam a doutrina da Igreja são discípulos e seguidores de Simão, o mago, o samaritano. Mesmo sem manifestar o nome do

mestre para enganar os outros, ensinam a doutrina dele. Apresentando com engodo o nome de Jesus, introduzem, sob formas diversas, a impiedade de Simão e causam a perda de muitos. Usando nome excelente difundem a perversidade de sua doutrina, e com a doçura e a honorabilidade do nome, apresentam-lhes o veneno amargo e pernicioso da serpente, chefe de toda apostasia.

Outras seitas menores

28,1. Originando-se destes de quem falamos acima, já surgiram muitas ramificações das muitas heresias, pelo fato de muitos deles, ou melhor, de todos eles quererem ser mestres. Mastando-se da seita em que se encontravam, derivando uma teoria da outra e desta, uma outra; ensinando sempre algo de novo, apresentam-se a si mesmos como inventores da teoria por eles arquitetada. Assim, por exemplo, os que se chamam encratistas, que se inspiram em Saturnino e Marcião, proclamam a abstenção do casamento, condenando a primitiva instituição divina e acusando falsamente Aquele que fez o homem e a mulher ordenados à procriação. Introduziram o celibato os assim chamados espirituais com gesto de ingratidão para com Deus, criador de todas as coisas, e negam também a salvação do primeiro homem. Esta é invenção original e atual, quando um Taciano qualquer introduziu pela primeira vez, essa blasfêmia. Enquanto esteve na escola de Justino como ouvinte não manifestou nenhuma dessas teorias, mas depois do martírio dele se separou da Igreja e ufanando-se da glória do mestre e julgando-se superior a todos deu nova característica à teoria. Como os discípulos de Valentim, conta a história dos Eões invisíveis, como Marcião e Saturnino tacha o casamento de corrupção e fornicação, e no que lhe é próprio, nega a salvação de Adão.

28,2 Outros ainda, inspirando-se em Basílides e Carpócrates, introduzem o amor livre, a poligamia e a indiferença no consumo das carnes oferecidas aos ídolos, dizendo que Deus não se importa nem muito nem pouco com isso. E que mais? Não é possível estabelecer o número daqueles que de uma forma ou outra se afastaram da verdade.

A seita dos barbelonitas

29,1. Além destes simonianos de que falamos, igual a cogumelos despontou da terra a multidão de gnósticos barbelonitas e exporemos os pontos principais da sua doutrina. Alguns supõem um Eão que nunca envelhece, que está num espírito virginal, que chamam Barbelo, onde se encontra também um Pai inefável, que se quis manifestar a Barbelo. Tendo surgido esta Enóia, ela se lhe pôs à frente e pediu a Prognose. Ao surgir também a Prognose, e a um novo pedido destes, surgiram a Incorruptibilidade e depois a Vida eterna. Ufanando-se Barbelo por causa deles, olhando para a Grandeza, concebeu na alegria de vê-Ia e gerou uma Luz semelhante a esta Grandeza. Este é, dizem, o princípio da iluminação e da geração de todas as coisas. O Pai, vendo esta Luz, ungiu- a com a sua benignidade, para que se tornasse perfeita: ela é o Cristo, dizem. O Cristo, por sua vez, como dizem, pediu que lhe fosse concedida Nous como ajuda: e Nous foi produzida. Além destes, o Pai emitiu o Logos. Então se uniram Enóia e Logos, Incorruptibilidade e Cristo, Vida eterna e Telema, Nous e Prognose. Eles todos glorificavam a grande Luz e BarbeIo.

29,2. De Enóia e Logos foi emitido Autógenes, imagem da grande Luz que, dizem, foi sumamente honrado e ao qual foram submetidas todas as coisas. Com ele foi também emitida a Verdade e se formou a sizígia de Autógenes e Verdade. Da Luz, que é Cristo, e da Incorruptibilidade foram emitidos quatro Luminares, afirmam, para ficarem em volta de Autógenes; de Telema e Vida eterna foram feitas quatro emissões para ficarem a serviço dos quatro Luminares, que se chamam Cáris, Télesis, Súnesis e Frónesis. Cáris foi entregue ao grande e primeiro Luminar, que dizem ser o Salvador e que se chama Armozel; Télesis foi entregue ao segundo, que chamam Raguel; Súnesis ao terceiro, que chamam Davi; e Frónesis ao quarto, que chamam Eleleth.

29,3. Estabelecidas todas estas coisas, Autógenes emitiu o Homem perfeito e verdadeiro que chamam Adamante, porque nem ele foi domado, nem aqueles dos quais foi emitido; e este Homem junto com o primeiro Luminar, foi afastado de Armozel. De Autógenes e do Homem, foi emitida a Gnose perfeita que se uniu a ele. Eis por que o homem conheceu Aquele que está acima de todas as coisas e lhe foi conferida uma força invencível pelo Espírito virginal. E todas as coisas, agora que descansam, louvam o grande Eão por isso tudo. Daqui, dizem, é que foram conhecidos a Mãe, o Pai e o Filho. De Homem e Gnose nasceu uma árvore à qual também dão o nome de Gnose.

29,4. Em seguida, do primeiro Anjo que assiste a Monógenes foi emitido, asseveram, o Espírito Santo, que chamam também Sofia e Prunico. Esta, vendo que todos os outros tinham o seu par e ela não, procurou um para unir-se com ele. Como não encontrasse ninguém, esforçava-se, tendia-se e olhava para as regiões inferiores pensando que encontraria um e não o encontrando, inquietou-se e entristeceu-se porque se esforçara sem o beneplácito do Pai. Depois, movida pela simplicidade e pela bondade, gerou um complexo de Ignorância e Presunção que eles dizem ser o Protoarconte, artífice deste universo. Ele tirou um grande poder de sua Mãe e se afastou dela nas regiões inferiores e criou o firmamento do céu, no qual dizem que mora. Sendo a Ignorância, criou as Potências que estão abaixo dele, os Anjos, os firmamentos e todas as coisas da terra. Em seguida uniu-se à Presunção e gerou a Iniqüidade, o Ciúme, o Homicídio, a Vingança e a Paixão. Gerados estes, a Mãe Sofia fugiu e se refugiou contristada nas alturas, enquanto, a contar de baixo, se formou a Ogdôada. Quando ela se afastou, julgando estar só, disse: "Eu sou um Deus ciumento e fora eu não há nenhum"(60). Estas são as mentiras deles.

Ofitas e setianos

30,1. Outros ainda dizem coisas mirabolantes. Havia na Potência do Abismo uma primeira Luz, bem-aventurada, incorruptível, infinita, que é o Pai de todas as coisas e se chama Primeiro Homem. A Enóia emitida por ele dizem que é seu filho, o Filho do Homem, o Segundo Homem. Abaixo deles há o Espírito Santo, e debaixo do Espírito do alto os elementos separados, como a água, as trevas, o abismo e o caos, sobre os quais pairava o Espírito que eles chamam Primeira Mulher. Aconteceu depois que o Primeiro Homem, junto com seu filho, exultou por causa da formosura do Espírito, Primeira Mulher, irradiou-a e gerou dela uma Luz incorruptível, o Terceiro Homem, que chamam Cristo, filho do Primeiro e do Segundo Homem e do Espírito Santo, a Primeira Mulher.

30,2. O Pai e o Filho uniram-se à Mulher, que eles chamam também Mãe dos Viventes, a qual foi incapaz de suportar e de compreender a grandeza da Luz, que, dizem, transbordou e jorrou do lado esquerdo. Assim somente o Cristo foi o filho deles por ser da direita e para ser criado nas regiões superiores, foi levado com a sua Mãe ao Eão incorruptível. E a verdadeira e santa Igreja é esta: a convocação, a convenção e a união do Pai de todas as coisas, do Primeiro Homem, do Filho Segundo Homem, do Cristo filho deles e da Mulher de que falamos.

30,3. Ora a Potência que jorrou fora da Mulher, possuindo o orvalho de Luz, se lançou para baixo abandonando os Pais, por sua vontade, levando o orvalho de Luz. Ela é chamada Esquerda, Prunico, Sofia, Macho-Fêmea. Desceu simplesmente às águas tranqüilas, agitou-as e desceu arrojadamente aos abismos onde tomou um corpo. Todas as coisas, dizem, acorreram para o orvalho de Luz que havia nela, apegaram-se-lhe e a envolveram de todos os lados; se não tivesse esse orvalho de Luz, seria totalmente absorvida e submergida na matéria. Presa a este corpo de matéria e muito gravada por ele, foi finalmente tomada de resipiscência e então tentou sair das águas e voltar junto a Mãe, mas não lhe foi possível por causa do peso do corpo que a envolvia. Sentindo-se muito mal, pensou em esconder a Luz do alto, temerosa de que ela também viesse a ser estragada pelos elementos inferiores, como aconteceu com ela. Foi-lhe então comunicada uma força pelo orvalho de Luz que havia nela que a fez saltar e elevar-se às alturas. Chegada ao alto, desenvolveu-se, cobriu-se e fez este céu visível, tirando-o de seu corpo e permaneceu debaixo dele, num corpo de aparência molhada. Depois, ao desejar a Luz do alto, recebeu nova força que lhe permitiu abandonar o Corpo e se ver livre dele. Dizem que se desvestiu do corpo e a chamam Mulher tirada de Mulher.

30,4. Afirmam que o filho dela recebeu da Mãe também a aspiração à incorruptibilidade que o fazia agir. Tornado poderoso ele também emitiu das águas, como dizem, um filho sem a Mãe que ele não teria conhecido. E o filho dele, à imitação do Pai, emitiu também um filho; o terceiro, um quarto; o quarto, um quinto; o quinto, um sexto; o sexto, um sétimo, completando-se assim, no dizer deles, a Hebdômada, e a Mãe ocupou o oitavo lugar. Como na geração, assim também eles conservam entre si uma hierarquia na dignidade e no poder.

30,5. Eis os nomes que deram a esta mentira: ao primeiro filho da Mãe deram o nome de Jaldabaoth; ao deste, Iao; ao deste, Sabaoth; ao quarto, Adonai, ao quinto, Elohim; ao sexto, Horeu; ao sétimo e último, Astafeu. Estes Céus, Virtudes, Potestades, Anjos e Criadores estão sentados ordenadamente no céu segundo a ordem de geração e, permanecendo invisíveis, governam as coisas celestes e terrestres. O primeiro deles, Jaldabaoth, desprezou a Mãe por ter gerado filhos e netos sem o seu consentimento, isto é, os Anjos e os Arcanjos, as Virtudes, as Potestades e as Dominações. Mal começaram a existir, estes filhos se voltaram contra ele na peleja e no conflito para disputar o primeiro lugar. Então J aldabaoth, triste e desanimado, olhou para as escórias da matéria que estava abaixo dele, seu desejo tomou consistência nela, e daí dizem, lhe nasceu um filho, Nous, contorcido como serpente. Deste procederam os elementos pneumáticos, psíquicos e cósmicos; e depois surgiram o Esquecimento, a Maldade, o Ciúme e a Morte. Este Nous, na forma de serpente contorcida, dizem, perverteu ainda mais o Pai com sua tortuosidade quando estava com o Pai deles no céu, no paraíso.

30,6. Jaldabaoth, cheio de contentamento, vangloriavase motivado por todas estas coisas que lhe estavam submetidas, dizendo: "Eu sou o Pai e Deus, acima de mim não há ninguém".(61) Ao ouvir isto a Mãe lhe gritou: Não mintas, Jaldabaoth, porque acima de ti há o Pai de todas as coisas, o Primeiro Homem, e o Homem, Filho do Homem. Todos se conturbaram por esta nova voz e pela revelação inopinada e procuraram a sua origem. Então Jaldabaoth, para desviá-los e atraí-los a si, disse: Vinde, façamos o homem à nossa imagem. Mas as seis Potências,ouvindo isto, juntaram-se e fizeram um homem de largura e altura imensas, conforme a idéia de homem, inspira- da nelas pela Mãe, para esvaziá-las com isso de seu poder original. Como só fosse capaz de se arrastar no solo, levaram-no ao Pai delas, enquanto Sofia encarregava-se da tarefa de eliminar dele o orvalho de Luz, para que, desprovido do poder, não se pudesse mais levantar contra os que lhe estão acima. Enquanto soprava no homem o hálito da vida, sem se aperceber, era-lhe tirado o poder. O homem, porém, possui desde então a inteligência e o pensamento -dizem que é isto que o salvará -e logo agradeceu ao Primeiro Homem, sem se importar com seus Criadores.

30,7. Cheio de ciúmes, Jaldabaoth quis então arruinar o homem por meio da mulher, por isso a tirou do pensamento dele; mas Prunico tomou-a e invisivelmente a esvaziou do poder. Os outros se aproximaram, admiraram a sua beleza, deram-lhe o nome de Eva e apaixonados, geraram dela filhos que, dizem, são os Anjos. A Mãe deles então procurou por meio da serpente induzir Adão e Eva a desobedecer à ordem de Jaldabaoth. Eva acreditou facilmente, como se tivesse escutado a voz do Filho de Deus, e convenceu Adão a comer do fruto da árvore que Deus lhes proibira comer. Depois de o terem comido, dizem, conheceram a Potência que está acima de todas as coisas e se afastaram de seus Criadores. Prunico, vendo que tinha sido vencido por obra dela, ficou muito contente e gritou novamente que, existindo já um Pai incorruptível, Jaldabaoth mentira ao se atribuir o nome de Pai e que existindo já um Homem e uma Primeira Mulher, pecara ao fazer uma cópia falsificada deles.

30,8. Jaldabaoth porém, por causa do esquecimento em que estava envolvido, não tomou conhecimento destas palavras e afastou Adão e Eva do Paraíso porque tinham infringido a sua ordem. Ele queria que Eva lhe gerasse filhos, mas não o conseguiu, porque a Mãe o contrariava em tudo. Às escondidas, ela esvaziou Adão e Eva do orvalho de Luz para que o Espírito tirado da Potência Suprema não participasse da maldição, nem do opróbrio. Assim ensinam, que esvaziados da substância divina, foram amaldiçoados por ela e lançados do céu para este mundo. E a serpente que tinha agido contra o Pai foi também lançada no mundo inferior. Submetendo ao seu poder os Anjos que ali estavam, gerou seis filhos para imitar, sendo ela o sétimo elemento, a Hebdômada que está junto ao Pai. E estes são os sete demônios cósmicos que sempre contrariam e obstaculizam o gênero humano, porque foi por causa de Adão e Eva que o Pai deles foi precipitado aqui em baixo.

30,9. Adão e Eva, no princípio, tinham corpos leves, luminosos, como que espirituais, porque é assim que foram criados, mas chegados aqui, tornaram-se mais obscuros, gordos e pesados. Também suas almas ficaram moles e lânguidas porque possuíam somente o sopro cósmico recebido do Criador, até que Prunico teve piedade deles e lhes devolveu o suave perfume do orvalho da Luz. Com ele voltaram a si e descobriram que estavam nus e que tinham -corpos materiais, conheceram que traziam em si a morte e se tornaram pacientes,

sabendo que este corpo os envolvia temporariamente. Guiados por Sofia, encontraram alimento e, saciados, uniram-se carnalmente e geraram Caim. Mas a serpente decaída e seus filhos logo se apoderaram dele, perverteram-no, encheram-no de esquecimento cósmico e o lançaram às raias da loucura e da desfaçatez; e ao matar o irmão Abel, foi o primeiro a mostrar o Ciúme e a Morte. Depois deles, dizem, conforme os planos de Prunico, foram gerados Set e Norea dos quais nasceu a restante multidão dos homens, os quais foram imersos pela Hebdômada inferior em toda espécie de malícia, na apostasia da superior Hebdômada santa, na idolatria, no desprezo de tudo, enquanto a Mãe não parava de contrariá-los invisivelmente para salvar o que lhe pertencia, isto é, o orvalho da Luz. A Hebdômada santa, dizem que são as sete estrelas, que chamam planetas, e a Serpente decaída tem dois nomes: Miguel e Samael.

30,10. Jaldabaoth, irado contra os homens porque não o adoravam e não o honravam como Pai e Deus enviou-lhe o dilúvio para destruí-los a todos de uma vez. Mas pela oposição de Sofia foram salvos Noé e os que estavam com ele na arca, por causa do orvalho de Luz que vinha dela e graças ao qual este mundo foi novamente enchi do de homens. Dentre estes, o próprio Jaldabaoth escolheu um, Abraão, com quem fez uma aliança: se a sua descendência perseverasse em servi-lo lhe daria a terra em herança. Depois, por meio de Moisés, tirou do Egito os descendentes de Abraão, deu-lhes uma Lei e fez deles o povo hebreu. Dentre eles escolheu sete deuses que chamam de Hebdômada santa e cada um deles escolheu o seu arauto para o glorificar e anunciar como deus, a fim de que os restantes, ao ouvir essas glorificações, também sirvam aos deuses que os profetas anunciavam.

30,11. Eis como distribuem os profetas: de Jaldabaoth eram Moisés, Jesus, filho de Nave, Amós e Habacuc; de Iao: Samuel, Natã, Jonas e Miquéias; de Sabaoth: Elias, Joel e Zacarias; de Adonai: Isaías, Ezequiel, Jeremias e Daniel; de Eloim: Tobias e Ageu; de Hor: Miquéias e Naum; de Astafeu: Esdras e Sofonias. Cada um deles glorifica o seu Pai e Deus; e a própria Sofia, dizem, através deles manifestou muitas coisas acerca do Primeiro Homem, do Eão incorruptível, do Cristo do alto; prevenindo e lembrando os homens, da Luz incorruptível, do Primeiro Homem e da descida do Cristo. Diante do espanto e da admiração das Potências, causados pelas novidades contidas no anúncio dos profetas, Prunico, agindo por meio de Jaldabaoth e sem que ele se desse conta, fez com que acontecessem duas emissões de homens, um da estéril Isabel e o outro da Virgem Maria.

30,12. Mas não encontrando paz nem no céu nem na terra, angustiada invoca a ajuda da Mãe, a Primeira Mulher, que teve compaixão da pena da filha e pediu ao Primeiro Homem que enviasse o Cristo em socorro. Este desceu à irmã em vista do orvalho de Luz. Tendo sabido que o irmão descia a ela, a Sofia de baixo anunciou esta vinda por meio de João, preparou o batismo de penitência e predispôs Jesus para que o Cristo, na sua vinda, encontrasse um vaso puro e elo filho de Jaldabaoth a Mulher fosse a unciada por Cristo. Então o Cristo desceu, passando pelos sete céus, tornando-se semelhante aos seus filhos e esvaziando-os gradualmente do seu poder, porque, dizem, todo o orvalho de Luz acorreu para ele. Ao descer a este mundo, o Cristo se revestiu da irmã Sofia e ambos exultaram e repousaram um no outro; e definem: estes são o Esposo e a Esposa. Ora, Jesus, por ter nascido de uma Virgem por obra de Deus, era o mais sábio, puro e justo de todos os homens e nele desceu o Cristo unido à Sabedoria: foi assim que se fez Jesus Cristo.

30,13. Muitos dos discípulos de Jesus não souberam que o Cristo tinha descido nele. Quando houve esta descida, Jesus começou a fazer milagres e curas, a anunciar o Pai desconhecido e a declarar-se abertamente o Filho do Primeiro Homem. Irritados, os Principados e o Pai de Jesus fizeram de tudo para matá-lo e quando era levado à morte o Cristo e Sofia se retiraram no Eão incorruptível, afirmam eles, e somente Jesus foi crucificado. Cristo, porém, não se esqueceu do que era seu e do alto enviou a Jesus uma potência que o ressuscitou num corpo que eles dizem ser psíquico e pneumático; os elementos cósmicos, Jesus os abandonou no mundo. Os discípulos, quando o viram depois da ressurreição, não foram capazes de o reconhecer, nem o próprio Jesus ficou sabendo quem o ressuscitara. Dizem que este foi o erro maior em que caíram os discípulos: o de acreditar que ele tinha ressus- citado no corpo cósmico, porque não sabiam que a carne e o sangue não podem empossar-se do reino dos céus.

30,14. O argumento apresentado para explicar a descida e a subida de Cristo é que, segundo os seus discípulos, antes do batismo e depois da ressurreição não fez nada de extraordinário. É que os discípulos não sabiam da união de Jesus com o Cristo e do Eão incorruptível com a Hebdômada e tomaram o corpo psíquico por corpo cósmico. Jesus ficou com eles por dezoito meses depois da ressurreição e tendo recebido a compreensão, ensinou o que já era evidente. Mas somente a poucos discípulos, que sabia capazes de mistérios tão grandes, ensinou estas coisas. Depois disto Jesus foi recebido no céu onde está sentado à direita do Pai Jaldabaot, para acolher em si, depois que depuseram a carne cósmica, as almas daqueles que o conheceram. Assim vai-se enriquecendo, sem que o Pai o saiba e nem mesmo o veja, de forma tal que na proporção que Jesus se enriquece com estas almas santas o Pai enfraquece e diminui pela perda do seu poder, por causa destas almas. E lhe vêm a faltar as almas santas para reenviar a este mundo, restando-lhe somente aquelas que derivam da sua substância, isto é, da sua expiração. A consumação final acontecerá quando todo o orvalho do espírito de Luz será reunido e levado ao Eão da incorruptibilidade.

30,15. Estas são as doutrinas deles, donde surgiu, como uma hidra de Lerna, a besta das muitas cabeças, que é a escola de Valentim. Alguns dizem que a própria Sofia se transformou em serpente e por isso se levantou contra o Criador de Adão e deu a gnose aos homens e foi julgada a mais sábia de todos. Até o enrolado dos nossos intestinos pelos quais passa o alimento, por ter esta figura, apresenta escondida em nós a substância geradora da Serpente.

Cainitas

31,1. Outros ainda dizem que Caim deriva da Potência Suprema e que Esaú, Coré, os sodomitas e semelhantes eram todos da mesma raça dela; motivo pelo qual, mesmo combatidos pelo Criador, nenhum deles sofreu algum dano, porque Sofia atraiu a si tudo o que lhe era próprio. Dizem que Judas, o traidor, sabia exatamente todas estas coisas e por ser o único dos discípulos que conhecia a verdade, cumpriu o mistério da traição e que por meio dele foram destruídas todas as coisas celestes e terrestres. E apresentam, à confirmação, um escrito produzido por eles, que intitulam Evangelho de Judas.

Conclusão

31,2. Já recolhi escritos deles nos quais incitam a destruir as obras da Histera: é assim que chamam o Criador do céu e da terra. Dizem que ninguém se salva se não passar por todas as experiências, como dizia Carpócrates. A cada pecado ou ação vergonhosa assiste um Anjo: portanto é preciso ter a coragem de o fazer e lançar o que possa haver de impuro neste Anjo e dizer: Ó Anjo, eu cumpro a tua obra, ó Potência, eu pratico a tua ação. A gnose perfeita consiste em entregar-se a estas práticas que sequer ousamos nomear.

31,3. Era necessário mostrar que os valentinianos derivam de tais pais e mães, como revelam as suas teorias e sistemas, expô-los abertamente e contestá-los. Talvez assim alguns deles se arrependam e se convertam ao único Deus, Criador e Autor do universo e outros não sejam desviados pela sua doutrina falsa e suasiva, julgando conhecer por meio deles um mistério maior e mais profundo. Todos aprenderão corretamente de nós o que eles incorretamente ensinam, conhecerão o ridículo dessas doutrinas e terão compaixão daqueles que, mesmo envolvidos em fábulas tão miseráveis e inconsistentes, orgulharam-se a ponto de se julgarem melhores que os outros por causa da gnose, que mais se deveria chamar de ignorância. Ora, arrancar-lhes a máscara e fazer conhecer a sua doutrina já é uma vitória sobre eles.

31,4. Foi por isso que nos esforçamos em pôr às claras e apresentar o corpo feio destas raposas. Já não serão necessários muitos discursos para refutar uma doutrina que se tornou conhecida de todos. Como quando uma fera se esconde na floresta onde assalta e devasta, se alguém corta e limpa a floresta e consegue ver a fera já não lhe falta muito para caçá-la, sabendo de que fera se trata. Será possível vê-la, defender-se dos seus assaltos, atirando-lhe setas de todos os lados, ferir e matar esta fera devastadora. Assim nós, que manifestamos os seus mistérios escondidos e envolvidos no silêncio, não precisaremos de muitas argumentações para refutar a sua doutrina. Torna-se fácil para ti e para os que estão contigo exercitar- vos sobre tudo o que já dissemos, derrubar suas doutrinas falsas e sem fundamento e mostrar como discordam da verdade. Estando assim as coisas, como prometi e conforme à nossa capacidade produziremos, no livro seguinte, uma refutação das suas doutrinas e visando todos eles- como vês o discurso está ficando comprido - e te daremos também uma ajuda para combater todas as suas afirmações, na ordem em que foram expostas, para que não somente deixemos a fera à vista, mas firamo-la de todos os lados.

Notas

(59) Ap 2,6

(60) Ex 20,5 Is 45,5-6; 46,6

(61) Cf. 18 45,5-6; 46,9.

Contra as Heresias - Livro II (Parte A: O Dualismo de Deus)

Por Santo Ireneu de Lião (Bispo)

Tradução: Lourenço Costa

Fonte: Coleção Patrística, Volume 4, Ed. Paulus.

II LIVRO

TEORIAS GNÓSTICAS E SUA REFUTAÇÃO

A. O DUALISMO DEUS-CRIADOR

Introdução

Intr. 1. No primeiro livro, anterior a este, denunciando uma gnose de nome falso, demonstramos-te, caríssimo, que é tudo mentira o que foi encontrado, de muitas e contraditórias maneiras, pelos discípulos de Valentim. Expusemos também as doutrinas daqueles que os precederam, como se contradizem entre si e muito mais com a verdade. Também te apresentamos, com toda diligência a doutrina de um deles, Marcos, o mago, e também a sua conduta. E diligentemente referimos o que selecionou da Escritura e a tentativa de adaptá-la à sua invenção; lembramos minuciosamente como se esforçam e ousam confirmar a verdade por meio dos números e das vinte e quatro letras do alfabeto. Como, segundo eles, a criação foi feita à imagem do Pleroma invisível e o que pensam e ensinam sobre o Demiurgo. Expusemos a doutrina de um dos seus pais e de todos os que se seguiram, e também a de toda a multidão dos gnósticos que se originaram dele. Evidenciamos as diferenças entre eles, as doutrinas, as emissões e todas as heresias que proferiram, suas doutrinas ímpias e irreligiosas que todos estes heréticos derivados de Simão introduziram neste mundo. Demos a conhecer a sua redenção, a iniciação dos perfeitos, as suas fórmulas mágicas e os mistérios. Demonstramos que um só é o Deus criador que não é fruto de uma degradação e que não há nada nem acima dele nem depois dele.

Intr. 2. Neste livro trataremos, conforme o tempo no-lo permitir, somente do que é útil para nós e refutaremos os pontos mais importantes do conjunto da sua doutrina. Por isso, visto que se trata de descobrir e refutar a sua teoria, intitulamos assim esta obra: com efeito é preciso, pela denuncia aberta das suas sizígias, refutar as sizígias ocultas e destruir este Abismo, trazendo provas de que nunca existiu nem existe.

Único Deus Pleroma criador

1,1. É conveniente começar pelo primeiro e mais importante argumento, isto é, do Deus-Demiurgo que fez o céu e a terra e tudo o que eles contêm (1), que, injuriando, chamam fruto de degradação, para demonstrar que nada há acima nem depois dele, que foi ele a criar todas as coisas, não movido por algo ou por ninguém, mas de sua própria e espontânea vontade, por ser o único Deus, o único Senhor, o único Criador, o único Pai, o único a conter tudo e a dar a existência a tudo.

1,2. Como poderia haver acima dele outro Pleroma, ou Princípio, ou Potência, ou outro deus, se Deus, o Pleroma universal, deve absolutamente conter todas as coisas e não ser contido por ninguém? Se existir alguma coisa fora dele já não é Pleroma de tudo nem

contém tudo, porque falta a ele ou ao Deus que está acima de tudo, o que dizem estar fora dele. Aquele a quem falta ou foi tirada alguma coisa não é o Pleroma de tudo. Deverá ter princípio, meio e fim em relação àqueles que lhe estão fora. Se há um fim nas coisas inferiores, deve haver um princípio nas superiores; e ao mesmo tempo deve acontecer necessariamente com as outras partes: será contido, determinado e incluído por aquilo que está fora dele; porque o fim inferior necessariamente circunscreve e circunda o que acaba nele. Aquele que para eles é o Pai de tudo e que chamam Protoente, Protoprincípio, com o Pleroma deles e o Deus bom de Marcião, será criado, limitado e circundado externamente por outro Princípio que será necessariamente maior do que ele, porque o continente é maior do que o conteúdo. O que é maior é também mais firme e mais senhor, e o que é maior, mais firme e mais senhor é Deus.

1,3. Com efeito, se, conforme eles dizem, existe algo externo ao Pleroma em que desceu a Potência superior afastada, este algo necessariamente contém o que é externo ao Pleroma e o próprio Pleroma, de outra forma não se pode falar de algo que esteja fora. Se algo se encontra fora do Pleroma, o Pleromaestará dentro de algo que está fora e por isso mesmo estará contido aí. Se, por acaso, dizem que o Pleroma e o que está fora dele estão imensamente afastados um do outro, então supõem uma terceira realidade que separa imensamente o Pleroma do que está fora dele. Esta terceira realidade delimitaria e conteria a ambos e seria maior do que o Pleroma e dQ que está fora dele, visto que contém os dois dentro de si. Então nunca se acabaria de falar do que contém e do que está contido. Se, com efeito, esta terceira realidade tem princípio no alto e fim em baixo é necessário também definir os lados: estes e as coisas que estão acima ou em baixo terão um princípio
em relação a outras coisas e assim nunca se acaba. Assim se dá com a sua elucubração sobre o Deus único e por querer saber sempre mais caem no vazio e se afastam do verdadeiro Deus.

1,4. O mesmo argumento vale para os seguidores de Marcião. Os seus dois deuses serão contidos e circunscritos pelo imenso espaço que separa a ambos. Desta forma deve-se pensar em numerosos deuses separados entre si por distâncias imensas e um começaria onde outros acabam. E o motivo de que se servem para ensinar que acima do Criador do céu e da terra existe um Pleroma ou um Deus, este mesmo pode ser invocado por quem quiser afirmar que acima deste Pleroma existe outro Pleroma e acima deste último mais outro e acima do Abismo outro Abismo e pelos lados o mesmo. Procedendo assim ao infinito será necessário pensar sempre em outros pleromas e outros abismos e procurar, sem parar, sempre outros além dos precedentes. Então não se poderá dizer com certeza que as coisas, segundo nós, inferiores não sejam até superiores e aquelas que eles julgam superiores não sejam inferiores ou superiores. O nosso pensamento não teria estabilidade ou certeza, mas seria obrigado a perseguir mundos sem fim e deuses sem número.

1,5. Se fosse assim, cada deus se deveria contentar com sua esfera de ação e não se meter indiscretamente na dos outros: do contrário seria injusto e avarento e deixaria de ser o que Deus é. E cada criatura glorificaria o próprio criador contentando-se com ele, sem reconhecer outro, do contrário, seria justamente condenado por todos como apóstata e severamente punido. E necessário admitir ou um só que tudo contém e criou todas as coisas abaixo dele como quis, ou muitos e indeterminados deuses e criadores, começando um onde outro acaba, e então será preciso reconhecer que externamente é contido por um maior

e é reduzido à sua competência e que nenhum deles é deus de todas as coisas. Assim cada um deles será filho porque possuiria uma parte mínima em relação a todos os outros e nenhum poderia ser chamado onipotente e esta concepção levaria inelutavelmente à impiedade.

Os anjos não são criadores

2,1. Erram aqueles que dizem que o mundo foi criado pelos anjos ou por algum outro criador, independentemente da vontade do Pai que está acima de todas as coisas. Erram primeiramente ao dizer que os anjos criaram uma obra tão grande e bela independentemente da vontade do Deus supremo, como se os anjos fossem mais poderosos do que Deus e, depois, porque supõem um deus negligente e inferior que não cuida se o que acontece abaixo dele é feito mal ou bem, para impedir e eliminar o mal e aprovar e louvar o bem. Ora, se isto não se diz de um homem cuidadoso, tanto menos se deve dizer de Deus.

2,2. Que nos digam então: estas coisas foram criadas no âmbito do seu domínio ou fora dele? Se dizem, fora, enfrentam todos os inconvenientes de que já falamos e o Deus primeiro estará incluído em outro fora dele e deixará necessariamente de ser o supremo. Se dizem, dentro, é inútil afirmar que o mundo foi criado sem que o soubesse e no seu âmbito pelos anjos que também lhe estão submetidos ou que foi por outro qualquer, como se não enxergasse o que acontece abaixo dele nem o que os anjos haviam de fazer.

2,3. Se, porém, não foi fora da sua vontade, mas sabendo e querendo, como pensam alguns, então a causa desta criação já não são os anjos ou um criador do mundo, mas a vontade de Deus. Se ele fez o criador e os anjos, foi também a causa da criação que eles fizeram e evidentemente se deverá dizer que ele fez o mundo por ter disposto as causas da sua criação. Se dizem que os anjos ou o criador foram criados por longa sucessão que tem sua origem no Pai primeiro, como afirma Basílides, então a causa das coisas criadas recai sobre aquele que foi o iniciador da série, assim como o sucesso da guerra é atribuído ao rei que dispôs as causas da vitória, e a fundação duma cidade, ou a criação duma obra àquele que pôs as causas que levaram à atuação das coisas que foram feitas depois. Por isso não dizemos que o machado racha a lenha ou que a serra corta, mas justamente que é o homem quem racha ou serra, porque fez o machado e a serra com esta finalidade, e antes disso, as peças para fazer o machado e a serra. Por isso, em conformidade com seus argumentos, se deve dizer que o Pai de todos é o Criador deste mundo e não os anjos, nem qualquer outro criador diferente dele que foi o iniciador da série e que pôs a causa primeira desta criação.

2,4. Talvez esta argumentação possa convencer os que não conhecem a Deus e o comparam a homens falhos, incapazes de fazer alguma coisa diretamente sem a ajuda de muitos instrumentos. Mas não pode ser aceito por quem sabe que Deus, sem precisar de nada ou de ninguém, criou e fez todas as coisas pelo Verbo. Com efeito, ele não precisou da ajuda dos anjos para a criação, nem de qualquer potência inferior que desconhecia o Pai, nem de algum rebotalho ou alguma ignorância, para que fosse criado o homem, que era destinado a conhecê-lo. Ele próprio, depois de predeterminar todos os seres em si mesmo, de forma inefável e incompreensível para nós, fê-los como quis, dando-lhes harmonia, ordem e início. Adaptou a cada um a substância própria da sua natureza: aos espirituais deu a natureza espiritual e invisível, aos supracelestes, a celeste, aos anjos, a angélica, aos

animais, a animal, aos aquáticos, a aquática, terrestres, a terrestre. Tudo o que foi feito ele o fez por intermédio do Verbo infatigável.

2,5. Com efeito, pertence à soberana independência de Deus não precisar de nenhum instrumento para criar as coisas: o seu Verbo é idôneo e suficiente para criar todas, como diz João, o discípulo do Senhor: "Todas as coisas foram feitas por meio dele e nada foi feito sem ele".(2) Em "todas as coisas" está compreendido também este mundo, que foi feito pelo Verbo de Deus, como atesta o livro do Gênesis, o qual diz que Deus fez por meio do Verbo o mundo e o que ele encerra.(3) Da mesma forma diz Davi: "Porque ele falou e foram feitos, ele mandou e foram criados".(4) Em quem havemos de acreditar mais, a respeito da criação do mundo, nestes heréticos de que falamos, que vão palavreando coisas tão tolas e incoerentes, ou nos discípulos do Senhor e em Moisés, profeta e servo fiel de Deus?(5) Aquele que, primeiro, contou a origem do mundo dizendo: "No princípio Deus criou o céu e a terra"6 e depois todo o resto, e não os deuses, nem os anjos.

2,6. O apóstolo Paulo diz que este Deus é o Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, com estas palavras: "Único é Deus, o Pai, que está acima de todos, causa de tudo e em cada um de nós".7 Já demonstramos que há um só Deus e ainda o demonstraremos pelas próprias palavras dos apóstolos e do Senhor. Não será grande falta de bom senso deixar de lado as palavras dos profetas, do Senhor e dos apóstolos para escutar as loucuras destes heréticos?

...nem um segundo Deus

3,1. Absurdo é o seu Abismo, o seu Pleroma e o Deus de Marcião. Com efeito se, corno dizem, há fora deles algo de subjacente que chamam vazio e trevas, este vazio aparece maior do que o seu Pleroma. Também é absurdo dizer que ele contém tudo o que lhe é inferior e que outro fez a criação. Porque, necessariamente, devem admitir um lugar vazio ou informe no interior do Pleroma pneumático no qual foi criado o universo. Ora este vazio informe foi deixado de propósito porque o Protopai sabia o que fazer com ele, ou então não sabia. Se não sabia, ele não é o Deus onisciente. E nem eles poderiam dizer o motivo por que deixou aquele lugar vazio por tanto tempo. Se sabia tudo em antecedência ejá vira no seu espírito a criação que se devia cumprir naquele lugar, é ele quem a fez depois de a ter prevista em si.

3,2. Cessem, portanto, de dizer que o mundo foi feito por outro: de fato, naquele mesmo instante em que teve a idéia foi feito o que tinha pensado, visto não ser possível que um tenha a idéia e outro execute o que o primeiro pensou. Ora, segundo estes heréticos, Deus concebeu na sua mente ou um mundo eterno ou um temporal, mas os dois casos são absurdos. Se tivesse pensado num mundo eterno, pneumático e invisível ele seria feito exatamente assim. Se, porém, o fez corno é, é porque o fez corno o tinha pensado: vale dizer: ele o quis diante de si corno o tinha pensado, compósito, mutável e transitório. Portanto, se é corno o Pai o pensou em si, o mundo é obra digna do Pai. Dizer que a idéia, a concepção e a criação deste mundo, assim corno é e que é conforme à idéia que dele teve o Pai de todas as coisas, é produto da ignorância ou da degradação, é proferir urna enorme blasfêmia. Segundo eles, o Pai de todos na concepção da sua mente, geraria no seu peito produtos de ignorância e frutos de degradação, por que as coisas foram feitas conforme as pensou.

Defeitos no Ser supremo. Trevas e vazio

4,1. Deve-se procurar a causa desta economia de Deus, mas nem por isso se deve atribuir a outro a criação do mundo. Deve-se dizer que todas as coisas foram prepara- das antes por Deus para serem feitas como de fato o foram, mas nem por isso se devem inventar as trevas e o vazio. Ainda assim, de onde vem este vazio? Se foi emitido por aquele que, segundo eles, é o Pai e o emissor de todas as coisas, então tem a mesma dignidade e é parente dos outros Eões, e talvez seja até mais velho do que eles. Se foi emitido pelo mesmo Pai, é semelhante àquele que o emitiu e àqueles com quem foi emitido. Há, portanto, necessidade absoluta de que o Abismo e o Silêncio deles sejam semelhantes ao vazio, e por isso vazios, e que os Eões restantes, por serem irmãos do vazio, tenham também a substância do vazio. Se, porém, não foi produzido, ele nasceu de si mesmo, foi gerado de si mesmo e é igual, no tempo, àquele que para eles é o Abismo e o Pai de todas as coisas. Assim o vazio é da mesma natureza, digno da mesma honra que tem, segundo eles, o Pai de todas as coisas. Portanto, é necessário que o vazio tenha sido produzido por alguém ou por si mesmo produzido e de si nascido. Mas se vazio é o produzido, vazio é o produtor, vazio é Valentim, vazios os seus sectários. Mas se não foi produzido e existe por si mesmo, então o seu vazio é igual, parent2 e com o mesmo valor que o Pai, de que fala Valentim; é bem mais respeitável, anterior e digno de honra do que todos os outros Eões do próprio ptolomeu, de Heráclio e de quantos pensam como ele.

4,2. Se surge neles alguma dúvida por causa destes argumentos e reconhecem que o Pai de tudo contém todas as coisas, que fora do Pleroma não há nada, caso contrário o Pai é limitado e circunscrito por alguém maior do que ele; se falam de "fora" ou de "dentro" o fazem conforme o conhecimento ou a ignorância, sem indicar distancia local. Se as coisas que sabemos terem sido feitas, foram feitas pelo Demiurgo ou pelos anjos, e estão contidas por uma Grandeza imensa no Pleroma ou no âmbito do Pai, como o centro no círculo ou uma mancha no vestido, então podemos perguntar quem é este Abismo que tolera uma mancha em seu seio e deixa que outro qualquer construa ou produza no seu domínio sem o seu consentimento. Isto acarretaria um inconveniente para o Pleroma inteiro porque podia, desde o início, eliminar a degradação e as emissões por ele iniciadas e não permitir que a criação fosse feita na ignorância, na paixão ou na degradação. Aquele que em seguida corrige a degradação e purifica a mancha poderia não ter permitido, desde o começo, que se produzisse tal mancha no seu domínio. Porém, se permitiu que, no início, as coisas fossem feitas assim porque não podia ser diferente, então sempre devem ser assim. O que não pode ser remediado no princípio como o poderá ser depois? Ou ainda, como podem afirmar que os homens são chamados à perfeição quando as causas que produziram os homens, o Demiurgo ou os anjos, são fruto de degradação? E se, pela sua misericórdia, nos últimos tempos teve piedade dos homens e lhes concedeu a perfeição, deveria ter compaixão primeiro daqueles que fizeram os homens e conceder-lhes a perfeição. Deste modo também os homens se beneficiariam da sua misericórdia e seriam criados perfeitos por criadores perfeitos. Se teve compaixão da sua obra muito mais a deveria ter tido com eles e não os deveria ter deixado cair em cegueira tão grande.

4,3. Cairia também a sua doutrina da sombra e do vazio nos quais, dizem, foi produzida a nova criação se ela fosse feita no âmbito do Pai. Com efeito, se pensam que a luz paterna

pode encher e iluminar todas as coisas que estão dentro dele, como poderia haver vazio e trevas nas coisas contidas no Pleroma e na Luz paterna? Eles deveriam indicar dentro do Pleroma ou no Protopai um lugar não iluminado e ocupado por algo em que os anjos ou o, Demiurgo fizeram o que quiseram. E não é lugar pequeno aquele onde foi produzida criação tão grande e extensa.

Por isso devem imaginar dentro do Pleroma ou dentro de seu Pai um lugar vazio, informe e tenebroso onde foram criadas as coisas criadas; Então seu lume paterno terá o defeito de não saber iluminar e encher o que está em seu domínio. E mais, chamando estas coisas de produto da degradação e fruto do erro, introduzem o erro e a degradação no Pleroma e no seio do Pai.

Ignorância e dependência

5,1. Contra os que dizem que este mundo foi criado fora do Pleroma, isto é, do domínio do Deus bom, aplica-se o que dissemos pouco acima: eles estão fechados com o seu Pai por aquele que está fora do Pleroma, no qual eles também terminam fatalmente. Aqueles, porém, que dizem que este mundo foi criado dentro dos confins delimitados pelo Pai, mas por outro qualquer, incorrem nos absurdos e nas inconveniências que acabamos de apontar. Eles são obrigados a admitir que tudo o que está dentro do Pai é luminoso, cheio, operoso ou então a acusar a luz paterna de incapacidade de iluminar todas as coisas, ou ainda a admitir que não só uma parte, mas todo o seu Pleroma é vazio, informe e tenebroso. E as outras coisas desta criação que são desprezadas como temporais e terrenas não o podem ser por estar dentro do Pleroma e no seio do Pai ou então este desprezo atinge todo o Pleroma.

E a causa da ignorância encontra-se no seu Cristo. Conforme afirmam, quando formou a natureza da Mãe deles, a expulsou do Pleroma, isto é, separou-a da gnose.

Portanto, quem a separou da gnose também causou a ignorância nela. Como poderia ele, que deu a gnose aos outros Eões anteriores a si, ser a causa da ignorância para a sua Mãe, mantendo-a afastada da gnose quando a expulsou do Pleroma?

5,2. Mais ainda: se se está dentro ou fora do Pleroma por causa da gnose ou da ignorância, como alguns dizem estar na gnose quem está dentro do que conhece, devem admitir que o próprio Salvador, que chamam Tudo, esteve na ignorância. De fato, dizem, que quando saiu do Pleroma ele formou a sua Mãe; ora, se chamam de ignorância de tudo o que está fora e o Salvador saiu do Pleroma para formar a Mãe deles, encontrou-se fora da gnose de todas as coisas e por isso mesmo na ignorância. Como lhe pode conferir a gnose estando fora da gnose? Dizem que nós também, por estar fora da gnose, estamos fora do Pleroma. E ainda: se o Salvador saiu do Pleroma à procura da ovelha desgarrada (8) e o Pleroma identifica-se com a gnose, ele ficou fora da gnose, isto é, na ignorância. Por isso, ou se deve entender "fora do Pleroma" em sentido local, e então recai-se em todas as dificuldades apontadas acima, ou entender por gnose o que está dentro e por ignorância o que está fora, o Salvador deles e, muito antes, o Cristo se encontraram na ignorância por terem saído do Pleroma, isto é da gnose, para formar a sua Mãe.

5,3. Isto vale também contra todos os que de qualquer forma dizem que o mundo foi feito pelos anjos ou por outro qualquer que não o verdadeiro Deus. Com efeito, a crítica que fazem ao Demiurgo acerca das coisas criadas, materiais e temporárias, recai sobre o Pai, porque foi justamente no seio do Pleroma, com consciente anuência do Pai, que foram criadas aquelas coisas destinadas a logo desaparecer. É que a causa desta criação não é o Demiurgo, ainda que ele acredite de o ser, mas aquele que permite e aprova que sejam produzidos, nos seus domínios, produtos da degradação e obras do erro, coisas temporárias entre as eternas, corruptíveis entre as incorruptíveis, erradas entre as verdadeiras. Se porém estas coisas foram feitas sem assentimento e aprovação do Pai de tudo, aquele que as fez num domínio que não era o seu e sem o assentimento do Pai de tudo é mais poderoso, forte e soberano do que ele. E se for, como dizem alguns, que o Pai lho permitiu sem consentir: ou podia impedir, mas lho permitiu impelido por alguma necessidade ou então não podia. Se não podia, é fraco e incapaz, e se podia, é enganador, hipócrita e escravo da necessidade, porque, mesmo sendo contrário, o permitiu como quem consente. E depois de ter deixado no princípio que o erro aparecesse e se consolidasse, em seguida procura destruí-lo, quando muitos já pereceram por causa da degradação.

5,4. Mas não é conveniente dizer que Deus, que está acima de todas as coisas e é livre e independente, seja escravo da necessidade e haja alguma coisa por ele permitida e não aprovada; do contrário, torna-se a necessidade maior e mais soberana do que Deus, que é o mais poderoso e anterior a tudo. Ele, desde o início, deveria eliminar as causas da necessidade e não tornar-se dependente dela, concedendo algo que não lhe convinha. Seria bem melhor, mais lógico, mais divino eliminar desde o princípio a origem desta necessidade do que depois, como que arre- pendido, esforçar-se por suprimir os graves efeitos dela. Se o Pai de todas as coisas é escravo da necessidade, fica submetido ao destino e deve suportar, contra a vontade, o que acontece; está incapacitado de fazer alguma coisa que não seja exigida pela necessidade ou pelo destino; fica semelhante ao Júpiter homérico que, constrangido pela necessidade, diz: "Eu te entreguei Tróia de minha livre vontade, mas não de boa vontade".(9) É neste dilema que se encontra o seu Abismo, escravo da necessidade e do destino.

Desconhecimento de Deus pelo criador

6,1. Como podiam os anjos ou o Criador do mundo ignorar o primeiro Deus se estavam nos domínio dele, eram criaturas suas e estavam contidos nele? Podia ser invisível pela sua majestade, mas nunca desconhecido pela sua providência. Ainda que estivesse bem longe deles, como dizem, pela degradação, contudo sendo o seu domínio estendido a todos, deviam conhecer o seu senhor e saber que quem os criou é o dono de todas as coisas. Pois, a sua natureza invisível é tão poderosa que comunica a todos finíssima intuição e sensibilidade da sua majestade altíssima e onipotente. (10) E ainda que ninguém conheça o Pai senão o Filho, nem o Filho senão o Pai e aqueles aos quais o Filho o revelou",(11) contudo todos a conhecem porque a razão inerente às inteligências as move e lhes revela que existe um único Deus, Senhor de todas as Coisas.

6,2. Por isso, todas as coisas estão sujeitas ao Nome do Altíssimo e do Onipotente, e, pela sua invocação, mesmo antes da vinda de nosso Senhor, os homens eram libertos dos espíritos malignos, de todos os demônios e toda apostasia. Não que os espíritos terrestres

ou os demônios o tenham visto, mas porque sabem que é o Deus que está acima de todas as coisas,(12) que ao nome dele eles tremiam (13) como tremem todas as criaturas, Principados, Potências e toda Virtude que está abaixo dele. Os súditos do império romano, mesmo sem nunca ter visto o imperador e estando consideravelmente separados dele por terras e mares, conheceriam, em razão do império, aquele que detinha a autoridade máxima; e os anjos que estão acima de nós, ou aquele que chamam de Criador, não conheceriam o Onipotente quando, à sua convocação, até os animais irracionais tremem e fogem? Até sem tê-lo visto, todas as coisas estão sujeitas ao nome de nosso Senhor,(14) ao nome de quem fez e criou todas as coisas, porque ele e não outro criou o mundo. Por isso, os hebreus até hoje expulsam os demônios neste nome, porque todas as coisas têm medo da invocação daquele que as fez.

6,3. Se não quiserem dizer que os anjos são menos racionais do que os animais irracionais, terão que admitir ser necessário que os anjos, mesmo sem terem visto o Deus que está acima de todas as coisas,(15) tenham reconhecido o seu poder e a sua soberania. Na verdade, seria ridículo dizer que anjos, que estão na terra, conhecem o Deus que está acima de todas as coisas sem o terem visto e negar conhecer o que anjos conhecem estando tão em baixo, àquele que, segundo eles, criou a anjos e o mundo, e está no mais alto, acima dos céus. A não ser que queiram dizer que o seu Abismo está debaixo da terra, no Tártaro, e por isso o puderam conhecer antes que os anjos que moravam nas alturas. Chegam a tal ponto de insanidade mental que chamam de louco ao Demiurgo, mas, na realidade, é deles que se deve ter compaixão, quando na sua imensa loucura dizem que não conhecem a Mãe, nem a sua semente, nem o Pleroma dos Eões, nem o Protopai, nem o que seriam as coisas que criaram. Estas coisas seriam imagens daquelas que estão dentro do Pleroma, produzi- das secretamente pelo Salvador em honra dos Eões superiores.

O mundo inferior, cópia e sombra do superior

7,1. Sem que o Demiurgo soubesse absolutamente nada, o Salvador -afirmam eles -honrou o Pleroma na criação quando produziu por meio da Mãe imagens e semelhanças das realidades do alto. Já demonstramos, porém, ser impossível existir fora do Pleroma algo com o qual fossem feitas as imagens do que está dentro do Pleroma e também ser impossível que alguém que não o primeiro Deus criasse este mundo. Contudo, se pode ser difícil refutá-los com os argumentos e convencê-los do erro, diremos, contra eles, que se estas coisas foram criadas pelo Salvador, em honra das realidades superiores e à imagem delas, deveriam existir para sempre, para honrar para sempre o que se queria honrar. Se, porém, são transitórias, o que vale uma honra de tão pouca duração daquilo que há pouco não existia e dentro em breve já não existirá? Podeis então acusar o Salvador de ter antes procurado uma glória fugaz para si do que para os que estão acima. Que honra podem prestar as coisas temporárias às eternas, as transitórias às permanentes, as corruptíveis às incorruptíveis? Até aos homens, que são efêmeros, não agradam honras que cedo desaparecem, mas agradam as que duram o mais possível. Pode-se até dizer que as coisas destruídas, quando acabam de ser feitas, foram criadas mais para a desonra daquele que se queria honrar e ultraja-se o eterno com uma imagem corrompida e estragada. Se a Mãe deles não tivesse chorado e se mostrado alegre e não tivesse caído em angústias, o Salvador não teria a possibilidade de honrar o Pleroma, porque esta extrema angústia não possuiria substância própria para honrar o Protopai.

7,2. Quão vazia é a honra que logo desaparece para não mais voltar! Haverá um tempo em que se julgará que esta honra absolutamente não existiu e então serão desonrados os que estão acima e será necessário outra Mãe que dê à luz no choro e na angústia em honra do Pleroma. Que imagem inverossímil e ao mesmo tempo blasfema!

Quereis dizer que o Criador do mundo produziu uma imagem do Unigênito que seria também Nous do Pai de todas as coisas, e que esta imagem ignoraria a si mesma, a criação, a Mãe e tudo o que foi e é criado por ela? Não enrubesceis de vós mesmos, atribuindo a ignorância até ao Unigênito? Se as coisas deste mundo foram criadas pelo Salvador à imagem das coisas do alto e ignorava isso tudo aquele que foi criado à imagem do Unigênito, necessariamente há de haver uma ignorância, segundo um modo pneumático, naquele que foi criado semelhante e naquele outro que ignorava ser ignorante. Gerados ambos de modo espiritual, não plasmados, nem compostos, é impossível que tenham conservado a semelhança nalgumas coisas e perdido noutras, visto que foram produzidos à imagem da geração do alto. Se não for semelhante, a culpa é do Salvador que, como artista incapaz, produziu uma imagem diferente. Tampouco podem dizer que aquele que chamam de Tudo não tinha o poder de fazer emissões. Por isso, segundo dizem, se a imagem é dessemelhante, o artista não presta e a culpa é do Salvador. E se for semelhante, encontra-se a ignorância no Nous do Protopai, isto é, no Unigênito que teria ignorado a si mesmo como Nous do Pai, teria ignorado o Pai e as coisas criadas por ele. Se, porém, conhece tudo isto, necessariamente há de conhecer o que é semelhante àquele que foi criado à sua imagem pelo Salvador. E assim fica reduzida a nada, pelos seus próprios argumentos, a sua maior blasfêmia.

7,3. De outro modo, como podem criaturas tão variadas, numerosas e até inumeráveis ser imagem dos trinta Eões que estão no Pleroma, cujos nomes reproduzimos no primeiro livro, assim como eles os nomeiam? Não somente a variedade de todas as criaturas, mas sequer uma parte das coisas celestes, terrestres ou aquáticas poderia com- parar-se com a pequenez do seu Pleroma. São eles a dizer que os Eões são trinta; mas então como é que em cada região, antes lembrada, se contam não trinta e sim muitos milhares de espécies de seres, como qualquer poderia mostrar? Como podem criaturas tão numerosas, compostas de elementos contrários que se opõem e destroem entre si, ser imagem e semelhança dos trinta Eões do Pleroma que, como dizem, são iguais, semelhantes e sem nenhuma diferença? Se umas são imagens das outras e se, como dizem, por natureza há homens bons e homens maus, é necessário admitir estas diferenças nos Eões e dizer que alguns deles foram feitos bons por natureza e outros maus, para que a sua teoria das imagens corresponda aos Eões. Ainda: como no mundo há seres mansos e outros ferozes, seres inofensivos e outros violentos e destruidores, alguns terrestres outros aquáticos, outros voláteis, outros celestes, assim os Eões devem ter as mesmas qualidades, se aqueles são imagens destes. E devem dizer de qual dos Eões é imagem aquele fogo eterno que o Pai preparou para o diabo e os seus anjos, porque ele também pertence às coisas criadas.

7,4. E se disserem que estas coisas são imagens da Entímese do Eão que experimentou a paixão, ofendem primeiramente sua Mãe, tornando-a iniciadora de imagens corruptíveis e más e, ademais, como podem ser imagens da única e idêntica substância estas muita coisas, diversas e contrárias por natureza? Poderão dizer que no Pleroma os anjos são muitos e que

a multiplicidade das coisas é a imagem deles, mas nem mesmo assim têm razão. Com efeito, devem antes demonstrar que as diferenças entre os anjos e o Pleroma têm propriedades contrárias como são contrárias entre si, na sua natureza, as imagens tiradas deles. Ainda, sendo multidão inumerável os anjos em volta do Criador, como dizem todos os profetas: dezenas de milhares de milhões estão junto a ele e muitos milhares de milhões servem-no (16) e, segundo eles, os anjos do Pleroma têm por imagens os anjos do Criador, a criação continua, na íntegra, imagem do Pleroma, por- que os trinta Eões não correspondem à multiforme variedade da criação.

7,5. Ainda mais: se estas coisas foram feitas à imagem deles, eles foram feitos à imagem do quê? Se o Criador do mundo não as fez de sua cabeça, mas como artesão sem capacidade ou como aprendiz qualquer as copiou de outros arquétipos, de onde o Abismo deles tirou a idéia da primeira disposição das coisas que fez? Logicamente, deve ter recebido o modelo de outro que estava acima dele, e este de outro; assim se vai ao infinito na série das imagens e dos deuses se não se admitir um Artífice ou um Deus que sozinho criou todas as coisas. Admite-se que os homens inventam algo de útil para a vida, então por que não se concede que Deus, o criador do mundo, tenha tido a idéia das coisas criadas e a originalidade da sua ordem?

7,6. Como são estas coisas imagens deles se são tão diferentes e sem alguma relação com eles? Com efeito, coisas contrárias podem ser nocivas àquelas de que são contrárias e de forma alguma serão a imagem, como a água e o fogo, a luz e as trevas, e muitas outras nunca serão imagem uma das outras. Assim as coisas corruptíveis, terrenas, compostas, transitórias, não podem ser imagem daquelas que, como dizem eles, são realidades pneumáticas, a não ser que admitam que estas também sejam compostas, limitadas, corpóreas e não espirituais, sem forma, ricas e intocáveis. É necessário que tenham aparência e contornos para serem imagens verdadeiras, e neste caso, está excluído serem espirituais. Se porém disserem que são espirituais, indefinidas e incompreensíveis, como podem coisas com forma e limitadas ser imagens das indefinidas e incompreensíveis?

7,7. Se disserem que são imagens não por causa da figura ou da forma, e sim pelo número e a ordem de emissão, então deve-se logo afirmar que não são imagens e semelhanças dos Eões do alto: se não têm a figura nem a forma deles, como lhes podem ser imagens? Ademais, experimentem fazer coincidir o número das emissões dos Eões do alto com aquele dos seres criados. Por enquanto, ao estabelecer trinta Eões e ao afirmar que a grande multiplicidade das coisas criadas são imagens dos trinta, certamente merecem que os qualifiquemos de insensatos.

Nosso mundo, sombra do superior

8,1. Se as coisas deste mundo são sombra e imagens do alto, como ousam dizer alguns deles, é necessário que admitam também que eles são corpos. Com efeito, são os corpos situados no alto que fazem sombra, porque os espirituais não podem fazer sombra a ninguém. Mas admitamos, o que é impossível, que haja uma sombra das coisas espirituais e luminosas na qual teria descido, como dizem, a sua Mãe. Neste caso, visto que aquelas coisas são eternas, é eterna também a sombra que produzem e, portanto, as coisas daqui, que estão na sombra daquelas, não passam, mas perduram. Se, porém, essas são transi-

tórias, também devem ser transitórias aquelas de que são a sombra; mas se as coisas do alto perduram, também perdura a sua sombra.

8,2. Se querem falar de sombra não em sentido literal, mas no sentido de que as coisas daqui estão muito afasta- das daquelas, então atribuem à Luz do Pai a fraqueza e a incapacidade de atingi-Ias, por não conseguir encher o vazio e fazer desaparecer as trevas, ainda que ninguém lho impeça. Segundo eles, a Luz do Pai se transformaria em trevas e desapareceria, apagando-se no vazio, por não poder encher o vazio. Então o seu Abismo não é mais o Pleroma, porque não encheu o vazio e não iluminou as trevas ou devem deixar de lado a sombra e o vazio, visto que a Luz do Pai enche todas as coisas.

8,3. Assim, pois, não pode haver nada fora do primeiro Pai, isto é, do Deus que está acima de todas as coisas ou Pleroma, nada em que, como dizem, teria descido a Entímese do Eão apaixonado, se não se quiser que o próprio Pleroma, ou primeiro Deus, seja limitado, definido ou contido por algo fora dele. Tampouco pode haver o vazio ou a sombra, porque o Pai não é alguém a quem venha a faltar a luz ou que ela acabe no vazio. É irracional e ímpio imaginar um lugar em que acabe aquele que é, segundo eles, o primeiro Pai e princípio, Pai de todos e também do Pleroma. Por outro lado, não se pode dizer que outro qualquer tenha produzido toda esta criação no seio do Pai, com ou sem o assentimento dele, pelos motivos vistos acima. Seria irreverência e ao mesmo tempo loucura, sustentar que uma criação tão imponente foi feita pelos anjos ou por alguma emissão que ignorava o verdadeiro Deus, justamente quando estava nos domínios dele. Nem é posível que as coisas terrenas e materiais tenham sido criadas dentro do Pleroma, que é todo espiritual, e tampouco que as coisas numerosas e contrárias da criação sejam imagens daqueles que, como dizem eles, são poucos, iguais na natureza e formam unidade. Manifestou-se errado tudo o que dizem da sombra e do vazio e também foi mostrado vazio o seu raciocínio e inconsistente a sua teoria e, por isso mesmo, vazios os que lhes prestam atenção e prestes a cair no abismo da perdição.

Testemunho universal em favor do Deus criador

9,1. É evidente que Deus é o criador do mundo também para os que o negam de muitas maneiras, chamando-o de Criador ou anjo, para não falar que as Escrituras todas o proclamam, e o Senhor ensina que este Deus é o Pai que está nos céus (17) e não outro, como demonstraremos ao longo do discurso. Por enquanto, basta-nos assinalar o testemunho dos que nos contradizem, que concorda com o consenso de todos os homens, a começar pelos antigos, que receberam do primeiro homem a tradição, guardaram-na e cantaram hinos ao Deus único, criador do céu e da terra e, em seguida, pelos outros que vieram depois deles, aos quais os profetas de Deus relembram continuamente esta verdade, e pelos pagãos que a aprenderam da própria criação. Ela mostra quem a criou, a obra aponta o seu autor, o mundo revela quem o pôs em ordem. E a Igreja dispersa pelo mundo inteiro recebeu dos apóstolos esta tradição.

9,2. Portanto, consta e é testemunhada por todos a existência de Deus assim como não consta e não é testemunhado aquele Pai que é, sem dúvida, uma invenção deles. Foi Simão, o mago, o primeiro a declarar que ele era o Deus que está acima de todas as coisas e que o mundo foi criado pelos seus anjos; e, depois dele, os seus seguidores, como já dissemos no

primeiro livro, propalaram a doutrina, com afirmações ímpias e blafematórias contra o Cria- dor; e os discípulos destes tornaram piores do que os pagãos aqueles que os escutam. Os pagãos "servem às criaturas antes que ao Criador"(18) e àqueles que não são Deus,(19) mas atribuem o mais alto grau de divindade ao Deus criador do universo. Enquanto estes chamam o Criador de fruto da degradação, de psíquico e desconhecedor da Potência que está acima dele e, quando diz: "Eu sou Deus e, afora eu, não há outro Deus",(20) tacham-no de mentiroso. São eles os verdadeiros mentirosos que lançam a ele toda a sua perversidade, e imaginando, segundo a sua doutrina, um ser que não existe acima daquele que é,(21) eles também são blafemadores do Deus que é, e os inventores de um Deus que não é, para a sua própria condenação. E eles que se dizem perfeitos e possuidores da gnose de todas as coisas, na realidade, são piores do que os pagãos e, nos seus pensamentos, mais blasfemos, porque se dirigem contra o seu Criador.

Ironia sobre a atividade criadora de Acamot

10,1. É, portanto, completamente irracional abandonar o verdadeiro Deus, testemunhado por todos, para procurar acima dele um deus que não existe e que nunca ninguém anunciou. Que nunca foi dito nada dele, eles mesmos o confirmam e se apresentam um deus que nunca antes foi procurado, é evidente que o fazem aplicando arbitrariamente a um deus inventado por eles parábolas que precisam de explicação para serem entendidas. Pelo fato de querer explicar passagens difíceis das Escrituras, não por que se refiram a outro Deus, mas aos seus planos, produzem para si outro deus, como já dissemos, trançando redes com aréia e de uma questão pequena fizeram surgir outra de maior importância. Não se dirime uma questão pro- pondo a solução de outra, e pessoas de bom senso não usam de obscuridades para clarear obscuridades, nem de enigmas para resolver enigmas, mas estas coisas são resolvidas a partir do que é manifesto, adequado e claro.

10,2. Estes, porém, ao querer explicar as Escrituras e as parábolas introduzem outra questão mais ampla e ímpia, isto é, se acima do Deus criador do mundo há outro deus. Assim não resolvem a questão, nem o poderiam, se introduzem numa pequena questão outra considerável, dando um nó que não se pode desatar. De fato, para mostrar que sabem por que o Senhor foi receber o batismo da verdade justamente aos trinta anos, sem o saber, desprezam sacrilegamente o próprio Deus criador que o enviou para a salvação dos homens. E para que se pense que são capazes de explicar a origem da substância material, ao invés de acreditar que Deus criou do nada(22) todas as coisas e as fez existir como quis,(23) servindo-se da sua vontade e poder como substância, ajuntaram discursos vazios, demonstrando claramente a sua incredulidade. Assim, não prestando fé nas coisas reais caíram no irreal.

10,3. Quando dizem que das lágrimas de Acamot se originou a substância úmida, do riso a luminosa, da tristeza a sólida e do medo a móvel, enchem-se de orgulho por tão alta sabedora, como podem evitar a troça e o ridículo? Os que não acreditam que Deus, poderoso e rico de todas as coisas, criou a matéria porque não conhecem o poder da substância espiritual e divina, vêm depois a dizer que foi a sua Mãe, que chamam Mulher de mulher, a produzir toda a matéria da criação, quando submetida às paixões de que falamos antes. Eles querem saber onde o Criador foi buscar a matéria da criação, mas não

se perguntam onde a sua Mãe, que chamam de Entímese e ímpeto do Eão desgarrado, encontrou tantas lágrimas e tanto suor e tristeza para produção tão grande de matéria.

10,4. Atribuir a substância das coisas criadas ao poder e à vontade do Deus de todas as coisas seria crível, aceitável e coerente. Aqui é possível dizer com propriedade: "as coisas impossíveis aos homens são possíveis a Deus",(24) porque os homens não podem fazer nada com nada, mas somente com matéria preexistente. Deus, porém, é superior ao homem porque cria a matéria da sua criação, que antes não existia. Dizer, ao contrário, que a matéria foi produzida pela Entímese do Eão desgarrado, separado por grande distância dela, e que as paixões e a disposição da Entímese saídas dela se tornaram matéria é algo de inacreditável, fátuo, impossível e absurdo.

11,1. Eles não crêem que este Deus que está acima de todas as coisas criou pelo Verbo, no seu domínio, as várias e diversas coisas, como quis, por ser o Criador de tudo, o supremo arquiteto e o maior dos reis; mas acreditam que os anjos ou alguma Potência separada de Deus que não conheciam tenham feito este universo. Asim não acreditando na verdade e revolvendo-se na mentira, perderam o pão da verdadeira vida, e caíram no vazio e no abismo de sombra, semelhantes ao cão de Esopo que se lançava sobre a sombra de quem lhe dava o pão, perdendo a comida. Pelas próprias palavras do Senhor é facil demonstrar que ele admite um só Pai,(25) criador do mundo, modelador do homem, anunciado pela Lei e os profetas; que o Senhor não conhecia nenhum outro e que o Pai é o Deus que está acima de todas as coisas; que mostra e comunica a todos os justos, por meio dele, a filiação adotiva, em relação ao Pai, que é a vida eterna. (26)

11,2. Mas como gostam de criticar e de confundir o que está claro, apresentando-nos uma infinidade de parábolas e questões, houvemos por bem questioná-los, por nossa vez, em primeiro lugar sobre as suas doutrinas, para mostrar as suas invenções inverossímeis, acabar com seu descaramento e depois citar as palavras do Senhor para que não se limitem a propor questões, mas incapazes de responder sensatamente às perguntas que lhes são feitas e vendo desfeitas as suas argumentações, voltem à verdade, humilhem-se, renunciem às suas fantasias multiformes, obtenham o perdão de Deus das suas blasfêmias contra ele e se salvem. Ou então, se perseverarem no orgulho que se instalou nas suas almas, ao menos mudem a sua argumentação.

Notas

(1) Cf. Ex 20, 11; SI 145,6; At4,24; 14,15. Nestes capo de 1 a 2, Ireneu procura evidenciar que Deus não é outro ser diferente do Criador (Demiurgo). Só ele é quem fez todas as coisas: ele, o único e mesmo Deus.

(2) Jo 1,3.

(3) Cf. Gn 1,3.6.9.11.14.20.24.26.

(4) S1 32,9; 148,5.

(5) Cf. Nm 12,7; Hb 3,5.

(6) Gn 1,1.

(7) Ef 4,6.

(8) Cf. Lc 15,6

(9) Homero, Ilíada 4,43.

(I0) cf. Rm 1,20

(11) 11,27; Lc 10,20.

(12) cr. Rm 9,5

(13) Cf. Tg 2,19.

(14) Fl 2,10; lCor 15,27.

(15) Cf. Rm 9,5.

(16) Cf. Dn 7,10.

(17) Cf. Mt 5,16.45; 6,1.9.

(18) Rm 1,25.

(19) G1 4,8.

(20) Is 46,9.

(21) Cf. Ex 3,14.

(22) Cf. 2Mc 7,28.

(23) Cf. Sb 1,14.

(24) Lc 18,27.

(25) Cf. Mt 11,25

(26) Cf. Jo 17,2-3